

Dag Norberg

MANUAL PRÁTICO
DE LATIM MEDIEVAL

(I – BREVE HISTÓRIA DO LATIM MEDIEVAL)

Tradução: *José Pereira da Silva*

Rio de Janeiro
CiFEFiL
2007

INTRODUÇÃO

O *Manual de Latim Medieval* apresenta problemas particulares. Como este latim não é uma língua nova e autônoma, mas a continuação erudita e escolar do latim da época romana, não é prático partir da estaca zero, como se fez com muito proveito, em outros manuais da coleção "Connaissance des Langues", dirigida por Henri Hierche. Nossa obra supõe alguns conhecimentos do latim clássico, cujos elementos não serão repetidos aqui. Além disso, o latim medieval não apresenta uma unidade, tomando aspectos muito variados segundo as épocas, as regiões e o nível cultural dos autores que dele se servem. Para dar uma idéia desta variedade, achamos útil começar nossa obra por uma breve história desta língua, que será seguida de uma antologia de textos escolhidos para ilustrar a primeira parte do livro, acompanhados de uma tradução e de alguns comentários.

Nas introduções ao estudo do latim medieval que têm sido publicadas até aqui, como a de K. Strecker e R. B. Palmer, *Introduction to Medieval Latin* (Berlim, 1957), um espaço importante é consagrado às notícias bibliográficas, à história da literatura e das bibliotecas, à tradição da literatura clássica e à paleografia. Propositamente renunciamos a concorrer com esses manuais. Quanto à bibliografia, nós nos contentamos com algumas notas sumárias e remetemos à obra recentemente publicada por Martin R. P. McGuire, *Introduction to Mediaeval Latin Studies* (Washington, 1964), onde informações

mais detalhadas poderão ser encontradas. De fato, nosso estudo está limitado à língua, mas este estudo é conduzido de um modo novo. Ao invés de tratar do latim medieval como uma unidade, procuramos delimitá-lo em diversos domínios. Começamos pelo latim do baixo-império, que constitui o ponto de partida. Para a alta Idade Média, pareceu-nos necessário distinguir as regiões românicas das não-românicas. Nas primeiras, o latim era encontrado ainda em relações estreitas com a língua falada, na França até à época de Carlos Magno, na Itália e na Espanha, ainda mais tarde. Nas ilhas britânicas, ao contrário, a situação era completamente diferente. Lá, o latim era uma língua estrangeira que os letrados aprenderam na escola com muito sacrifício e sem encontrar apoio em sua língua materna. A reforma carolíngia, que merece um capítulo à parte, fez que as condições se tornassem semelhantes na França, e no início do segundo milênio, nem mesmo os italianos e os espanhóis podiam compreender o latim sem fazer alguns estudos mais ou menos aprofundados. Na baixa Idade Média, a escola latina era quase a mesma em todas as regiões ocidentais, criando uma unidade espiritual considerável no mundo sábio. Por isto é que nos permitimos agrupar num só capítulo todos os traços característicos desta época.

Nossa seleção de textos é mais passível de críticas. Alguns perguntarão por que não demos exemplos do estilo tão original de um São Bernardo ou de um Tomás Kempis, outros, por que não estudamos mais detidamente os traços locais dos textos medievais etc. Poderão ser enchidos facilmente vários volumes sem se conseguir esgotar o assunto. Nossa finalidade foi mais modesta. Não nos propusemos a apresentar uma antologia da literatura medieval, mas a colocar em evidência as diversas fases da língua deste período e a apresentar ao leitor alguns conhecimentos gerais a partir dos quais poderá

prosseguir com estudos especializados. Mesmo neste ponto de vista, aliás, todo manual continuará sempre mais ou menos imperfeito.

Não conseguiríamos terminar estas notas preliminares sem dizer o quanto devemos a M. Pierre Petitmengin. Ele nos fez a gentileza de ler o manuscrito deste livro e de nos sugerir mil preciosas correções e importantes observações. Somos felizes por lhe testemunhar aqui nosso vivo reconhecimento.

O LATIM DA IDADE MÉDIA

I. Breve história do latim medieval

No começo, o latim foi uma língua de pastores e de camponeses. Seu emprego estava restrito a Roma e seus arredores. Apesar do início humilde, o latim foi se tornando aos poucos uma língua de alta cultura, expandindo-se por todo o ocidente do império romano. Poucas línguas conheceram tão brilhante sucesso.

Mais importante ainda é a história do latim após a queda do império. O latim falado, conservando, durante muito tempo, uma estabilidade espantosa, nunca morreu; modificou-se de uma geração a outra, diferenciou-se, e esta evolução deu origem às línguas neolatinas ou românicas. O latim escrito também não deixou de ser empregado. Ele servia como meio de expressão tanto nas igrejas quanto nas escolas: era escrito e falado. É certo que o latim medieval já não era uma língua nacional e seu uso se limitava à classe erudita da sociedade. Mas, graças a isso, não conhecia fronteiras geográficas. Com o cristianismo, passa às regiões de línguas céltica, germânica, húngara e eslava, tornando-se uma língua comum a toda a civilização ocidental, imprimindo-lhe um cunho inapagável. Durante os primeiros séculos da época moderna, a elite intelectual ainda conhecia a fundo o latim, cuja importância prática só começará a diminuir após os me-

dos do século XVII. Mesmo em nossos dias, o latim conserva sua universalidade. As escolas o ensinam, mesmo do lado de cá do Atlântico; a Igreja Católica o pratica como língua litúrgica, as ciências e as técnicas antigas e novas recorrem a ele para constituírem o seu vocabulário. Por isso, aquele que deseja compreender a unidade e a complexidade de nossa civilização não pode se dispensar de estudar esta língua que, durante muito tempo, formou os espíritos. Língua alguma possui uma história parecida, língua alguma representou um papel comparável.

O período da história do latim de que trataremos aqui compreende uns mil anos. O fim desse período é claramente marcado pelo Renascimento. Seu início é mais difícil de ser determinado. A escola e a civilização romanas não desapareceram com a destruição de Roma pelos visigodos nem com a deposição do último imperador romano por Odoacro. Só aos poucos a organização romana foi deixando de funcionar, começando os homens a viver, a refletir e a se exprimir de um modo novo. O latim da Idade Média é a continuação do latim escolar e literário do baixo-império. A transformação foi feita muito lentamente. E, para compreender esse desenvolvimento, é necessário partir da situação lingüística anterior à queda do império.

O latim ao final da época imperial

No III século, o império romano conheceu crises violentas. Os persas, os godos, os alamanos e outros povos bárbaros infligiram aos romanos dolorosas derrotas; internamente, revoluções intermináveis começavam a minar o estado. Quando, por fim, os bárbaros foram repelidos e a unidade do império restabelecida, o mundo havia modificado profundamente. Roma já não era o centro da vida política e cultural. Os imperadores residiam em Milão, Tréviros e Constantinopla e mesmo em outras cidades. Estas cidades, assim como Cartago e outras capitais provinciais ofereciam freqüentemente um ambiente mais favorável à vida intelectual do que a antiga metrópole, com o que já se podia prever a futura decomposição lingüística.

O senado já não tinha importância política. O imperador, que se qualificava de *dominus* era onipotente, seus ministros formavam o *consistorium sacrum*, os funcionários da corte recebiam o título de *comites*, "companheiros do senhor, condes". Os imperadores impuseram à sociedade um sistema de castas segundo o qual todos estavam ligados a uma profissão ou ofício e a uma classe social. Ao mesmo tempo, instituiu-se um novo sistema de títulos honoríficos. O imperador podia ser chamado de *gloriosissimus*, *serenissimus*, *christianissimus*, os funcionários eram divididos em quatro classes, cujos sím-

bolos ou formas de tratamento eram *illustres, spectabiles, clarissimi* e *perfectissimi*. Dirigiam-se ao imperador através das seguintes palavras, entre outras: *vestra maiestas, vestra gloria, vestra pietas*, e a outras pessoas, segundo a sua classe, por *vestra excellentia, eminentia, magnificentia, spectabilitas* etc. Os títulos *beatitudo* e *sanctitas* eram reservados aos dignitários eclesiásticos. O imperador, falando de si mesmo, não dizia mais *ego*, mas *nos*, o súdito devia chamá-lo por *vos* e não *tu*. Este emprego do plural se expandiu muito rapidamente em todas as classes sociais influenciadas pela língua oficial e, em pouco tempo, permitiu-se o emprego do plural de reverência mesmo para se dirigir a colegas.¹ As repartições da administração imperial e, através de seu modelo, as chancelarias eclesiásticas introduziram também outras expressões que passaram no latim medieval. Por exemplo, serviu-se freqüentemente dos participípios *suprascriptus, supradictus, praedictus, praefatus, memoratus*, para substituir um pronome anafórico *is*. Na maior parte das línguas européias, o emprego excessivo dos vocábulos correspondentes, "supradito, sobredito, supramencionado" etc., é ainda um sinal de formalismo e de pedantismo. Do mesmo modo, substituiu-se freqüentemente *hic* por *praesens* e se escreveu *praesenti iussione praecipimus, scriptis praesentibus adhortamur, lator ou portitor praesentium (sc. litterarum), praesens portitor* etc. Daí as expressões francesas *par la présente* ou *les présentes, le présent porteur* etc. Havia grande predileção pelos ablativos absolutos do tipo *habita districtione (= cum districtione), excusatione cessante, omissa excusatione, excusatione postposita (= sine excusatione)*. O latim não tinha participípio presente do verbo *esse*. Tais casos se resolviam utilizando os participípios *consistens, cons-*

¹ Pode ser encontrado um estudo sobre o estilo administrativo do império em Fridh, *Terminologie et formules dans les Variae de Cassiodore*, Göteborg, 1956.

titutus, positus, por exemplo, quando se dirigia uma carta a tal ou qual funcionário *Romae constitutus*. Assim, parece que, na língua oficial do império, desenvolveu-se o emprego de um substantivo abstrato como *ministerium* e *imperium* no lugar de *minister* e *imperator*. Nas atas e nos diplomas da baixa Antigüidade e da Idade Média, encontramos freqüentemente *officium, obsequium, coniugium, matrimonium* com o sentido de "funcionário" e de "mulher". *Testimonium* sobrevive no francês *témoim*, *potestas* no italiano *il podestà*; cf. *Lex Sal.* 56,1 *tria testimonia iurare debent* "três testemunhas devem jurar"; *Cod. Theodos.* III,11,1 *ad magnificam potestatem qui principis auribus hoc possit intimare recurrat*, "que ele recorra a um alto funcionário que possa relatar isto ao imperador".

Em 313, o imperador Constantino promulgou o célebre edito de Milão, em que proclamou a liberdade das religiões, em 392, o imperador Teodósio proíbe os cultos pagãos e o triunfo do cristianismo foi total, a partir daí. Estas são duas datas de uma importância fundamental para o Ocidente, mesmo de um ponto de vista lingüístico. Os cristãos haviam levado uma vida distante, formando um grupo isolado da grande massa da população, desprezado e freqüentemente perseguido. Seu particularismo favoreceu a criação de um novo linguajar que os pagãos compreendiam tão mal quanto à nova ideologia. A partir de então, eles seriam os mestres da sociedade e impuseram aos outros suas idéias e sua língua.¹

Inicialmente, a nova religião foi praticada no Ocidente pelos orientais que falavam o grego e, durante quase dois séculos, o grego foi a língua da igreja, mesmo em Roma. Disso resultou que uma

¹ Esta questão foi estudada, sobretudo, por Chr. Mohrmann, *Études sur le latin des chrétiens*, I-III.

grande parte do vocabulário cristão proveio de empréstimo do grego. Tais são, sobretudo, os nomes que designam a organização e as instituições da igreja que se latinizaram. Assim *ecclesia* é um empréstimo muito antigo, como o prova a acentuação *ecclésia* e não *ecclesiá* (ver abaixo). Outros vocábulos desse gênero são *episcopus*, *presbyter*, *diaconus*, *martyr*, *evangelium*, *baptisma* ou *baptismus*. Por intermédio da Bíblia, alguns hebraísmos foram bem sucedidos até no Ocidente, por exemplo, *sabbatum*, *pascha*, *satanas*, *gehenna*. Os latinos incorporaram tão bem estes vocábulos a sua língua que até puderam juntar a eles sufixos da própria língua. É assim que criaram hibridismos como *episcopatus*, *episcopalis*, *baptizator*, *paschalis*.

Entretanto, é muito interessante ver que então as realidades mais ou menos concretas foram expressas por vocábulos emprestados, foram preferidos vocábulos latinos para exprimir as noções abstratas da fé cristã. Os antigos vocábulos latinos *credere*, *fides*, *gratia*, *salus*, *revelatio* assim como outros, tomaram o mesmo conteúdo cristão que tinham os vocábulos gregos correspondentes. Para formular a nova ideologia em latim, foram forjados, além disso, grande quantidade de vocábulos novos. É com o cristianismo, por exemplo, que aparecem *salvare*, *salvator*, *sanctificare*, *sanctificatio*, *trinitas*, *incarnatio*, *carnalis*, *passibilis*, *transgressor*. Os pagãos acusavam os cristãos de turvar a pureza da língua. Mas, Santo Agostinho responde (*Serm.*, 299,6) a propósito de *salvator*:

Nec quaerant grammatici quam sit latinum, sed christiani quam verum. 'Salus' enim latinum nomen est. 'Salvare' et 'salvator' non fuerunt haec latina antequam veniret salvator. Quando ad latinos venit, et haec latina fecit.


"Os gramáticos, que não questionem se o vocábulo é latino, mas sim os cristãos se ele é verdadeiro. *Salus* é um vocábulo latino,

salvare e *salvator* não existiam antes da vinda do Salvador. Quando ele veio para os latinos, estas realidades foram introduzidas em latim."

Os cristãos ocidentais podiam, às vezes, escolher entre diversos vocábulos latinos, quando se encontravam diante da tarefa de exprimir suas idéias. O latim possuía uma série de verbos com o sentido de "rezar": *obsecrare*, *orare*, *petere*, *precari*, *rogare* etc. Desses verbos, *orare* foi logo suplantado pelos outros na língua corrente e só continuou sendo empregado em algumas fórmulas fixas que tinham quase sempre um sabor arcaico e solene. É por isso que foi escolhido para designar a oração cristã, dando-se uma vida nova a um vocábulo que estava em vias de desaparecimento da língua latina. É também muito instrutivo considerar a história do vocábulo *gentes*. Para representar a expressão "os pagãos", os cristãos hesitaram, inicialmente, entre o empréstimo grego *ethnici* e os vocábulos latinos *nationes* e *gentes*. Finalmente, venceu o último termo. A razão é que, já na língua clássica, ele continha um sentido pejorativo, visto que havia o costume de opor as duas expressões *populus Romanus* e *gentes*. O significado de *gentes* passou a ser, por causa desta oposição, "povos estrangeiros" e "bárbaros", com um quê de desprezo que favoreceu o emprego cristão do vocábulo e sua transformação em "não-iniciados", "pagãos".

Tem-se acentuado a importância do livro para a religião cristã. É natural que o latim cristão tenha sofrido uma profunda influência da língua da Bíblia, que todo o mundo entendia na igreja, mesmo os mais humildes, que não sabiam ler. Ora, as antigas traduções da Sagrada Escritura eram muito literais e, de certa maneira, o hebraico e o grego exerceram certa influência, até no domínio da sintaxe. Eis dois

exemplos que ilustrarão o mecanismo e o resultado desta influência bíblica.

O primeiro diz respeito à sintaxe. No latim vulgar, podemos constatar certa tendência a ampliar o emprego da preposição *in*. Não se dizia somente *in manu tenere*, *in equo vehi*, mas ainda *offendere aliquem in aliqua re* etc. Os antigos tradutores se apoiaram nesta tendência quando escreveram frases como Êxodo, 17,5 *virgam in qua percussisti flumen accipe in manu tua*, "toma em tua mão a vara com que feriste o rio", e Êxodo, 17,13 *fugavitque Iosua Amalec et populum eius in ore gladii*, "Josué pôs em fuga Amalec e seu povo ao fio da espada". Mas eles não teriam jamais escolhido uma expressão tão audaciosa e tão surpreendente aos ouvidos latinos, se não tivessem lido na versão dos Setenta frases em que a preposição grega  tinha o mesmo sentido instrumental. Este emprego da preposição grega depende, por sua vez, da construção no original hebraico. O exemplo hebraico influenciou, portanto, na versão grega e esta estimulou uma tendência que se encontrava na língua latina. Entretanto, era tão fraca esta tendência que Santo Agostinho se viu obrigado a explicar o exemplo que acabamos de citar com as seguintes palavras '*in qua percussiti*' dixit pro eo quod dicimus '*de qua percussisti*', sublinhado que *in* no lugar de *de* pertencia à linguagem bíblica. Seguindo o exemplo da Bíblia, os Padres se servem muito freqüentemente de um *in* instrumental que, de certo modo, se tornou usual no latim literário dos cristãos.

O outro exemplo é, talvez, ainda mais instrutivo. Em sua tradução do texto hebraico, os Setenta escolheram freqüentemente um único vocábulo grego para traduzir certo vocábulo hebraico, sem se preocupar com a polissemia do original. Assim, o hebraico *ma`sa`l*,

"comparação", "provérbio", "discurso", "palavra", é sempre traduzido por PARABOLÉ, embora o vocábulo grego só possua o sentido de "comparação". Nas verses latinas da Bíblia, freqüentemente se tomou emprestado o vocábulo grego *parabola* em todos os sentidos do original hebraico, mesmo o de "vocábulo", "palavra". Na linguagem bíblica, o uso de *parabola*, "palavra" se expandiu na língua corrente dos cristãos e quando o cristianismo, após a paz constantiniana, se estendeu a toda a sociedade, *parabola* se tornou um vocábulo corriqueiro. Criou-se um verbo *parabolare*, que encontramos pela primeira vez num texto da época merovíngia, a *Visio Baronti*, cap. 1: *ille nihil homini valuit parabolare sed digito gulam ei monstrabat*, "ele nada podia dizer ao homem, mas lhe indicava com o dedo sua goela". O italiano *parlare*, e o francês *parler* mostram que no latim falado da baixa Antigüidade este verbo já havia substituído *loqui* que não deixou traço nas línguas românicas.¹ As revoluções política, social e espiritual dos III e IV séculos desenvolveram também outras forças que irresistivelmente transformaram a língua. O latim clássico foi criado e cultivado por uma elite romana. Nesta época de confusão, Roma e a Itália cederam lugar às províncias, e as altas classes da sociedade se renovaram. Não se podia mais preservar uma sutileza como o ritmo quantitativo. Na pronúncia clássica, o acento era musical, o que quer dizer que ele comportava necessariamente uma elevação da voz, enquanto o elemento de intensidade era muito sutil. Os romanos não tinham dificuldade para perceber a diferença entre as sílabas longas e as sílabas breves, e a quantidade tinha, então, uma função fonológica: *`ānus*, "mulher idosa", diferenciava-se de *ānus*,

¹ Para esses exemplos, ver E. Löfstedt, *Syntactica*, II, p. 452 e s., e *Late Latin*, p. 81 e s., G. A. Beckmann, *Die Nachfolge- konstruktionen des instrumentalen Ablativs*, p. 84 et. s.

"anel", assim como de *annus*, "ano". Mas durante o século III uma nova pronúncia se generalizou. O acento foi carregado cada vez mais de intensidade, até que se tornou essencialmente um acento dinâmico. A intensidade crescente do acento confundiu inteiramente o antigo ritmo quantitativo. As vogais breves atingidas pelo acento se tornaram longas e as vogais longas inacentuadas se abreviaram. Isto quer dizer, entre outras coisas, que o tipo *ānus* desapareceu da língua falada. Santo Agostinho constata que seus compatriotas já não entendiam a quantidade clássica das sílabas e que se dizia, por exemplo, *cāno* por *cāno*. O gramático Donato fala da pronúncia *dēōs* ao invés de *dēō*. O novo ritmo da língua se fundamentava nos acentos, como nas línguas românicas atuais. Para a versificação, o enfraquecimento da quantidade clássica foi de importância capital, como veremos mais adiante. Para o sistema fonético da língua falada, as consequências não foram menos graves¹.

Sabe-se que, nas sílabas abertas acentuadas, *i* e *u* breves receberam o mesmo timbre que *e* e *o* longos. Na maior parte da România, *piram* se tornou *pěra* e, um pouco mais tarde, *gulam* se tornou *gōla*, com os mesmos sons que *tēla* e *sōla* (cf. italiano e espanhol *pera*, *tela*, *gola*, *sola*, francês *poire*, *toile*, *gueule*, *seule*). Ao mesmo tempo, as antigas vogais *ě* e *ō* se ditongaram: *fěrum* passou a *fěro* > *fiero* e, pouco mais tarde, *nōvum* a *nōvo* > *nuovo* (cf. italiano *fiero*, *nuovo*, espanhol *fiero*, *nuevo*, antigo francês *fier*, *nuef*). O antigo ditongo *ae* que desde a época republicana tendia a simplificar-se em um *e* aberto, foi tratado da mesma maneira que *ě*. Assim, *caelum* tornado *c,elu*,

¹ Para a história do latim falado, remetemos aos manuais dos romanistas. O problema foi tratado em seu conjunto, ultimamente, por V. Väänänen, *Introduction au latin vulgaire*.

se pronunciava agora *cielo* (cf. italiano e espanhol *cielo*, francês *ciel*). A monotongação de *oe* resultou num *ê* fechado; a vogal acentuada de *poena*, por exemplo, não se diferenciava da de *vēna* (cf. italiano e espanhol *pena*, *vena*, francês *peine*, *veine*).

A ortografia latina foi perturbada por estas modificações da pronúncia. Nas inscrições da época imperial, encontramos grafias como *vecēs*, *menūs*, *colomnas* por *vices*, *minus*, *columnas* ou *egrotus*, *eris*, *Advaentu*, *Numaerio*, *amēnus*, *Phēbus* ao invés de *aegrotus*, *aeris*, *Adventu*, *Numerio*, *amoenus*, *Phoebus*. Nos autores da alta Idade Média, a ortografia é freqüentemente tão caótica que dificilmente se pode decifrar o sentido do texto e fazer-se uma idéia da pronúncia que se esconde atrás do emprego inábil das letras *i*, *e*, *u*, *o*, *ae*, *oe*, como veremos mais adiante.

As vogais átonas tendem a ser suprimidas; e esta síncope se torna cada vez mais freqüente, à medida que se desenvolve o acento de intensidade. No *Appendix Probi*, manual de ortografia da baixa Antigüidade, lemos regras como: *masculus non masclus*, *vetulus non veclus*, *frigida non fricda*, *tabula non tabla*, *viridis non virdis*. Dessas formas sincopadas derivam os vocábulos franceses *mâle*, *vieil*, *froid*, *table*, *vert*.

Desaparecido o ritmo quantitativo, a velha regra da penúltima já não podia funcionar. Isto porque os vocábulos tomados de empréstimo ao grego foram tratados de uma maneira diferente à época clássica (ou arcaica) e mais tarde. Na época de Cícero, falando sua língua materna, um romano não podia preservar a acentuação grega de vocábulos como *philosophía* e *Akadêmeia*¹. Isto de colocar o acento na

¹ Estas palavras gregas estão escritas em caracteres gregos no original.

penúltima breve ou de não acentuar uma penúltima longa seria contra o gênio da língua latina. Logo, Cícero dizia *philosóphĭa* e *academī'a*. Mas, após o enfraquecimento das quantidades vocálicas que também ocorreram na língua grega, os latinos puderam adotar a acentuação estrangeira *philosophía* e *académia*. No latim falado do fim da Antigüidade, havia, portanto, duas maneiras de acentuar os vocábulos gregos. Os empréstimos que penetraram na língua corrente antes das grandes mudanças do III século eram inteiramente latinizados: *kamā-ra* e *ècclesĭa*, por exemplo, se tornaram *cámera* e *ecclésia*. Os empréstimos mais recentes conservaram a posição do acento grego. Assim *Ēremos* deu *éremus*, como se vê pelas formas românicas, italiano *éremo* e *ermo*, espanhol *yermo*, antigo francês *erm*. Há mesmo alguns vocábulos que receberam um duplo tratamento, como *bútyron* e *ĕgkauston*, que aparecem na Itália sob as formas latinizadas *but'yrum* e *encaústum* (donde o italiano *butirro* e *incostro* > *inchiostro*, na Gália, com a acentuação grega *bútyrum* e *éncaustum* (donde antigo francês *burre* > *beurre* e *enque* > *encre*). No latim literário do fim da Antigüidade e da Idade Média, a situação é completamente confusa. Segue-se freqüentemente o sistema clássico aplicado (= *appris*) principalmente para os estudos dos antigos poetas e para se escrever, por exemplo, em versos métricos, *sophĭa*, mas o tipo recente *philosophĭa*, *academĭa*, *abyſsus*, *problĕma* e mais corrente. Do mesmo modo, encontramos na poesia rítmica *Antióchia*, *Alexándria*, *Theódorus*, *orthódoxus*, *týrannus*, *spéleum*, *sarcophágus*, *Christophórus* para os vocábulos gregos *`Antiócheia* etc. Somente se o modelo era polissilábico e oxítono, os latinos não podiam conservar a acentuação do original. Nesse caso, eles entendiam um acento secundário sobre a antepenúltima e desta maneira os vocábulos desse tipo puderam tornar-

se proparoxítonos em latim: *Thesaurós*, *baptismmós*, *`Agathá* são, às vezes, acentuados *thésaurus*, *báptismus*, *°gatha* nos poemas latinos¹.

É necessário, além disso, prestar atenção para alguns deslocamentos do acento que ocorrem em certos vocábulos de origem latina. Em geral, o lugar do acento não mudou, no entanto, notam-se algumas exceções. Acontece notadamente que o acento de um verbo composto passa do prefixo para o radical, cuja vogal original é freqüentemente restituída. Assim, *cont`ínet* foi substituída por *conténet* na língua falada (italiano e espanhol *contiéne*, francês *contient*). Os textos apresentam muitos exemplos desta recomposição: *depremit*, *displacet*, *incadit* etc., e a versificação confirma freqüentemente a acentuação na penúltima, mesmo quando a vogal não muda: *indúit*, *invócat*, *retúlit* etc. O fato de que nesses casos a penúltima foi breve na época clássica não impedirá o deslocamento do acento porque o ritmo quantitativo desapareceu e porque a regra da penúltima parou de funcionar.

Um outro grupo de vocábulos em que o acento sofreu um deslocamento é aquele em que a penúltima se compõe de uma vogal breve seguida de uma *muta cum liquida*. Sabe-se que a acentuação clássica era do tipo *intēgrum*. Na língua falada, a penúltima sílaba passou logo a travada e recebeu o acento: *intég-rum*; cf. italiano *intéro* e *intiéro*, espanhol *entéro*, francês *entier*. Na Idade Média, os professores e os poetas não compreenderam muito bem esta evolução e as regras dos antigos gramáticos. Eles pronunciavam *intēgrum*, mas sabiam que este vocábulo devia escandir-se segundo Donato, *intē-*

¹ Cf. J. André dans *Bulletin de la Soc. de linguistique de Paris*, LIII, 1957-1958, p. 138 et ss., e os exemplos que tiramos em *Latomus*, XV, 1956, p. 354. Ver também nossa *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, onde as mudanças prosódicas de que falamos acima foram tratadas às p. 10 e ss.

grum, e em sua ambição de restaurar a prosódia clássica, mudaram freqüentemente *arātrum*, *theātrum*, *candelābrum*, *lavācrum*, *dolābra*, *salūbris*, *delūbrum*, vocábulos nos quais a penúltima é longa por natureza, em *áratrum*, *théatrum*, *candélabrum*, *lávacrum*, *dólabra*, *sálubris*, *délubrum*.

Notamos, enfim, que nos paroxítonos do tipo *filiolum*, *mulierem*, *parietem*, o acento passou de *i* (ou de *e*) para a vogal seguinte que se fechou e alongou, cf. italiano *figliuolo*, espanhol *hijuelo*, francês *filleul*, a. italiano *mogliera*, espanhol *mujer*, antigo francês *moillier*, italiano *parete*, espanhol *pared*, francês *paroi*. Já na baixa latimidade, encontramos freqüentemente em poesia uma vogal longa nos vocábulos *viōla*, *liliōla*, *filiōlus*, *muliērem*, *pariētem* etc.

O latim falado do baixo império sofreu diversas outras modificações fonéticas. Não podemos mencionar aqui senão as que tiveram uma importância especial para o latim medieval.

As vogais *e* e *i* em hiatos fecharam-se para chegarem à semi-consoante *y*: *vinea* > *vinya* > italiano *vigna*, espanhol *viña*, francês *vigne*. O autor do *Appendix Probi* previne seus alunos contra as grafias *vinia*, *cavia*, *lancia*, *calcius*, *baltius*, grafias que encontramos mil vezes no latim merovingiano. Paralelamente, *o* e *u* em hiatos se fecharam numa semiconsoante; cf. *Appendix Probi*: *vacua non vaqua*, *vacui non vaqui*. Por vezes, estas vogais, pura e simplesmente desapareceram. Ao invés de *quietus*, *Neapolis*, *duodecim* dizia-se *quetus*, *Napolis*, *dodeci*, pronúncia que se reflete nas sinéreses (synizèses) da poesia medieval. Diante do grupo inicial *sp*, *sc*, *st*, desenvolve-se uma vogal protética: *ispiritus* ou *espiritus*, *escola*, *estella*, *espectare* (freqüentemente escrito *expectare* e confundido com o verbo composto *ex-spectare*); inversamente, tem-se *Spania* por (*H*)*ispania*.

No início da época imperial, o *b* intervocálico e a semiconsoante *u* atingiram ambos a uma bilabial constrictiva (β); daí as confusões entre as letras *b* e *u*, atestadas, por exemplo, nas inscrições: *devere, iuvente* < *debere, iubente* etc., e no *Appendix Probi* onde se encontra, entre outras, *baculus non vaclus, tabes non tavis, plebes non plevis, alveus non albeus*. Mais tarde, a bilabial *u* se tornou labiodental (*v*); a antiga articulação só se conservou depois de *g* e *q* (*língua, aqua, qualis*). Na mesma época, os germanos ainda possuíam uma bilabial em vocábulos como *werra, wardon*. Por isso, quando os romanos tomaram emprestados estes vocábulos, tentaram representar o som inicial por *gu*: *guerra, guardare*.

Quando lemos no *Appendix Probi*: *coquus non cocus, equus non ecus, rivus non rius*, esses exemplos mostram que o som *u* entre vogais ou depois de consoante tendia a se fundir na vogal homorgânica. Desse modo, *quomodo* se reduz a *comodo* e *como* já nas inscrições de Pompéia. A aspiração *h*, que, desde a época pré-literária estava em vias de desaparecer, só servia na língua tardia como sinal ortográfico, o que dava lugar a numerosas confusões: por um lado, *ac, ortus, ordeum, aduc* etc. para *hac, hortus, hordeum, adhuc*, por outro, *habundare, perhennis, choibere, hanelare* (cf. francês *haleiner*) por *abundare, perennis, cohibere, anhelare*.

Não podemos seguir detalhadamente a evolução dos sons *y*, *dy*, *gy* (= *i, di, de, gi, ge* diante de vogal), dos quais resultaram, por exemplo: *iam* > italiano *già*, espanhol *ya*; *diurnum* > italiano *giorno*, francês *jour*; *radium* > italiano *raggio*, espanhol *rayo*, francês *rai*; *corrigia* > italiano *correggia*, espanhol *correa*, francês *courroie*. Esta evolução é atestada desde a época imperial, nas inscrições e nos textos, por grafias como *iosum* ou *zosum* = *deorsum*, *baptidiare* = *bap-*

tizare, *Gianuaria* = *Ianuaria*, *azutoribus*, *oze*, *zabolus*, *zeta* = *adiutoribus*, *hodie*, *diabolus*, *diaeta*. Os sons *ty* e *ky* sofreram uma assibilação análoga. Nas tabuinhas execratórias dos séculos II e III já se lê *Vincentzus*, *Vincentzo* (< *Vincentius*), *ampitzatru* (< *ampitiatru* < *amphitheatrum*); *ci* diante de vogal deu um resultado semelhante como se pode concluir das confusões *terciae* = *tertia*, *defenicionis* = *definitionis* etc., que aparecem nas inscrições a partir do II século. Nos textos da Idade Média, as grafias *gracia*, *spacium*, *contemplacio*, *racionabilis* são numerosas, enquanto que o erro inverso, *provincia*, *offitium* etc., é muito menos freqüente.

Ge, *gi* e *ce*, *ci* palatalizaram e assibilaram-se na maior parte da România. Nesta posição, a sorte do *g* foi a mesma que a do *i*; cf. *generum* > italiano *genero*, espanhol *verno*, francês *gendre* e *iacere* > italiano *giacere*, espanhol *yacer*, francês *gésir* e as grafias *Troga* = *Troia*, *agebat* = *aiebat* etc. Os primeiros exemplos da palatalização de *ce*, *ci* remontam ao V século, época em que aparece uma forma como *intcitamento*. Trataremos desse fenômeno um pouco mais adiante.

Certos grupos intervocálicos tenderam a simplificar-se. Assim *-nct-* tornou-se *-nt-*: ao invés de *sanctus*, *cunctus*, por vezes se dizia *santus*, *cuntus* (cf. italiano e espanhol *santo*, enquanto que o francês *saint* supõe a conservação da palatal). Muito mais cedo, *-ns-* se reduziu em *-s-* (fato panromânico). Desde a época arcaica, *cesor* ao invés de *ensor* é atestado e o autor do *Appendix Probi* prescreve: *ansa non asa*, *mensa non mesa*, mas alerta também para falsas analogias: *formosus non formunsus*, *occasio no occansio*. No grupo em *-mn*, as duas nasais assimilaram em *-nn* e, às vezes, em *-mm-*. É por isto que se encontram formas como *alunnus* ou *sollemmo* nas inscrições e, na

Idade Média, nos textos (cf. italiano *danno* < *damnum*, francês *somme* < *somnum*). As línguas românicas supõem também certa tendência para a assimilação nos grupos *-pt-* e *-ps-* (donde as grafias *settembris*, *scriserunt* etc.), assim como nos grupos *-ct-* e *-cs-* (cf. *ottobres*, *autor*, *vissi*, *visit* < *vixit*). *Ks* se reduziu a *s* também noutras posições, como o mostram as grafias *dester*, *iusta*, *conius* < *dexter*, *iuxta*, *coniux* e os conselhos do *Appendix Probi*: *meretrix non menetris*, mas de outro lado: *miles non milex*.

No que diz respeito às consoantes finais, sabe-se que o *m* tinha uma articulação muito fraca desde o início da literatura latina. No período imperial, a tendência a suprimir este som generaliza-se. O *Appendix Probi* diz: *numquam non numqua*, *idem non ide*, *olim non oli*. Nos vocábulos proclíticos *haud*, *sed*, *ad*, *apud*, *quod*, *quid* a consoante final perdeu cedo sua sonoridade diante de uma consoante surda. Encontramos, nas inscrições, por exemplo: *at quem*, *aput forum*, *quot scripsi*. Daí uma grande incerteza na ortografia desses vocábulos. A variação *apud-aput*, *quid-quit* causou, entre outras, as grafias *capud*, *reliquid*. Mas, aqui, é necessário levar em consideração também o enfraquecimento do *t* final na língua falada, atestada já em Pompéia: *quisquis ama valia*, *peria qui nosci amare* = *quisquis amat*, *valeat*; *pereat qui non scit amare*.

Também no domínio da morfologia e da sintaxe, o latim falado conheceu mudanças consideráveis. As fontes nos permitem constatar o início do declínio do neutro, que foi geralmente substituído pelo masculino (*vinum* > *vinus*, *hoc vinum* > *hic vinum*), mas cujo plural, no sentido coletivo, transforma-se por vezes num feminino (*folium* > *folia*, italiano *foglia*, espanhol *hoja*, francês *feuille*).

Os substantivos da quarta declinação passam à segunda, os da quinta à primeira (*fructus*, genitivo *fructi* como *murus*, *muri*; *glacies* > *glacia*). A partir do modelo *niger*, *nigra*, *nigrum* começa a declinar-se *acer*, *acra*, *acrum*; *pauper*, *paupera*, *pauperum*. Quando já não se podia mais discernir entre *ōs*, "boca", e *ōs*, "osso", este último substantivo mudou-se em *ossum*, *ossi*, forma aceita por Santo Agostinho. No interior da terceira declinação, os substantivos imparissílabos do tipo *bos*, *bovis*; *lac*, *lactis* cedem a uma tendência ao nivelamento e obtêm um novo nominativo *bovis* e *lacte*.

O sistema dos casos começa a oscilar. O vocativo está em plena retirada, substituído pelo nominativo, e uns rodeios preposicionais, sobretudo com *de*, *ad*, *per*, *cum*, cada vez mais substituem o genitivo, o dativo e o ablativo. Depois das preposições, o emprego do acusativo tende a generalizar; encontramos já nas inscrições de Pompéia *a pulvinar*, *cum discentes suos*. No singular, a evolução dos sons finais leva a uma fusão do acusativo com o ablativo: *portam* > *porta*, *murum* > *muro*, *canem* > *cane*. A hesitação da língua entre esses dois casos é observada também em algumas construções. Já não se distingue claramente *ubi* de *quo*, *in provincia* de *in provinciam*, *in civitatibus* de *in civitates*; o acusativo começa a ser empregado como objeto direto dos verbos *uti*, *egere*, *maledicere*, *nocere*, *persuadere* e outros e substitui, às vezes, o genitivo de preço (*vendere aliquid decem solidos* etc.). Um acusativo absoluto aparece no lugar de um ablativo. Quanto ao adjetivo e ao advérbio, notemos a confusão do positivo, do comparativo e do superlativo. Nos autores tardios encontramos muitas vezes *quam plures* = *complures*, *tam clarissimus* = *tam clarus*, *omnibus maximus* como *maior omnibus*, *bonus quisque* = *optimus quisque*, *citius*, *saepius*, *superius* por *cito*, *saepe*, *supra*. O

comparativo se exprime cada vez mais com o auxílio de *magis* e *plus*, o advérbio por perífrases como *firma mente*.

Os pronomes tendem a normalizar suas formas. Frequentemente se lê *illum* por *illud*, *illae* por *illius*, *illo* e *illae* por *illi*. Na língua falada, os relativos *qui* e *quem* suplantam as formas femininas *quae* e *quam*, e o paradigma se simplifica também pela fusão das formas *quod*, *quid* e *quae*.

O sistema dos demonstrativos era muito complicado para poder subsistir. *Is* e *hic*, de que restam poucos traços nas línguas românicas, são substituídos por *iste*, *ille*, *ipse*, e estes se confundem frequentemente. *Ipse* pode também ter o sentido de *idem*. Os monossílabos *tot* e *quot* cedem diante de *tanti* e *quantum*. Os advérbios *hinc*, *inde*, *unde* e *ibi* são empregados, frequentemente no lugar de *ab*, *ex*, *de* + demonstrativo.

Um pronome reflexivo pleonástico se ajunta frequentemente a um verbo: *ambulare sibi*, *vadere sibi* ou *vadere se*, *fugere sibi* etc. (cf. italiano *andarsi*, *fuggirsi*, espanhol *irse*, *huirse*, francês *s'en aller*, *s'enfuir*). Assinalemos, além disso, o emprego de *toti* por *omnes*, de *quique* por *omnes* e a confusão dos relativos *quisquis*, *quicumque* e dos indefinidos *quivis*, *quisque*.

Quase todas as formas sintéticas do futuro latino desapareceram sem deixar traços nas línguas românicas. O início de seu enfraquecimento foi devido ao emprego crescente de rodeios perifrásticos que podem ser constatados na literatura desde o período imperial. *Debere*, *velle*, *habere* com um infinitivo exprimem assim frequentemente não somente a obrigação ou a vontade, mas ainda o futuro puramente temporal; cf. Santo Agostinho, *In evang. Joh.*, 4,1,2 *tempestas illa tollere habet totam paleam* "esta tempestade levará toda a pa-

lha". Nas proposições finais e consecutivas, *debere, velle, posse, valere* servem freqüentemente para reforçar a noção do subjuntivo; *praecipimus ut hoc facere debeatis* tornou-se uma construção freqüente no lugar de *ut hoc faciatis*.

As formas depoentes foram eliminadas bem cedo da língua falada; nos textos, encontram-se freqüentemente *horto, uto, vesco* etc. Em compensação, os perfeitos do tipo *mortuus est, secutus est* resistiram e até mesmo serviram de modelo às inovações *interitus est, ventus est* etc., que costumam ser encontradas na Idade Média. Parece, entretanto, ter sido somente após a queda do império que a passiva sintética *laudatus est = laudatur* ou o perfeito *habeo laudatum = laudavi* ganhou terreno.

Enquanto os supinos caem em desuso, o emprego do infinitivo se amplia muito. Torna-se freqüente após *facere*, em construções como *facere aliquem venire* "fazer vir alguém". É nas antigas versões da Bíblia que encontramos pela primeira vez um infinitivo precedido da preposição *ad*: *carnem dare ad manducare*, construção destinada a um grande sucesso na língua falada da alta Idade Média. Ela parece resultar de um cruzamento das locuções *dare aliquid manducare* e *dare aliquid ad manducandum*.

O ablativo do gerundivo substitui freqüentemente o participípio presente para exprimir a concomitância: a frase *redierunt dicendo psalmos* empregada na *Peregrinatio Aetherae*, concorre com *redierunt dicentes psalmos* e anuncia o emprego românico "voltam cantando salmos".

A língua tardia de todos os dias adora reforçar o sentido dos advérbios com o auxílio de uma preposição: *in simul, in ante, ab ante, a foris, de foris, ab intus, de intus*. Vários desses novos advérbios

têm servido também de preposições. Também se pode lembrar a formação de preposições como *de ab* (> italiano. *da*), e *de ex* (> francês *dès*) ou *de ex de* (> português *desde*).

Um traço característico do latim tardio é a confusão das conjunções. Assim, *nam* toma, por vezes, um valor adversativo, *autem* se emprega no lugar de *nam*, *seu* e *vel* no lugar de *et*. Por causa deste enfraquecimento de sentido, bom número de conjunções terminou desaparecendo da língua corrente, entre outras *sed*, *autem*, *at*, *verum*, *nam*, *enim*. Mas, no latim literário, sempre se encontra, e freqüentemente de uma maneira inesperada: *nec non etiam et* toma o lugar de um simples *et*, *ideoque*, *iamque*, *tam* - *quamque* e de outras expressões que comportam um *-que* pleonástico (sabe-se que *-que* desapareceu da língua falada na época imperial).

A conjunção *quod* tende a introduzir-se por toda a parte. Encontra-se em construções como *dico quod* (ou *eo quod*, *quia*, *quoniam*), *timeo quod*, *volo quod* (ou *quatenus*, *qualiter*, *quo*), *ante quod*, *post quod*, *pro quod*.

Ainda existem várias modificações lingüísticas que mereceriam ser mencionadas, mas como teremos oportunidade de falar disso mais tarde, paremos por aqui. Acrescentemos somente alguns fatos gerais concernentes ao léxico. Os monossílabos têm sido substituídos freqüentemente por vocábulos de duas ou mais sílabas. Assim, *eo*, *eunt*, tornados monossílabos, e *is*, *it* são descartados da conjugação do presente que, no latim tardio, era *vado*, *vadis*, *vadit*, *imus*, *itis*, *vadunt*, como podemos ver nos textos. Os diminutivos e os verbos iterativos eram mais expressivos que os vocábulos simples. Por isso, preferiu-se *agnellus* a *agnus*, *cantare* a *canere*. Os verbos compostos

são reforçados, freqüentemente, pelo acréscimo de um novo prefixo:
adpertinere, superelevare etc.

O latim na Gália até a época de Carlos Magno

Apesar das mudanças que acabamos de assinalar, a língua falada do baixo-império conservava, no conjunto, a estrutura latina, e a queda do poder de Roma não trouxe inovações imediatas. Nos novos reinos germânicos, fundados sobre as ruínas do antigo império, os príncipes bárbaros já não eram hostis à cultura romana. A maior parte deles aceitou passivamente sua existência; alguns, como o grande Teodorico, chegaram mesmo a proteger os estudos. Os compatriotas suportaram muito bem da invasão; os invasores haviam saqueado, queimado e assassinado, mas, passado o furacão, foram reparados os maiores estragos e, no conjunto, a vida dos romanos prosseguia como antes. Os vencedores, pouco numerosos, sabiamente deixaram subsistir a maior parte do antigo sistema administrativo, a população romana continuou a viver segundo suas leis, os gramáticos e os oradores continuaram ensinando no fórum das cidades. Os próprios bárbaros, muitas vezes, começaram a familiarizar-se com a cultura latina e empregaram o latim, por exemplo, como língua da diplomacia e da legislação¹.

Portanto, esta osmose não teve como resultado a conservação da cultura antiga. Ao norte da Gália, onde o elemento bárbaro da po-

¹ Ver P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occidente barbare*, p. 55 e ss.

pulação era bastante grande, os francos conservaram seus costumes nacionais; e seu prestígio junto à população submissa era tão grande que esta terminou por adotar o direto e as instituições dos bárbaros. Os latinos tomaram logo emprestados dos vencedores alguns vocábulos como *mundboro* (nos textos latinos *mundiburds*), antigo francês *mainbour*, *brunnia*, antigo francês *broigne*, *gundfano*, francês *gonfanon*, *baco*, francês *bacon*. O número considerável de empréstimos desse gênero testemunha a mudança de espírito entre os romanos no reino dos francos.

Em 507, os francos expulsaram os visigodos de Tolosa; em 536 eles anexaram o reino dos borgundos. Fazendo isto, estenderam sua influência às partes da Gália que conservaram fielmente, até esta época, seus caracteres romanos. Na Aquitânia, na Provença e na Borgúndia, a vida urbana ainda subsiste e as cidades parece haver pago professores até por volta do fim do século V e, talvez, até mais tarde. Mas, à época da conquista franca, a situação econômica das cidades se deteriorava, os novos professores não conseguiam levar remédio algum para esse mal e as autoridades municipais já não podiam encarregar-se dos vencimentos de um gramático e de um orador. As escolas fechadas, o ensino das letras clássicas refugiou-se no seio das grandes famílias aristocráticas, onde levou uma existência cada vez mais miserável durante um século mais ou menos. A partir da metade do século VII, o antigo sistema escolar desapareceu completamente, sistema que havia produzido uma cultura essencialmente gramatical e literária. É por causa disso que a escola antiga pôde exercer uma grande influência conservadora sobre a evolução lingüística. As escolas dos padres e dos monges, única forma de educação que permanece a partir de agora, buscavam fins totalmente diferentes

e muito mais restritos. Os padres e os monges tinham necessidade do acesso aos textos sagrados e, para isto, bastava-lhes saber ler.

Com o desaparecimento da escola antiga, nada mais podia retardar a evolução da língua. O latim falado na Gália transformou-se rapidamente em antigo francês e em antigo provençal. Podemos fazer uma idéia desse desenvolvimento, analisando certos fenômenos lingüísticos pertencentes à língua falada que pôde chegar até nós nos textos latinos, em quantidade suficiente para eliminar a influência do acaso.

Sabe-se, por exemplo, que na primeira declinação, a forma *portas* suplantou o antigo nominativo *portae* no antigo francês e no antigo provençal, onde se conservou, nas outras declinações, a diferença entre o caso sujeito e o caso regime. Trata-se, aqui, de uma mudança que os autores não são mais embaraçados de introduzir nos textos. No fim do século VI, a obra de Gregório de Tours nos dá apenas um exemplo disso: *Vit. patr., 12,1 cohabitatores bestias aves-que illi erant*, mas nos textos do século VII, o número de casos aumenta cada vez mais e, pelo fim do século, os redatores das fórmulas de Angers abandonaram completamente o antigo uso da forma *portae*. Do mesmo modo, esta forma desapareceu em certos textos do século VIII e parece permitido concluir disso que esta evolução estava completa por volta de 700, ao menos nas regiões de onde provêm esses textos.

Tomemos um outro exemplo no domínio da sintaxe. Nos autores antigos, o adjetivo possessivo *suus* remete ao sujeito da oração em que se encontra e, em certas condições, ao sujeito da oração principal; noutros casos, serve-se dos pronomes demonstrativos *eius, illius, eorum, illorum*. No entanto, podem ser encontradas exceções a

esta regra já no período clássico, sendo que nos textos tardios a confusão se torna cada vez maior. Mas, desde o século VI, um novo sistema começa a se desenvolver nos textos escritos na Gália. Num documento de 573, lemos assim *uxor sua in libertate permaneat*, "sua mulher fique em liberdade", ao invés da construção latina *uxor eius* e, por outro lado, o *A. et P. cum uxoribus eorum*, "A. e P. com suas mulheres", ao invés de *cum suis uxoribus*. Esse emprego de *suus* e de *eorum* ou *illorum*, que é o do francês e do provençal, ganha terreno no século VII. Esta evolução está concluída, por exemplo, na *Vie de saint Goar*, escrita por volta de 700. Ali, o novo sistema sintático é completamente regular e representa o estado da língua falada, sem dúvida alguma.

Essas duas mudanças interessam-nos, apesar de pouco expressivas em si mesmas, porque não constituem casos isolados devidos ao acaso. Seu número é tão grande que, junto a outros fatos, permitem-nos tirar conclusões bastante seguras em relação à cronologia do desenvolvimento. Tudo leva a crer que por volta do ano 700, a língua falada na Gália tinha sido modificada tanto em sua estrutura que deve ser chamada de língua românica e não de língua latina.

Desde o século VIII, podem ser encontradas frases inteiras que refletem a língua falada desta época e nos permitem entrever diretamente o estado atingido na evolução. Assim, um antigo manuscrito de Lyon conservou um canto latino ao qual acrescentou o seguinte refrão, cantado pelo povo: *Christi, resuveniad te de mi peccatore* (Ver *MGH, PAC*, IV, p. 651: XCII.). A ortografia é do latim medieval, no lugar de *Christe, resubveniat te de me peccatore*, mas a construção é românica (francês *se ressouvenir de quelque chose*). Em latim, seria esperado algo como *Christe, respice me peccatorem*. Vê-se

que o escriba tomou da pena para consignar no pergaminho uma frase da língua vulgar, cuja ortografia tentou latinizar e da qual precisava deixar intocável a construção.

Mais interessantes ainda são os vocábulos jocosos acrescentados no século VIII num manuscrito da *Lei sálica*, onde lemos, por exemplo, a frase: *ipsa cuppa frangant la tota, ad illo botiliario frangant lo cabo, at illo scanciono tollant lis potionis*, (o que pode ser transcrito em palavras latinas ou semilatinas): *ipsam cupam frangant illam totam, ad illum butticularium frangant illum caput, ad illum scancionum tollant illas potiones*, "que eles quebrem toda a forma, quebrem a cabeça do copeiro e tomem todas as bebidas". Aqui, encontramos entre outras coisas, o artigo definido *la, lo, lis* (isto é, o francês *les < las*), o dativo analítico e as formas românicas *cuppa, botigliario, cabo*¹.

Os contemporâneos não podiam perceber a evolução lingüística de que participavam nem analisar as conseqüências dela. Só no início do século IX se percebeu, ao norte da Gália, que a diferença entre a língua escrita e a língua falada tinha se tornado tão grande que a língua escrita só era compreendida por quem a tinha estudado. Em 813, no célebre Concílio de Tours, decidiu-se "que todos os bispos, em seus sermões, façam as exortações necessárias para a edificação do povo e que todos traduzam esses sermões na *rustica Romana lingua* ou em alemão para que todo o mundo possa compreender o que eles dizem". Esta é a primeira vez que se menciona expressamente a existência de uma nova língua na Gália. Alguns anos mais tarde, em

¹ Os problemas da paródia foram tratados por G. A. Beckmann na *Zeitschrift für romanische Philologie*, LXXIX, 1963, p. 305 e ss., e por D'Arco Silvio Avalle na *Rivista di cultura classica e medioevale*, VII, 1965, p. 29 e ss.

842, os Juramentos de Estrasburgo, redigidos em antigo francês, abrem a época literária da nova língua.

Após esta apresentação das condições históricas e do desenvolvimento da língua falada, devemos dirigir nossa atenção para o latim literário escrito na Gália durante o período de que nos ocupamos.

Não é preciso dizer que o declínio progressivo da cultura geral se reflete nos textos. No início do século VI, um autor como São Cesário de Arles ainda se exprime num latim claro e limpo. Se a língua de seu contemporâneo, Santo Avito de Viena, nos parece menos atraente, é porque este último não conhecia bem a técnica da retórica e toma o estilo precioso e empolado tão caro aos letrados da baixa Antigüidade. Pelos fins do século, Gregório de Tours nos faz admirar em sua *História dos Francos* sua originalidade e seu talento de narrador, mas a cada página testemunha a decadência dos conhecimentos gramaticais. Todavia, o latim de Gregório é excelente, em comparação com o que encontramos na crônica de Fredegário, na compilação das fórmulas de Angers ou de Sens, em Marculf, em Defensor de Ligugé ou em outros autores que viviam por volta de 700. Percebe-se que eles fazem um esforço desesperado para formular seus pensamentos em latim, embora o seu bom emprego caia em desuso. Paremos um instante para analisar os diferentes elementos desta barbaie lingüística.

O latim merovíngio sofreu uma influência profunda da língua falada. Esta influência se traduz de dois modos: ou os autores admitem usos pertencentes ao linguajar cotidiano, ou caem no erro oposto, tentando evitar os fenômenos da língua vulgar. Um fato característico é a confusão de *ae* e de *e*. Depois de vários séculos, o ditongo estava simplificado na pronúncia e, por causa disso, nada mais co-

mum nos textos do que grafias do tipo *que* e *eternus* por *quae* e *ae-*
ternus. Mas, mesmo na época mais tenebrosa conservava-se certa i-
 déia, embora muito vaga, da existência da combinação *ae*. Nas fór-
 mulas de Angers que remontam ao fim do século VII, encontram-se
 grafias como *diae*, *aei*, *aemitto*, *prosequaere*, *quaem* etc.; elas consti-
 tuem uma reação contra a pronúncia cotidiana e uma tentativa falha
 de escrever em latim clássico¹. Igualmente difícil era o uso das vo-
 gais *e* e *i*. É provável que as grafias *menus* e *se* que se encontram no
 mesmo texto no lugar de *minus* e de *si* representem uma pronúncia
 real; cf. o que dissemos acima sobre o desenvolvimento *ĩ > e* e o an-
 tigo francês *se*. Do mesmo modo, as formas do antigo francês *fis*, *fist*
 e *li* parecem estabelecer um uso popular de *fici*, *ficit* e *illi* no lugar
 das formas clássicas *feci*, *fecit* e *ille*. Mas *viro* para *vero* é, sem dúvi-
 da, um erro puramente ortográfico. A hesitação entre *ae*, *e* e *i* é parti-
 cularmente sensível no emprego incorreto das terminações, cuja pro-
 núncia se enfraqueceu ao norte da Gália. Pode ser encontrado mes-
 mo, por exemplo, *sancti basileci* ao invés de *sanctae basilicae* e *vidi*
 no lugar de *vitae*.

Este último exemplo permite ilustrar também um outro fenô-
 meno da língua falada. Ela conhece uma sonorização das surdas in-
 intervocálicas como mostra a série seguinte: *rota > roda > antigo*
francês rode, roue; ripa > riba > francês rive; securum > seguro >
antigo francês seiir. Trata-se, portanto, de formas do linguajar cotidi-
 ano quando lemos nas fórmulas de Angers *prado*, *nutrido*, *rabacis*,
proseuere, *seuli* ao invés de *prato*, *nutrito*, *rapaces*, *prosequere*, *sae-*
culi. Mas o autor ou os autores fizeram quase sempre o melhor pos-

¹ As *Formulae Andecavenses* foram publicadas por K. Zeumer em *MGH, Leg. sect.*, V. Os exemplos que citamos se encontram em E. Slijper, *De formularum Andecavensium Latinitate disputatio*, Amsterdam, 1906.

sível para evitar essas formas, do que provêm hiperurbanismos como *deti* e *coticis* por *dedi* e *codices*, *paco* por *pago* e *ducas* por *duas*.

Já mencionamos a palatalização de *c* e de *g* diante de *e* e *i* (cf. nas fórmulas de Angers *iesta* = *gesta*, *eieris* = *egeris*, *necliens* = *negligens*, *cogiue* = *coniuge*). No norte da Gália, *c* e *g* iniciais foram palatalizados mesmo diante de *a*; cf. *campus* > antigo francês *champs*, *gamba* > *jambe*, mas *corpus* > *corps*. É necessário supor que *causa* transforma-se primeiramente em *chausa* (pronunciado *t'sausa*) e, em seguida, em *chose*. Pela cronologia desta evolução, é interessante constatar que já se conhece em Angers a redução *au* em *o* na época da redação das fórmulas de que falamos. É assim que devemos explicar as escritas inversas *austes* por *hostis*, *austiliter* por *hostiliter* e *caus* por *quos* (pronunciado *cos*; cf. *condam* e o hiperurbanismo *quoequalis* no mesmo texto).

Ainda podemos notar que a simplificação das consoantes duplas na língua falada proporcionou grafias como *redere*, *nulatenus*, *consignasit* nas fórmulas de Angers e, por outro lado, *deffensor* ou *summus* por *sumus*.

Mas ainda há outros erros que provêm exclusivamente da ignorância da gramática latina e da incapacidade de analisar a língua. Assim, pode-se observar uma tendência à assimilação mecânica das terminações. No início das formas de Angers, o autor quis escrever *pro largitate tua*, mas o fim do substantivo em *e* influenciou-o sobre a terminação do pronome, o que resultou em *pro largitate tuae*. O mesmo texto fornece outros exemplos, como *casa cum curte circumcincte*, "uma casa com pátios de todos os lados", *in tuae iure* = *in tuo iure*, *annolus valentus* = *anulos valentes*.

Quanto mais profundo era o conhecimento da língua literária, menos se dependia de fórmulas fixas quando se tentava exprimir por escrito. Nos documentos latinos, frequentemente se encontravam, por exemplo, vocábulos *cum aquis aquarumve decursibus* de que se guardava certa lembrança visual, sem poder analisar a função das terminações. Nas fórmulas de Angers se empregou *aquarumve decursibus* como objeto direto: *cido (= cedo) tibi de rem paupertatis meae... pascuas, aquas aquarumvae decursibus*. Seria fácil multiplicar tais exemplos, mas não vale a pena. É claro que um registro mecânico destes fatos (por exemplo, a respeito da rubrica *-ibus = -us*) não leva a nada. A única conclusão que podemos tirar disso, sobre a língua viva, é que a terminação *-ibus* tinha saído do uso corrente.

O latim escrito na época merovíngia é um produto artificial em que se encontram, desordenadamente, reminiscências da língua literária, de fórmulas fixas provenientes de épocas precedentes, de traços pertencentes à língua falada, de escritas inversas ou hiperurbanismos e de simples erros. De fato, por volta do ano 700, este latim havia-se tornado caótico. Uma língua onde *vidi, caus, abis, diligo, haec contra* podem significar *vitae, quos, habes, delego, e contra*, onde *se* pode significar *si, sed, sit*, onde *a, ab e ad* se confundem, onde as formas *murs e mur*, caso sujeito e caso regime singular do paradigma da língua falada, são reduzidas a *murus, muros ou murum, muro, muru, mure, muri* etc, uma língua dessas não é apropriada para servir de meio de comunicação na administração ou na vida religiosa e cultural de um grande reino. Uma reforma era necessária e, teoricamente, poder-se-ia escolher uma das duas soluções: ou sistematizar a língua falada e criar uma nova língua literária ou voltar ao latim da Antigüidade. Na prática, a primeira alternativa era impossível. A criação de uma nova língua escrita demandava um nível muito elevado

da cultura geral e uma capacidade de analisar a situação lingüística que ainda não se possuía. Ninguém pensou nisso e a idéia em si teria sido prematura. O prestígio da Antigüidade estava intacto, o latim era a única língua da civilização ocidental. O único meio de reconstruir o nível geral era retomar o estudo da gramática e da literatura latinas e de reorganizar as escolas.

Alguns esforços foram feitos para reformar os estudos desde o meio do século VIII. Um sábio americano, Mario A. Pei, mostrou que os primeiros resultados aparecem nos diplomas de Pepino, o Breve¹. Ele comparou a língua de dois grupos de documentos reais, um datado de 700-717, e outro (tendo exatamente a mesma extensão) dos anos 750-770. No primeiro grupo, *æ* acentuado permanece intacto 202 vezes, mas é representado por *i* 175 vezes. No segundo grupo, os números correspondentes são 399 e 37, o que quer dizer que se retoma a ortografia clássica, salvo em 37 casos. No primeiro grupo, o antigo ditongo *ae* permanece 81 vezes e é trocado por *e* 90 vezes; no segundo, lemos *ae* 101 vezes e *e* por *ae* somente 27 vezes. Uma melhora considerável da ortografia pode ser constatada para o grupo *e-o/eu*. Encontramos *eo* por *eu* (por exemplo, no vocábulo *seo*) 26 vezes nos documentos do início do século, enquanto que *eu* é conservado 40 vezes. Nos documentos mais recentes *eo* é encontrado 3 vezes e *eu* 43 vezes. Mario Pei comparou também dois documentos originais de 716 e de 768, dos quais o segundo toma o primeiro como modelo. No primeiro se lê, por exemplo, *ad aefectum, habyre, priste-tirunt, estipendiis, estabilitate* vocábulos que foram trocados no segundo por *ad effectum, habere, praestiterunt, stipendiis, stabilitate*.

¹ M. A. Pei, *The Language of the Eighth Century Texts in Northern France*, New York, 1932, p. 364 e ss.

O primeiro documento apresenta, entre outras, as expressões *de caduces rebus presente secolī, impertemus, pars ipsius monastiriae*, que o escriba mais recente substituiu por *de caducis rebus praesentis saeculi, impertimur, pars ipsius monasterii*.

Pepino, o Breve, educado em Saint-Denis, onde parece ter recebido certa cultura, foi o promotor da reforma. Seu filho, Carlos Magno, que lhe sucedeu em 768, concluiu a organização das escolas. Logo veremos o que significava sua obra para a purificação da língua, mas, primeiramente, é necessário ver o desenvolvimento do latim nos outros países ocidentais.

O latim da alta Idade Média na Itália

Na Itália, o clima cultural ainda era favorável no início do século VI. O rei dos ostrogodos, Teodorico, protegia as escolas e se interessava pela atividade dos escritores. Sob seu reinado, os grandes sábios Boécio e Cassiodoro ainda representam brilhantemente a antiga cultura romana. Mas, no meio do século, vinte anos de guerra entre os ostrogodos e os bizantinos esgotaram o país. Em 568 aparecem novos invasores, os lombardos, que, sem encontrar muita resistência, conquistam a planície do Pó e as regiões de Espoleto e de Benevento e, em seguida, tentam apoderar-se de toda a península. As intermináveis guerras que se seguiram, quebraram definitivamente a antiga estrutura do país, cujas famílias foram arruinadas e o povo reduzido à indigência. A partir do início do século VII, as últimas escolas leigas desaparecem¹, e a língua falada começa uma evolução semelhante à que acabamos de descrever para a Gália. Encontramos, por exemplo, nas inscrições de Roma do VII século, o futuro românico *essere abetis* = *eritis* (*cod estis, fui, et quod sum, essere abetis*), a preposição italiana *da* (< *de ab*) ou o pronome *idipsa* (cf. italiano *nesso*), vulga-

¹ O Papa Honório, sucessor de Gregório, o Grande, fala de gramáticos que *solent parvulis exquisita derivando nomina venditare* (Migne, *Patr. Lat.*, LXXX, col. 473 C), o que parece indicar a existência de escolas do antigo modelo no início do século VII.

rismos que permitem concluir que a língua falada estava a caminho de se transformar no italiano¹.

Portanto, a evolução do italiano não se operou com a mesma força explosiva que a do francês. Apesar de tudo, a Itália tinha sido o principal centro da cultura latina; as cidades tinham conservado uma importância diferente da que conservaram as cidades da Gália; o país ainda possuía restos consideráveis de antigas bibliotecas; Ravena, Roma, o sul da península e a Sicília pertenciam aos bizantinos, e o contato cultural com a África e o mundo grego em nenhum momento foi rompido. Embora os gramáticos e os oradores tivessem fechado suas escolas e o único ensinamento subsistente se encontrasse nas mãos dos padres e dos monges, este ensino estava profundamente marcado, na Itália, pela influência da antiga tradição escolar. Também, só muito tarde é que os italianos se deram conta de que o latim já não era sua língua materna. Não testemunhamos sobre esta tomada de consciência antes do século X. Em 915, na ocasião do coroamento do rei Bérenger I, o senado apresentou suas homenagens *patrio ore*, isto é, em latim, o povo *nativa voce*, isto é em italiano, segundo o texto dum um canto composto poucos anos mais tarde. Em 965, o sábio Gonzon de Novare pede desculpas a um correspondente por seu estilo, porque "a língua cotidiana na Itália está muito perto do latim", *licet aliquando retardere usu nostrae vulgaris linguae quae latinitati vicina est*. Mais tarde, o Papa Gregório V, morto em 999, foi louvado pelo autor de seu epitáfio pela habilidade com que soubera

¹ O sentido desses vocábulos é muito discutido. Segundo M. Mogliorini, *boves parebant se* etc., "os bois apareciam, trabalhavam os campos brancos, tinham o arado branco, semeavam o grão negro". Tentou-se interpretar estes vocábulos de maneiras bem diferentes; encontra-se em A. Schiaffini, *I mille anni della lingua italiana*, Milão, 1961, p. 71 e ss., uma apresentação das principais soluções.

expressar-se em francês, italiano e em latim: *Usus francisca, vulgari et voce latina Instituit populos eloquio triplici*. É também no século X, em 960, que se fez uma tentativa expressa de escrever em italiano: são os célebres testamentos de Cápua, pelos quais começa a história do italiano literário¹.

Enquanto subsistiam as escolas, os autores italianos escreveram um latim bastante correto. A língua de São Gregório, o Grande, é, por exemplo, mais clássica do que a de seu homônimo e contemporâneo gaulês, Gregório de Tours. Gregório tem sido descrito como um homem satisfeito com a ignorância da Idade Média, destacando-se a passagem do prefácio das *Moralia in Iob* onde exprime seu desprezo pelo gramático Donato. Realmente, o papa se serve de um clichê que não deve nos enganar. Era de bom tom escusar-se de barbarismos lingüísticos diante dos leitores e Gregório nada mais faz do que ceder à moda. Ele é, acima de tudo, o último representante da tradição antiga na Itália. Para ele, o latim ainda é um meio vivo e natural de se exprimir. Ele não precisa de Donato para encontrar as formas exatas; sabe empregar os vocábulos próprios sem ter de pesquisar nos autores precedentes; ainda possui o talento que os romanos tinham de se exprimir com uma facilidade natural e com uma clareza admirável. Só depois da sua morte é que começa a época tenebrosa na história literária da Itália².

O mais sábio de todos os autores italianos do século VII é Jonas de Suse, que recebeu sua educação na abadia de Bobbio, fundada

¹ Cf. A. Schiaffini, *I mille anni della lingua italiana*, p. 11 e ss.

² Estudamos as características desta época e especialmente o latim de Jonas de Suse em *Le développement du latin en Italie de saint Grégoire le Grand à Paul Diacre*, *Settimane di studio del Centro italiano di studi sull'alto medioevo*, V, Espoleto, 1958, p. 485 e ss.

pelos irlandeses, mas que também visitou Roma e viveu longo tempo na Gália. O trabalho mais importante de Jonas é sua *Vida de São Columbano*, onde mostra certo conhecimento da literatura antiga e da versificação dos irlandeses. Seu latim está cheio de reminiscências poéticas. Ao invés de expressões simples como "a manhã de amanhã", usa, por exemplo, a perífrase *postquam sopor membra laxavit et caecas mundo surgens aurora pepulit tenebras*, "quando o sono abandonou seu corpo e a aurora se levantou, libertando o mundo das trevas obscuras"¹.

De vez em quando ele forja neologismos audaciosos, como *auliga* "cortesão ou homem da corte", à semelhança de *auriga* "condutor de viatura". Ele gosta de dar etimologias eruditas, como, por exemplo, a explicação do vocábulo *anas*: *alitem quam a nando anatem vulgo vocant*, "ave a que o povo dá o nome de *anas*, conforme o verbo *nare*, "nadar", explicação que se encontra em Isidoro de Sevilha e que remonta a Varrão². Ele conhece até alguns vocábulos gregos como *sofus*, *reuma*, *agapis* (isto é *sophus*, *rheuma*, *agape*). Infelizmente, seus conhecimentos gramaticais não correspondem a sua ambição de escrever com elegância. Escreve, por exemplo, sem se corar *monumentus* e *curriculus*, mas trata, por outro lado, o neutro

¹ Cf. Virg., *Aen.*, V, 836 *placida laxabant membra quiete nautae*, Os marinheiros abandonaram-se às doçuras do sono", Stat., *Theb.*, X, 559, *caecis tenebris*.

Da sátira de Sêneca, *Apocol.*, 2, pode-se se lembrar:

Iam Phoebus brevior via contraxerat ortum
Lucis, et obscuri crescebant tempora Somni,
Iamque suum victrix augebat Cynthia regnum
Et deformis Hiemps gratos carpebat honores
Divitis Autumnus iussoque senescere Baccho
Carpebat raras serus vindemitor uvas.
Puto magis intellegi, si dixerit: Mensis erat October, dies III idus Octobris.

² Isid., *Etym.*, XII,7,51: Varron, *Ling.*, *Lat.*, V, 78.

scisma como um feminino (*qua scisma*), no lugar de *plures*, emprega *pluriores*, a desinência *-ent* suplanta, muitas vezes, a desinência *-unt* (*accedent, conpellent, dicent, poscent* etc.), o particípio presente tem nele um sentido passivo (*loco nuncupante Carantomo*, "a um sítio chamado Carântomo". cf. *reverentíssimus*, "muito reverendo", *aman-tíssimus*, "bem-amado". Jonas confunde, entre outros, os vocábulos *expers* e *experturs*, *limes* e *limen*, acredita receber o mérito de um estilo clássico por escrever *copies* no lugar de *copia*. Na realidade, o declínio do latim escrito está tão bem manifestado na Itália quanto na Gália. Só há uma diferença de grau¹.

Mas, desde o início do século VIII, pode-se constatar no reino dos lombardos certo renascimento dos estudos. Em Pávia, a capital, o gramático Pedro Diácono ensina a juventude, encorajado pelo rei Cunincpert e o bispo Damião, morto em 711, compõe cartas no antigo estilo retórico. Em Milão, um clérigo patriota faz o elogio de sua cidade, louvando-a como a verdadeira metrópole da Itália, o que parece ser uma piada contra Roma, Ravena e os bizantinos; na abadia de Bobbio, começa o interesse pela literatura profana, como o mostram os manuscritos provenientes de seu *scriptorium*². Mais tarde, Carlos Magno fez vir da Itália sábios como Paulo Diácono, Pedro de Pisa e Paulino de Aquiléia para ajudarem a organizar a reforma do ensino na França. O latim desses sábios era geralmente influenciado pela língua que eles falavam. Paulo Diácono escreveu, por exemplo, em sua *História dos Lombardos*, V,40, *erabamus* ao invés de *eramus* (cf. it. *eravamo*). Mas, no conjunto, seu latim testemunha uma cultu-

¹ A língua do edito de Rothari, que data de 643, é muito mais carregado de traços vulgares. Ela foi recentemente o objeto de um estudo aprofundado de M. B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*.

² Ver P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occident barbare*, p. 454 e ss.

ra excelente, adquirida na Itália, mas aprofundada no novo meio espiritual criado por Carlos Magno.

Todavia, a reforma carolíngia não deixou muitos traços na Itália. O país estava dividido politicamente em pequenos pedaços e a divisão do país se mostra também no domínio da civilização. Nos séculos IX e X encontramos sábios eminentes na Itália, como Anastácio, o Bibliotecário; Gonzon de Novare ou Liutprand de Cremona; mas também autores como Agnelo de Ravena, Erchempert do Monte Cassino ou o autor anônimo da *Crônica de Salerno*, que não conseguiram assimilar os elementos da gramática latina, e que, certamente, não se dignaram fazê-lo porque sua língua materna se encontrava muito próxima da língua escrita.

O que mais nos interessa no estudo de seu latim é verificar que os vulgarismos que aí são pinçados têm, frequentemente, um colorido claramente italiano. Desde o século VII, os textos latinos apresentam, às vezes, diferenças locais. No latim italiano desta época, assinalamos o emprego da preposição *da* (italiano *da* < *de ab*); no latim gaulês encontramos a preposição *apud* (antigo francês *ab*, *od*, prov. *ab*) no sentido de *cum* e grande quantidade de substantivos em *-or*, *dolor*, *timor*, *error* etc., tornados femininos, fenômeno que é raro nos textos medievais provenientes de outras regiões. Na língua falada, a redução dos casos tinha chegado, em geral, a uma única forma na Itália e a duas formas na Gália, caso sujeito e caso regime. Isto porque os autores italianos confundem frequentemente o nominativo latino e os outros casos, enquanto que os gauleses distinguem claramente duas formas¹. Quanto mais se avança no tempo, mais aumenta o número de traços locais entre os autores iletrados. Na *Crônica de Salerno*,

¹ Cf. meus *Syntaktische Forschungen*, p. 26 e ss.

podem ser lidas freqüentemente frases como *immensam multitudinem* (= *immensa multitudo*) *Agarenorum venerunt* ou *princeps ipsa civitas* (= *ipsam civitatem*) *circumdedit*. O mesmo texto apresenta muitos exemplos do tipo *cum Galli* (= *cum Gallis*) ou, por uma escrita inversa, *referunt multis* (= *multi*) porque o *s* final tinha caído na Itália. Até mesmo alguns traços dialetais pertencentes ao falar cotidiano são encontrados no sul da península, como a metátese *frabice* por *fabrice* e *frebis* por *febris* (cf. no dialeto napolitano *frabbica* e *freve*)¹.

O latim que se escreveu após o ano 1000, ou por volta deste ano, deve ser estudado com o latim dos outros países ocidentais. Sem dúvida, muitos vulgarismos, mais ou menos característicos do italiano, se encontram ainda nos textos redigidos em latim, sobretudo nas cartas e nos diplomas, mas um novo tipo de educação, organizada nas grandes abadias e nas cidades, generalizou-se na Itália e em outros países ocidentais - educação que logo se tornou mais européia do que nacional e que levou os mais brilhantes frutos da civilização medieval.

¹ Ver U. Westerbergh, *Chronicon Salernitanum*, p. 228 e p. 234 e ss.

O latim da alta Idade Média na África e na Espanha

Na África, as instituições escolares são mantidas no reino dos vândalos, apesar das dificuldades criadas pelas perseguições dos bárbaros arianos. Após a reconquista bizantina, o imperador Justiniano se esforçou por reanimar os estudos, ordenando pagar um vencimento a dois gramáticos e a dois oradores em Cartago. Assim, a África se tornou a sede da cultura antiga durante a maior parte do século VII. É na África, por exemplo, que o jovem Adriano parece ter recebido sua educação antes de se tornar abade de um mosteiro perto de Nápoles, que deixa em 669, quando o papa o envia, com Teodoro de Tarso, para organizar a vida eclesiástica e espiritual na Inglaterra. Também havia relações estreitas entre a África e a Península Ibérica. Muitos monges africanos, fugindo das guerras ou das perseguições, passaram com seus manuscritos para a Espanha, onde organizaram centros de cultura monástica, o que foi importante para a atividade intelectual no reino dos visigodos. Assim, a África contribuiu muito para a conservação da cultura antiga, embora o próprio país tenha sido perdido pelos ocidentais. Em 670, os árabes atacaram a África procunular e em 698 se apoderaram de Cartago. Este foi o fim das instituições romanas e da civilização latina num país que representou um papel tão importante na história cultural do império.

Como os outros países mediterrâneos, a Espanha conseguiu conservar seu caráter românico, apesar das invasões e das divisões internas causadas pela oposição entre os invasores arianos e a população hispano-romana, que continuou católica. Após a conversão dos visigodos ao catolicismo em 589, começa um período de paz e de fusão entre os dois povos, que durou mais de um século. Este foi um período de prosperidade e de renascimento cultural. Enquanto outros países estavam mergulhados na decadência, as escolas de Sevilha, de Saragoça e de Toledo floresciam e produziam frutos brilhantes, graças à atividade de Isidoro, de Bráulio e dos arcebispos de Toledo, Eugênio, Ildefonso e Juliano, os maiores sábios do século VII. Os reis visigodos encorajaram os escritores, alguns se puseram eles mesmos a escrever obras literárias. O que fez a originalidade da cultura visigótica foi o papel que desempenhou o estudo da gramática e da retórica. O antigo programa escolar sobreviveu aqui; os bispos e eruditos estudavam, por exemplo, sem recuar, como tantos outros cristãos, diante do estudo de uma literatura impregnada de paganismo.

Sabemos muito pouco da língua falada na Espanha no século VII. A tendência à diferenciação que constatamos na Gália e na Itália também se encontrava, certamente, na Espanha, mas era provavelmente menos acentuada e contrariada pela atividade escolar¹

Graças a esta atividade, o latim escrito na Espanha na época isidoriana, conserva, no conjunto, uma marca completamente antiga².

¹ Os documentos originais desta época que chegaram até nós são algumas ardósias recobertas de textos, cuja publicação ainda não foi concluída. O estudo de sua língua pode contribuir para o nosso conhecimento do latim falado na Espanha; ver M. C. Díaz y Díaz, *Un document privé de l'Espagne wisigothique sur ardoise, Studi Medievali*, 3ª série, I, 1960, p. 52-71.

² Possuímos, agora, alguns trabalhos excelentes sobre o desenvolvimento do latim na Espanha: J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico, Enciclopedia Lingüística*

Certamente, têm sido assinaladas neste latim formas como *fraglabit*, *pauperum* por *pauperem*, *idem* por *eadem*, *fugire* por *fugere*, *vocitus* por *vocatus*, *capuisse* por *cepisse*, *coronaturi*, *remuneraturi* por *coronandi*, *remunerandi*, aí se encontra, por exemplo, *ab haec omnia mala* ou um acusativo absoluto: *hos (exorcismos) explicitos, orat episcopus*¹. Mas a maior parte desses fenômenos já se encontra nos textos do império e são, afinal de contas, bastante raros. Em geral, os autores espanhóis conhecem sua gramática latina e se apresentam sob uma luz muito mais favorável do que seus contemporâneos gauleses e italianos. São capazes de escrever até mesmo versos clássicos. Bráulio de Saragoça, por exemplo, compôs um hino em honra a Santo Emiliano em hexâmetros iâmbicos que são perfeitos do ponto de vista da métrica clássica², e a versificação de Eugênio de Toledo é igualmente admirável. Pelo fim do século VII, Juliano ainda resiste vigorosamente ao uso da versificação rítmica, que ele considera vulgar, escrevendo especialmente a um colega: *tua aetas... rithmis uti, quod plebegis (= plebeis) est solitum, ex toto refugiat*, "recuse absolutamente a utilizar os ritmos que costumam fazer os iletrados"³.

Como o ensino da época visigótica era organizado pela Igreja, a invasão árabe de 711 não rompeu imediatamente a tradição escolar. Os espanhóis continuaram a viver da herança de Isidoro, mas, sob os novos mestres, o declínio foi inevitável. Pode-se ver o resultado dis-

tica Hispánica, I, p. 251-290, e M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica, Rasgos lingüísticos*, op. cit., p. 153-197; Idem, *El latín de la liturgia hispánica, Estudios sobre la liturgia mozárabe*, p. 55-87.

¹ Ver M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la liturgia hispánica*, p. 66 e ss.

² *Analecta Hymnica*, XXVII, 87.

³ Cf. B. Bischoff, *Ein Brief Julians von Toledo über Rhythmen, metrische Dichtung und Prosa*, *Hermes*, LXXXVII, 1959, p. 247-256.

so em dois autores de Córdoba, Santo Eulógio (859) e Paulo Álvaro, que viveram no século IX, por volta de 150 anos após a invasão. Ambos compuseram, por exemplo, poemas métricos e confiaram muito em seu conhecimento da versificação clássica. Sucedendo Julianos, Paulo Álvaro se opõe à versificação rítmica e popular, escrevendo a seu respeito: *pedibus metricis rithmi contemnente monstra*, mas se permite hexâmetros como:

*Angelicācūi turbā virtute beata
laudibus obsequium solbit fulgentī decore,*

onde as antigas regras da prosódia foram violadas várias vezes¹. Os poetas espanhóis do século IX destacaram de uma maneira completamente caprichosa os vocábulos que só conheciam através da leitura, como o mostram, por exemplo, as formas *subl`ímat*, *prec`ónat*, *ref`útans*, *rec`édát*, *rev`élent*, *expl`órat*, *ill`ésus*, *del`íbat*². Algumas vezes, parece que eles se enganaram sob a influência da língua falada. Assim, a acentuação *fuéro* que se encontra nos hinos moçárabes deve ser uma aproximação do espanhol *fuera*³.

O caráter artificial do latim dos cordoveses aparece também noutros casos. Eles escrevem, por exemplo, *verbibus*, *membribus*, *lascertibus*, confundindo as terminações *-ibus* e *-is*; empregam advérbios como *digniter*, *religiositer*, *vitiositer* por *digne*, *religiose*, *vitiose*; formam novos vocábulos como *litterizare* por *litteras scribere*, *macredo* por *macies*, *temerantia* por *temeritas*, *penitudo* por *poeni-*

¹ MGH, PAC, III, p. 129:21 e p. 130:5 e ss. Cf. igualmente Bischoff, *op. cit.*, p. 253.

² Ver B. Thorsberg, *Études sur l'hymnologie mozarabe*, p. 48 e ss.

³ Cf. minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 11.

tentia¹. Mas, mesmo as esquisitices desse gênero têm suas raízes no latim da época precedente. Assim, Sisebuto († 621), o rei letrado dos visigodos, serve-se do adjetivo *anguifer* ao invés de *anguineus* na frase *anguifero morsu*, o que Paulo Álvaro e seus contemporâneos imitaram. Nesses adjetivos, os sufixos *-fer* e *-ger* perderam seu valor próprio, chegando a empregar até *somnifera* por *somnia*, *pomifera* por *poma*, *polifera* por *polus* e *florigera* por *flores*². Do mesmo modo, já lemos na *Lex Visigothorum* e noutros textos do século VII *contumelium* e *infamium* por *contumelia* e *infamia*. Os autores da época posterior à invasão continuaram e mesmo ampliaram este uso de neutros ao escreverem *copulum*, *excubium* e *exercitum*³.

Portanto, é por causa da herança da época visigótica que o latim literário dos espanhóis moçárabes conserva certo caráter escolar e livresco. A influência da língua falada é pouco considerável entre eles. Tem sido assinalado que, na Espanha, o *f* intervocálico tende a sonorizar-se. Daí as formas *versivizando* por *versificando* na crônica de 754 e *revociles* por *refociles*, *reveratur* por *referatur*, *provano* por *profano* em Paulo Álvaro e seus contemporâneos, nos quais se encontra também escritas inversas como *deformur* por *devoramur*, *adprofemus* por *adprobemus*, *referentia* por *reverentia*⁴. Do mesmo modo, o desenvolvimento *percontare* > espanhol *preguntar* de que há muitos exemplos na Espanha, parece indicar que isto é influencia-

¹ Cf. B. Thorsberg, p. 101 e ss., e J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 262.

² Ver B. Thorsberg, p. 125 e ss. e p. 143.

³ Cf. M. C. Díaz y Díaz, *Notes lexicographiques espagnoles*, ALMA, XXII, 1952, p. 82 e ss., B. Thorsberg, p. 25 e p. 160.

⁴ Ver B. Thorsberg, p. 76 e ss., J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 268, M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica*, p. 167.

do pela língua falada que Isidoro escreveu *praescrutare* e que autores mais tardios admitiram *prespicere*, *prespicuus*, *prestrepere*, *presistere* etc¹.

Mas, nos diplomas e cartas, a situação é completamente diferente. O latim que encontramos nesses documentos, cujos mais antigos remontam ao século VIII, não se distingue, em princípio, do latim merovingiano: é uma mistura curiosa de latim escolar, de fórmulas fixas, de traços provenientes da língua falada, de hiperurbanismos e de erros. Por uma análise detalhada e penetrante desses documentos, conseguiu-se tirar deles preciosos esclarecimentos sobre o desenvolvimento da língua falada². Sabe-se que, na Península Ibérica, por exemplo, o acusativo da segunda e da terceira declinações se tornou caso único: em espanhol, *lobo*, *monte* e *lobos*, *montes* funcionam como caso sujeito (*lupus*, *mons* e *lupi*, *montes*) assim como caso regime (*lupum*, *montem* e *lupos*, *montes*), enquanto que na Gália conservou-se, na Idade Média, uma declinação de dois casos. É por isto que podem ser encontradas nos documentos espanhóis frases como *aras quas dedit mihi domino meo Petro; donatore sum; sumus filios Proelli et Juste*³. Um traço característico do castelhano é o costume de se introduzir pela preposição *a* o complemento principal, se se trata de uma pessoa. Desde o século X, encontram-se nos documentos espanhóis, exemplos como *prendiderunt ad Sancio et a Nunno Gomez de Septemfiniestras pro illo agro qui est in lomba de Sabuco... in*

¹ Ver J. Fontaine, *Isidore de Séville, Traité de la nature*, Bordeaux, 1960, p. 111, B. Thorsberg, p. 65 e ss., M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica*, p. 168.

² Ver a brilhante exposição de J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 269 e ss., e *Particularidades sintácticas del latín medieval*.

³ Cf. J. Bastardas Parera, *Particularidades*, p. 16 e ss.

*iudicio*¹. Há diferenças muito claras entre as diferentes partes da Península. Assim, nos documentos da Catalunha, a preposição *cum* é frequentemente substituída por *apud*; cf. a frase seguinte, tirada de um documento de São Cugat, do século X: *omnia concessit ad uxori.. ut si in sua viduitate sinceriter permanserit, teneat et possideat apud filios suos*. De fato, *cum* não persistiu no catalão que, como no francês e no provençal recorreu-se a *apud*². Por outro lado, os documentos do oeste apresentam, por exemplo, *eris* no lugar de *es*, *sedeat* e *sedere* no lugar de *sit* e *esse*, formas que correspondem ao castelhano *eres*, *sea* e *ser*³.

As glosas que se encontram nos dois manuscritos do século X, provenientes das abadias de São Milão de Cogula e São Domingos de Silos, mostram que, mesmo na Espanha, a língua escrita só era compreendida nesta época pelos que a haviam estudado. A partir do ano 1000, na Espanha, a língua culta se encontra praticamente na mesma situação que na Itália. O isolamento cultural é substituído por contatos proveitosos com outros países e a atividade intelectual dos espanhóis contribuiu muito para a formação da civilização medieval do Ocidente e para a criação dessa nova latinidade de que vamos tratar nos capítulos seguintes. Mas, antes de retomarmos o caminho comum, é necessário um desvio por um país não romano.

¹ *Op. cit.*, p. 36.

² *Op. cit.*, p. 94, *Glossarium Mediae Latinitatis Cataloniae* s. v. *apud*.

³ J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 288.

O latim nas ilhas britânicas antes da época carolíngia

Tratamos da evolução da língua falada e da língua escrita na Gália, na Itália e na Espanha em diversas épocas em que as línguas populares se tornaram autônomas. É uma situação completamente nova que encontramos agora. Na Irlanda e nas partes célticas ou germanizadas da Grã-Bretanha, o latim era um elemento estrangeiro que não encontrava apoio na língua materna da população. Somente alguns sábios tentaram servir-se do latim, com a ajuda de manuais e de conhecimentos adquiridos na escola. Tal foi a situação na Irlanda desde o início. A grande ilha jamais fizera parte do império, os irlandeses jamais conheceram a administração, a vida urbana nem a organização escolar dos romanos, preservando suas próprias tradições e sua língua céltica. No entanto, se o latim teve um papel considerável na civilização desse país, isto se deve a sua conversão ao cristianismo no início do século V. No ocidente, o latim foi por toda a parte a língua do ofício cristão e, quando o cristianismo expandiu além das fronteiras do império, ninguém teve a idéia de substituí-lo por uma língua indígena. Também se tinha necessidade do latim para ter acesso à Bíblia e às obras dos Pais da Igreja. A conversão dos irlandeses levou a necessidade de ensinar o latim na ilha. Todavia, este ensinamento tinha uma finalidade limitada: não visava a formar funcionários ou retores, mas a permitir aos padres e monges o acesso à litera-

tura cristã. Por isto, necessitava-se de um conhecimento elementar da gramática e do léxico da língua estrangeira, mas não de um estudo aprofundado dos textos literários da época clássica. No continente, os centros de cultura eram as cidades em que os bispos assumiam cada vez mais os cargos dos antigos funcionários imperiais. Na Irlanda, onde não havia cidades, a vida eclesiástica e cultural se concentrou nas grandes abadias. Estudavam-se os textos sagrados sob a direção do abade, consagrando-se a esta ascese severa pela qual os mosteiros irlandeses eram conhecidos.

Os mais antigos textos latinos escritos na Irlanda mostram claramente o que resultou desta situação especial. De um lado, estão cheios de traços bárbaros e não-latinos, doutro lado, têm um caráter mais escolar que os textos contemporâneos escritos no continente. O aspecto bárbaro aparece sobretudo na escolha de vocábulos. O autor continental já possuía em sua língua materna um vocabulário latino muito rico e, em geral, não tinha dificuldade em escolher o termo próprio. Mas, para o irlandês, todos os vocábulos latinos eram igualmente estrangeiros, ele era obrigado a pesquisar nos glossários para encontrar a expressão que procurava e, visto que as leituras eram limitadas, o valor estilístico dos vocábulos escapava-lhe totalmente. Encontramos, por exemplo, no antigo hino *Altus prosator*, atribuído a São Colombo de Jonas (morto em 597)¹, vocábulos raros como *prosator* ao invés de *creator*, neologismos como *fatimen* e *praesagmen* derivados de *fateor* e de *praesagio*, helenismos com *polyandria* com o sentido de "sepulcros", hebraísmos como *iduma*, "mão". O emprego de vocábulos gregos e hebreus não significa que o

¹ *Analecta Hymnica*, LI, 216. [N. do Ed.: Tanto "Colombo", do lat. *columbus*, quanto "Jonas", do hebr. *Jonah*, significam "pomba"].

autor tenha conhecido estas línguas. Ele os tirou dos glossários, do mesmo modo que os vocábulos latinos.

No século VII e mais tarde, os irlandeses procuraram frequentemente vocábulos insólitos para as necessidades da rima, como no hino *Sancte sator*¹, onde lemos, entre outras coisas: *A quo creta cuncta freta, / Quae aplustra verrunt flustra, / Quando celox currit velox* etc. O autor desconhecido conseguiu recolher toda uma série de extravagâncias: *creta* por *creata*, *aplustra*, "vasos", *flustra* "águas calmas", *celox*, "barco a vela". Parece até ter tirado da gramática de um compatriota o verbo *geo*, derivado de *e-geo* que era considerado como verbo composto: *Christo Theo qui est leo / Dicam: Deo grates geo (= grates ago)*².

O carácter exótico desse latim provém, por vezes, da influência exercida pela língua materna dos irlandeses. Assim, é necessário explicar, por exemplo, as grafias *staitim* por *statim*, *fleatus* por *fletus*, *diciabat* por *dicebat*, *manachus*, *Alaxander* por *monachus*, *Alexander*³.

Mas existe também uma corrente contrária, erudita e conservadora no latim da ilha. Os missionários que levaram o cristianismo tinham aprendido o latim na Inglaterra romana, ou, talvez, na Gália. Eles sabiam ler, isto é, tinham frequentado as escolas romanas e levaram à Irlanda a pronúncia escolar empregada na Inglaterra e na Gália no século V. Nesta época, diversas modificações fonéticas de que falamos mais acima ainda não haviam ocorrido. É necessário

¹ *Ibidem*, 229.

² Ver B. Löfstedt, *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*, p. 137 e ss.

³ B. Löfstedt, *op. cit.*, p. 86 e ss.

também levar em consideração o fato de que a pronúncia escolar é sempre mais pedante e mais tradicional do que a do povo. Como a Irlanda estava isolada do continente, foram preservados, deste modo, na ilha, certos traços do latim que os próprios latinos haviam abandonado bem cedo.

Assinalamos mais acima, por exemplo, que o som representado pela letra *c* palatalizou-se diante das vogais *e* e *i* no século V. Esta mudança ainda não estava constituída de modo definitivo na Gália e na Inglaterra quando o cristianismo foi introduzido na Irlanda. Pronunciava-se, por exemplo, o nome do apóstolo dos irlandeses *Patrikius* e não *Patritsius*; os irlandeses, ainda hoje o chamam *Patrick*. Os missionários ensinaram os irlandeses a pronunciar a letra *c* como um *k*, mesmo em vocábulos como *caelum* e *civis*. Esta pronúncia se tornou uma tradição escolar na Irlanda. Por isso é que os escribas irlandeses não escreviam *ci* no lugar de *ti* diante de uma vogal, como o fazem tão freqüentemente os escribas do continente¹. O emprego da aliteração entre os irlandeses é também muito significativo. Eles gostavam de ligar por este meio o maior número possível de vocábulos no verso, e temos aliterações perfeitas nos versos em que os vocábulos começam por *c*: *Clara caeli celsi culmina* / *Cinis, cautus, castus diligentia* e *Caeli conscendit culmina* / *Caritatis clementia*². Ainda no século XII, os **islandeses** encontraram na Irlanda a pronúncia *kelum* e *kivis*, como o mostra o primeiro tratado gramatical da *Edda*³. Nesse caso, portanto, guardou-se fielmente, na maior parte da Idade

¹ Cf. B. Löfstedt, *op. cit.*, p. 104 e ss.

² *Analecta Hymnica*, LI, 235,8 e 241,2.

³ Cf. H. Jellinek em *Beiträge zur Geschichte der deutschensprache und Literatur*, IL, 1925, p. 112.

Média, na periferia do mundo, num país não-latino, um uso lingüístico que remonta à Antigüidade.

Um ponto tão interessante como este é o tratamento das terminações na poesia rimada, em que a técnica dos irlandeses difere da dos latinos. Na România, diferentes modificações fonéticas e morfológicas se produziram nas sílabas finais. Não podemos retomar aqui a história complicada dessas modificações. Basta-nos assinalar que *o* e *u*, *e* e *i* freqüentemente se confundem e que a pronúncia dos finais se enfraquece, sobretudo no norte da Gália (cf., por exemplo, o lat. *vinum* > it. e espanhol *vino*, português *vinho*, francês *vin*; lat. *sentit* > italiano e português *sente*, espanhol *siente*, francês *sent*)¹. Quando os poetas começaram a enfeitar seus versos por meio de assonâncias monossilábicas, seguiram a pronúncia cotidiana e rimaram *i* breve com *e* e *u* breve com *o*. Assim, Venâncio Fortunato fez sempre a assonância nos dimetros iâmbicos de que se serve nos hinos *Vexilla regis prodeunt* e *Agnoscat omne saeculum*². É necessário considerar que, aqui, os vocábulos *concinit* e *carmine*, *protulit* e *tempore*, *praeumeret* e *debuít*, *ordinem* e *ambiit*, *callido* e *invidum*, *redditum* e *prospero*, *cernitur* e *visio* etc. formam assonâncias perfeitas. Do mesmo modo, Eugênio de Toledo fez assonâncias entre *conplacet*, *delectatio* e *solacium*, *recogito* e *transeunt*, e Teofredo de Corbio, por exemplo, *principio* e *filium*, *sedibus* e *versiculos*, *geritur* e *gladio*³. A pronúncia popular se reflete também nas assonâncias dissilábicas do tipo *fides* - *crudelis*, *Christi* - *estis*, *adimpleretur* - *dictum*

¹ Ver, por exemplo, E. Bourciez, *Éléments de linguistique romane*, § 164.

² *MGH, Auct. ant.*, IV, p. 34 e p. 19 e ss. Uma única exceção se encontra no último poema, no verso 73, se a lição dos manuscritos está correta.

³ *MGH, Auct. ant.*, XIV, p. 243, *PAC*, IV, p. 559 e ss.; estudamos Teofredo em *La poésie rythmique*, p. 41 e ss.

que encontramos na poesia da época merovíngia¹. Nada se pode encontrar de parecido na poesia latina dos irlandeses. Eles jamais confundem as vogais em suas rimas, o que resulta do fato de eles terem aprendido o latim, na escola, como língua estrangeira, de a pronunciarem a seu modo e a empregarem segundo as regras escolares².

O caráter exótico e ao mesmo tempo conservador da latinidade irlandesa é reconhecida, em certa medida, na antiga província romana da *Britannia*. A assimilação espiritual e lingüística desta província periférica ainda não tinha sido concluída no início do século V, quando os romanos chamaram de volta suas tropas para defenderem a fronteira italiana. Os anglos, os jutos e os saxões, que não tardaram a invadir o país exterminaram a população romanizada das cidades e empurraram cada vez mais para oeste a população céltica dos campos. Na região ocupada pelos germanos, a civilização romana desapareceu completamente. Nos pequenos reinos bretões do oeste, alguns restos da antiga civilização encontraram refúgio nos mosteiros célticos, onde o ensino parece ter sido organizado da mesma maneira que na conquista da Inglaterra pelos bárbaros. O estilo de Gildas (*500? †570) é empolado e precioso e é possível que seja o mesmo Gildas que escreveu o poema *Suffragare trinitatis unitas*, em que a

¹ MGH, PAC, IV, p. 501 e ss.

² M. B. Löfstedt, ao qual devemos uma análise excelente do latim dos irlandeses em *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*, revelou, às páginas 99 e ss., numerosos exemplos de confusão entre *e* e *i*, *o* e *u*. Mas é típico que os irlandeses possam escrever, por exemplo, *cremen* e *commonis* por *crīmen* e *commūnis*, *nibula* e *apustolus* por *n'ēbula* e *ap'ōstolus*, coisa que quase nunca chega ao continente, onde os latinos distinguiram, nas sílabas tônicas, *i* e *u* longos e *e* e *o* breves, de *ī-ē* e *ū-ō*. Isto quer dizer que a incerteza dos irlandeses nesta consideração nada tem a ver com certa flutuação ortográfica que eles não compreenderam e que os levaram a erros.

preciosidade vai ao extremo¹. Nesta obra, o autor procura prevenir-se, acumulando fórmulas de encantamento, de inspiração mais pagã do que cristã. Ali se lê, entre outras coisas:

*Meae gibrae pernas omnes libera,
Tuta pelta protegente singula...
Gigram, cephalem cum iaris et comas,
Patham, liganam, sennas atque michinas,
Cladum, crassum, madianum, talias,
Bathma, exugiam atque binas idumas...*

"Protegei, Senhor, todos os membros de meu ser, que teu escudo defenda e proteja tudo, a cabeça com os supercílios e os cabelos"... O autor fez o melhor possível para compor um texto incompreensível para quem não é iniciado. Coloca nele vocábulos hebraicos, *senna*, "dente", *iduma*, "mão", e muitos vocábulos gregos, dos quais, alguns são facilmente reconhecíveis, como, por exemplo *pelta*, "escudo", *cephale*, "cabeça", enquanto que outros mudaram seu sentido, *perna* = "membro", ou sua forma, *patham* por *spatham*, "ombro", *bathma* por *bathmos*, "pés". Mesmo os vocábulos latinos aparecem sob uma forma mais ou menos estranha: *liganam* por *linguam*, *madianum* por *medianum*, *talias* por *talos*. Alguns vocábulos ainda ficam sem explicação. Encontramos a mesma língua exótica nas *Hisperica famina* que também parecem ter sido escritas no oeste da Grã-Bretanha no século VI. Hoje se acredita que esta obra estranha se compõe de exercícios escolares, em que se tentava exprimir num tom elevado e retórico, amontoando vocábulos extravagantes colocados numa ordem incomum. Se esta teoria está correta, o estilo "hisférico" é o último traço da atividade dos retores romanos na Grã-Bretanha, mas a transplantação nos mosteiros célticos resultou numa caricatura grotesca do original.

¹ *Analecta Hymnica*, LI, 262.

O isolamento cultural da Irlanda e da Grã-Bretanha céltica foi rompida pelas peregrinações dos celtas ao continente. Eles conservaram sua tradição escolar, sua educação gramatical e sua pronúncia do latim, mas ampliaram seu horizonte e começaram a estudar a literatura clássica, de que já se encontram alguns traços em São Columbano (morto em 615).

Diante desta evolução, as civilizações céltica e romana se reencontraram e se bateram uma contra a outra na Inglaterra germânica. Caído nas mãos dos bárbaros, o país foi logo cristianizado e reconquistado pela civilização por duas vias: pelos monges vindos da Irlanda e pelos missionários romanos. No início do século VII, os irlandeses fundaram diversas abadias importantes, por exemplo, Lindisfarne e Whitby, ao norte, e Malmesbury, a oeste da Inglaterra. Nessas abadias foi dada aos anglo-saxões uma educação do tipo irlandês e estes se apropriaram e por longo tempo, da pronúncia irlandesa do latim. É provável, por exemplo, que o venerável Beda (673-735) e Alcuíno tenham pronunciado *ce* e *ci* como *ke* e *ki*. Podemos tirar esta conclusão de seu emprego da aliteração. Beda se serve regularmente de duas aliterações em cada verso de seu hino que começa pela estrofe¹:

*Adesto, Christe, cordibus
Celsa redemptis caritas,
Infunde nostris fervidos
Fletus, rogamus, vocibus.*

Temos uma aliteração entre *Christe* e *cordibus* no primeiro verso, no segundo entre *celsa* e *caritas*, no terceiro entre *in-funde* e *fervidos* e no quarto entre *fletus* e *vocibus*, pronunciado *focibus* (ver

¹ *Corpus Christianorum*, CXXII, p. 416.

mais abaixo). Quanto a Alcuíno, ligou ele, em seu poema *Nunc bipedali*¹ os versos adônicos dois a dois por uma aliteração desse tipo:

<i>Esto paratus</i>	<i>ecce precamur</i>
<i>Obvius ire</i>	<i>omnipotenti</i>
<i>Pectore gaudens.</i>	<i>Pax tibi semper...</i>

Portanto, é verossímil que ele tenha pronunciado *kerte*, do mesmo modo que *kurva*, nos dois versos: *Curva senectus certe propinquat*. Os anglo-saxões conservaram esta pronúncia ainda no século X. Quando Abão de Fleury vivia no convento de Ramsay na Inglaterra, entre 986 e 988, compôs um pequeno livro intitulado *Quaestiones grammaticales*, onde critica, entre outras coisas, a pronúncia *ke* e *ki*². Disse ele: *Quod quam frivolum constet, omnibus vera sapientibus liquet*. Para ele, a pronúncia *tsivis*, que havia aprendido na Gália na sua juventude era bonita e, como ele erra, *kivis* que ouvia na Inglaterra, era bárbaro. Ele não suspeitava que, na realidade, os bárbaros conservaram um uso vindo dos antigos e que os povos latinos abandonaram.

Entretanto, a civilização anglo-saxônica jamais teria atingido o progresso esplêndido da época de Beda e de Alcuíno, se não tivesse sofrido a influência de Roma. Em 597, Gregório, o Grande, enviou o monge Agostinho a Cantuária para pregar o Evangelho aos bárbaros, missão que mais tarde traria frutos extraordinários. A penetração da influência romana no norte e no oeste provoca um choque de interesses entre romanos e irlandeses. O conflito dura algumas décadas. Mas, em 669, o Papa Vitaliano decidiu-se a enviar a Cantuária o arcebispo Teodoro, acompanhado do monge Adriano, para organiza-

¹ *MGH, PAC*, I, p. 266.

² Migne, *Patr. Lat.*, CXXXIX, col. 528.

rem ali a igreja da Inglaterra. Teodoro era originário da Társia e foi educado no oriente grego. Adriano, que também conhecia o grego, vinha da África, onde o antigo sistema escolar dos romanos ainda permanecia igualmente vivo. Ambos conheciam tão profundamente a literatura profana quanto a cristã, a grega quanto a latina, como o afirma Beda. Na escola episcopal e na monástica de Cantuária, Teodoro e Adriano reuniram em torno de si uma multidão de discípulos que aprenderam métrica, astronomia e cálculo, entre outras. Os que puderam, segundo Beda, aprenderam tão bem o grego e o latim que falavam essas línguas como sua língua materna. Podemos constatar que seu julgamento é correto quanto ao do latim. Para o grego, o conhecimento dos ingleses nunca foi profundo, apagando-se com os alunos diretos de Teodoro e de Adriano.

O primeiro grupo de anglo-saxões formado em Cantuária ainda teve íntimas relações com a tradição irlandesa. Foi o caso, por exemplo, do primeiro autor anglo-saxão, Aldelmo (640-709). Antes de ser o aluno de Adriano em Cantuária, formou-se pela Maeldubh irlandesa que, na metade do século VII, era dirigida pela abadia de Malmesbury. O latim de Aldelmo apresenta, assim, um duplo aspecto. Vocábulo raros, colhidos nos glossários, e o estilo empolado chamado de latim "hisférico" do qual já falamos. De outro lado, a segurança lingüística e as vastas leituras de Aldelmo vêm principalmente de seus estudos em Cantuária.

É a geração seguinte que conduziu a cultura latina na Inglaterra a seu apogeu, resultado do novo contato com autores clássicos. No reino de Nortúmbria, Benoit Biscop fundou entre 674 e 685 as duas grandes abadias de Wearmouth e de Yarrow às quais deu uma biblioteca importante de manuscritos, levados de Roma. É no meio desses

livros que viveu o venerável Beda, primeiramente em Wearmouth e, em seguida, em Yarrow. Beda é, certamente, o maior sábio da alta Idade Média. Inspirando-se nos autores antigos, domina a língua latina com uma habilidade notável. Seu estilo é claro, simples e fácil de compreender.

O mesmo espírito humanista animou a escola episcopal de York, dirigida entre 686 e 721 por João de Beverlei, antigo discípulo de Teodoro de Tarso. Alcuíno, nascido por volta de 730, nele viveu até 781, data quando se encontra com Carlos Magno no transcurso de uma viagem à Itália.

A reforma carolíngia e o latim ao norte dos Alpes e dos Pireneus antes do ano 1000

Carlos Magno descobriu cedo a grande capacidade de Alcuíno e o persuadiu a vir à França para ajudá-lo a reorganizar o ensino. A corte do rei se tornou o centro da vida intelectual da época. Para lá foram convocados os sábios mais eminentes do mundo ocidental a fim de discutirem questões de ordem teológica, literária, lingüística ou científica. Encontramos na companhia de Carlos Magno, entre outros, os irlandeses Dungal e Clemente, os italianos Pedro de Pisa, um gramático, Paulo Diácono, o historiador dos lombardos e Paulino, teólogo e poeta original, patriarca de Aquiléia a partir de 787, o espanhol Teodulfo, o poeta humanista que se tornou bispo de Orleans. A atividade espiritual se estendia da corte a todas as regiões do império franco. Em cada bispado e em cada abadia devia ser organizada uma escola, segundo ordem do rei, para ensinar às crianças a religião e as *artes liberales*. A finalidade não era fazer reviver a Antigüidade clássica, e se este movimento de estudos se chama freqüentemente renascença carolíngia, é necessário preservar uma interpretação muito literal desta expressão. Os letrados seguiam o exemplo de Prudêncio, assim como o de Virgílio; Cícero não desbancava Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo ou São Gregório. Era a cultura latino-cristã, cujo nível tentava elevar, que Carlos Magno queria expan-

dir. O resultado imediato da reforma parece, talvez, modesto, mas, na realidade, a iniciativa de Carlos Magno é a base do progresso da civilização medieval. As escolas monásticas e episcopais se multiplicaram, seu papel se tornou cada vez mais importante e, por fim, fizeram nascer as universidades do século XIII.

É fácil constatar o sucesso da reforma escolar pela ortografia e pronúncia, pela morfologia e sintaxe da língua erudita. Na época merovíngia, era difícil escolher, por exemplo, entre as letras *e* e *i*, *o* e *u*, porque, em sílaba acentuada, *i* breve se confundia com *e* fechado e *u* breve se confundia com *o* fechado na pronúncia cotidiana. A reforma carolíngia pôs fim a esta confusão ortográfica. Na escola, já não se dizia *fede* e *gola*, mas *fide* e *gula*. Os vocábulos eruditos *titulus* e *dignus* foram pronunciados com um *i*, *diluvium* e *studium* com um *u*, como o mostram as formas do antigo francês *titele*, *digne* e *diluvie*, *estudie*, e do português *título*, *digno* e *dilúvio*, *estúdio* tomados do latim depois da reforma (cf. italiano *degno* e *stoggio*, que são vocábulos hereditários)¹. Em consequência disso, os poetas já não rimavam *e* e *i*, *o* e *u*. Antes, seguira-se a língua falada, distinguindo-se claramente entre *e* fechado e *e* aberto, *o* fechado e *o* aberto. A primeira vogal de *nōbilis*, por exemplo, não tinha o mesmo timbre que a de *scōla*. Daqui em diante, os escolares dariam o mesmo som a cada *e* e a cada *o*. No antigo francês não há diferença entre o *o* de *noble* e o de *escole*. (Cf. português *nobre* e *escola*). Do mesmo modo restituiu-se nas escolas a pronúncia do *b* intervocálico, tornado *v* na língua falada (cf. *habere* > antigo francês *aveir*, português *haver*, *faba* > antigo francês *fève*, português *fava*). Vocábulos como francês *habile* e *glèbe* ou português *hável* e *gleba* são, portanto, tomados à língua escolar e

¹ Ver M. Bonioli, *La pronuncia del latino nelle scuole*, p. 9 e ss.

erudita após a época de Carlos Magno. Foram muito provavelmente os professores irlandeses e anglo-saxões que importaram esta nova pronúncia. Sua própria tradição escolar não tinha sido perturbada com o desenvolvimento rápido da língua falada da România, como acabamos de sublinhar.

Entretanto, o sucesso dos gramáticos era parcial. Assim, Alcuíno prescreveu em seu manual de ortografia que se escrevesse *hi* e *his* com um *i*, mas os maus hábitos persistiram: continuou-se a escrever *hii* e *hiis* tanto e se bem que no século XIII um outro gramático, Alexandre de Villedieu (Villedieu = Cidade de Deus), que recomendava a pronúncia com um só *i*, se vê obrigado a admitir a ortografia *hii* e *hiis*¹. A tentativa de restituir a ortografia *ae* também não teve sucesso. É verdade que se hesitou durante muito tempo e, mesmo assim, muitos escribas aprenderam a empregar uma letra *e caudata*, resignando-se, enfim, e abandonando definitivamente o ditongo. Na baixa Idade Média, os antigos manuscritos eram chamados de *codices diphtongati* porque o emprego do ditongo era um critério de estabelecimento da antiguidade. Os professores insulares não conseguiram implantar com sucesso a sua pronúncia escolar de *ke* e de *ki*. Os franceses continuaram a dizer *tse* e *tsi*, uso que Abão de Fleury descreve em suas *Quaestiones grammaticales* da seguinte maneira: '*vinco, vinci, vince*', *mutato cum vocalibus sono dicimus, quemadmodum et 'lego, legi, lege, legam*'. Durante toda a Idade Média, confundiram-se, por exemplo, as terminações *-cia* e *-tia*, que conduziu até a escritas inversas do tipo *platitum* no lugar de *placitum* (assim já nas *Formules d'Angers*, 9,15). No antigo francês, mais tarde, no curso do século XIII, *ts* e *dj* se reduzem a *s* e *j* em vocábulos como *cerf*, *geler*,

¹ Ver Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 139.

jeter. Ao mesmo tempo, os mestres e os estudantes franceses modificaram a pronúncia escolar dos vocábulos latinos *cervus*, *gelare*, *iac-tare*, isto quer dizer que *tsevus*, *djelare*, *djactare* (ou *djattare*) cederam o lugar a *servus*, *jelare*, *jactare*. A partir desta época, os erros do tipo *se-*, *si-* por *se-*, *ci-* são inumeráveis.

Acrescentamos ainda dois exemplos para mostrar que não era fácil extirpar os antigos hábitos de escrever e de pronunciar os vocábulos latinos. Embora Alcuíno tenha prescrito: '*hiems*' sine *p* scribi *debet*, continuava-se sempre a inserir uma consoante transitória entre *ms*, *mt*, *mn* e, por exemplo, se pronunciava e se escrevia *hiemps*, *verumptamen*, *idemptitas*, *ampris*, *dampnum*, *alumpnus*, *solempnis*. Do mesmo modo, jamais se chegou a dominar as regras que, na língua clássica, regiam o emprego das consoantes simples e geminadas. Na época carolíngia, assim como mais tarde, encontramos frequentemente, por exemplo, *annulus* por *anulus* (cf. francês *anneau*), *litera*, *leteratura* (cf. inglês *literature*, al. *Literatur*, português *literatura*), *cupa* (> francês *cuve*, português *cuba*) e *cuppa* (> francês *coupe*, italiano *coppa*, português *cupa*), *capa* e *cappa* (sueco *kåpa* e *kappa*), *plata* e *platta* (sueco *plåt* e *platta*)¹.

Os vocábulos tomados ao grego trouxeram problemas especiais. Desde o início de nossa era, *y* foi pronunciado como *i* e por isto encontramos, frequentemente, na Idade Média, as grafias *martir*, *Sibilla*, *sinodus* etc., mas também *ydioma*, *dyabolus*, *Dyonisius* e outras escritas inversas. No grego medieval *e*, *ei* e *oi* evoluíram para um *i*. Esta nova pronúncia se reflete na ortografia dos vocábulos de empréstimo no latim. Ao lado de *paracletus*, *ceimelion*, *oconomus* po-

¹ Cf. também Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 536 e ss.

de-se ler, freqüentemente, *paraclitus*, *cimelium* ou *cimilium*, *iconomus* ou *yconomus*. As aspiradas gregas *ch*, *ph*, *th* sempre causaram dificuldades aos latinos. Na língua falada da Antigüidade, a aspiração era suprimida quase sempre: cf. *thesaurón* > italiano e espanhol *tesoro*, francês *trésor*, português *tesouro*; *chólaphon* > italiano *colpo*, francês *coup*, português *golpe*. Na época carolíngia e mais tarde, de vez em quando se escreveu, por exemplo, *arciepiscopus*, *scola*, *scedula*, *spera* (= *sphaera*), *diptongus*, *lympa*, *teca*, *Talia*. Portanto, freqüentemente se tomou por *f* o som *ph*, tornado construtivo desde a época imperial: *lymfa*, *filomena*, *fantasma* etc. (donde o francês *fantôme* e o português *fantasma*). E a pronúncia do *ch* parece ter sido flutuante: podemos encontrar *chirographum*, *cirographum*, *hyrographum*, *sirographum*, *chelydrus*, *hilidrus*, *ilidrus*, *archiepiscopus*, *ar-ci-*, *arhi-*, *arki-* etc.¹. Evidentemente, os professores propagaram na escola doutrinas diferentes. Pode-se comparar sua tentativa de fazer os alunos compreenderem a aspiração dos vocábulos *mihi* e *nihil*, muito tempo depois de desaparecida da língua falada. Estes vocábulos aparecem, entre outras, sob as formas *michi*, *nichil*, *mici*, *nicil*, *migi*, *mizi*, *nizi*².

Atrai nossa atenção ainda a sorte de *sch* e *sc*. *Schedula* e *s-chema* se escrevem, freqüentemente, como *scedula*, *scema* ou *cedula*, *cema*; ao invés de *schisma* se lê, por vezes, *cisma* ou *sisma*. Do mesmo modo, *sce*, *sci* alternam-se com *ce*, *ci* ou *se*, *si*, fenômenos que ainda não foram objeto de um estudo aprofundado. Num poema abecedário de 871, a estrofe *c* começa assim o vocábulo *celu*, isto é,

¹ Cf. os léxicos e, para *ilidrus*, *MGH, PAC*, I, p. 224:32 e II, p. 253:10,1.

² Ver M. Leumann, *Lateinische Laut- und Formenlehre*, Munique, 1963, p. 139 e J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 268.

scelus: *Celus magnum praeparavit*, lemos noutros textos *silicet* por *scilicet*, *scilius* e *scedulo* por *cilius* e *sedulo*¹.

Nas novas escolas da época carolíngia, igualmente se restaurou o conhecimento da morfologia latina. Mas, por vezes, os manuais que o empregavam desorientavam os alunos. Assim, o gramático Virgílio de Tolosa pretendia que ao perfeito *novi* correspondesse um presente *noro*, *noris*, *norit*. Esta é também a forma que um poeta anônimo do século IX empregou num canto de Natal que terminava pelos versos:

*Hec est illa dies, dudum quam visere vates
Desideraverunt, norit quae pellere morbos,
Pellere quae norit tetras de corde tenebras.*

O subjuntivo correspondente se encontra num edito publicado em Aix-la-Chapele em 816: *Custodes praeterea ecclesiae harum horarum distinctiones bene norant, ut scilicet signa certis temporibus pulsent*². O mesmo Virgílio de Tolosa ensina que há dois futuros em cada conjugação: *Dicimus enim 'interrogabo' e 'interrogam, -ges, -get, videbo videam, audibo audiam, agam agebo'*. É a partir desta doutrina que os autores do século X forjam futuros como *peragram, declinam, explicam, denegam, fatigar, consiliar*³.

Em outros casos, os hábitos da época merovíngia estavam enraizados de tal maneira que não podiam mais ser extirpados. Deste modo, as terminações em *-i* e em *-e* da terceira declinação estavam confundidas e não se chegava mais a distingui-las. Alcuíno se serve

¹ Cf. *MGH, PAC*, III, p. 404:3,1; U. Westerbergh, *Chronicon Salernitanum*, p. 232.

² Ver Virgílio de Tolosa, *Epit.*, 7, p. 59,19 Huemer; *MGH, PAC*, VI, p. 136:47-49; *Leg. sect.*, III, 2, p. 408,33. Cf. N. Fickermann, *Thietmar von Merseburg*, p. 27 e ss.

³ Ver N. Fickermann, *op. cit.*, p. 26 e ss.

de um dativo em *-e* no verso *vestrae pietate remisi* e se engana sobre a forma de ablativo quando escreve *cum suo abbate... et successori*¹. Os ablativos em *-i* dos comparativos tornaram-se usuais na Idade Média. Os escolásticos formaram, assim, as expressões *a priori*, *a posteriori*, fórmulas que ainda vivem no estilo escolar das línguas modernas².

Há autores também que não se mortificam por inventar formas as mais audaciosas. Nas seqüências compostas na França, esforçava-se, assim, para fazer rimar todos os versos em *-a*. Este esforço abriu a porta a muitos abusos. Foram criados substantivos femininos como *sollemnia* e *tirocinia*: *in hac sacra sollemnia* e *in recenti tirocinia*. O masculino *ocellus* se tornou neutro: *clausa ocella... reddens aperta*. Os adjetivos *principalis*, *sublimis* e o particípio *collaudans* foram transpostos para a primeira declinação nas expressões *in arce principalia*, *o lux aaterna sublima* e *virginum quoque collaudantia fortiter mira caterva*³. Mas, às vezes, encontram-se formas absolutamente surpreendentes nos mais distintos autores. Alcuíno se permite *unum sagellum tenuum*, o papa Adriano I *per anteriores nostras syllabas*, e o erro *in sacris paginibus* é encontrado na carta de Carlos Magno *De litteris colendis*⁴.

Só encontramos um exemplo no domínio da sintaxe para ilustrar a sobrevivência dos usos merovíngios. Gregório de Tours e Ve-

¹ *MGH, PAC*, I, p. 237:XIII, 9; *Mer.*, IV, p. 399,3; ver Fickermann, *op. cit.*, p. 50 e ss.

²Cf. S. Cavallin, *Literarhistorische und textkritische Studien zur Vita s. Caesarii Arelatensis*, Lunda, 1934, p. 48.

³ Ver L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 26 e ss.

⁴ *MGH, Epist.*, IV, p. 248,25; III, p. 611,18; ver N. Fickermann, *Thietmar von Merseburg*, p. 40 e ss.

nâncio Fortunato admitem uma forma fixa *Parisius* em expressões como *Parisius venit* ou *sanguine nobilium generata Parisius urbe*, "nascido de uma família nobre em Paris"¹. Mais tarde, sob o mesmo modelo, foram criadas as palavras *Turonus*, *Treverus* etc. É provável que esta forma fosse primitivamente um acusativo plural *Parisios venit* (como *Delphos venit*, mas que se transformou em *Parisius* (muitas vezes, a desinência-us substitui -os no latim merovíngio). Era esperado que uma forma tão bárbara desaparecesse com o ensinamento dos letrados carolíngios, mas isto não ocorreu. Durante toda a Idade Média continuou a ser escrito *Parisius*. No século IX, Abão de São Germano diz *Parisius presul fuerat* e, mais tarde, Abelardo escreve em sua biografia *pervenit tandem Parisius*, para dar apenas dois exemplos². Muitas vezes, os acusativos de nomes de lugar tendem a se tornar formas fixas. Isto é atestado também pelo emprego de *Constantinopolim*, *Neapolim* e outros acusativos desse tipo, que substituem todos os casos. Em Paulo Diácono *Constantinopolim* tem o sentido de um ablativo na expressão *Constantinopolim egressus*, e *Neapolim* serve de sujeito em *nunc tamen corpusculum Neapolim retinet*³.

As variações encontradas no latim do império franco nos séculos IX e X não dependem somente do nível da cultura do escritor. É possível descobrir também a influência das tradições escolares das diferentes regiões. O estilo dos espanhóis e dos italianos é diferente do estilo dos francos. Foi examinado o vocabulário de Paulo Diáco-

¹ Greg. Tours, *Hist. Franc.*, IV, 50; Ven. Fort., *Carm.*, IV, 26,13.

² MGH, PAC, IV, p. 91:395; Abélard, *Hist. calamitatum*, 32.

³ Ver meus *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 52 e ss.; E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 136 e ss.

no, mostrando-se que seu latim é o fruto da tradição escolar que a igreja italiana acolheu da escola antiga e conservou, apesar das dificuldades da época¹. Por outro lado, os francos de Nithard e de Éginhard romperam a cadeia da tradição, pesquisando seus modelos na literatura clássica. Os irlandeses e os anglo-saxões ainda mostram, freqüentemente, uma predileção pelos vocábulos incomuns. Sua influência era considerável e eles tinham muitos discípulos que imitaram o seu estilo. Abão de São Germano, por exemplo, conseguiu encher seu poema *Bella Parisiacae urbis* de vocábulos tão exóticos que achou necessário acrescentar-lhe explicações. Pode-se fazer uma idéia de seu estilo pelos versos seguintes²:

*Amphytappa laon extat badanola, necnon
Effipiam diamant, stragulam pariterque propomam.*

Ele explicou seu jogo pueril deste modo: *amphytappa* = tapete *undique villosum*; *laon* = *laicorum, populorum*; *badanola* = *lectus in itinere*; *effipiam* = *ornamentum ecorum*; *diamant* = *valde amant*; *stragulam* = *vestem pictam vel gumfanon*; *propomam* = *claram potitionem per linteum*. Havia, entre outros, uma importante colônia de professores irlandeses em Leão. Sua influência se estendeu aos próprios autores das seqüências limusinas que empregavam, por exemplo, *sutela*, "astúcia", *gerro*, "vadio", *caltudia*, "festa", *dindymum*, "mistério", *pubeda*, "adolescente", *sirma*, "palavras solenes", *cephal*, "cabeça", *chirrare* ou *sirare*, "conduzir pela mão" (= *cheír*, palavra

¹ Ver L. J. Engels, *Observations sur le vocabulaire de Paul Diacre*, Nimega, 1961.

² *MGH, PAC*, IV, p. 116 e s., versos 16-17.

grega que aparece nos textos latinos sob as formas *chir*, *hir*, *ir*, *sir* etc.)¹.

Os alemães tomaram vocábulos emprestados de seus vizinhos franceses, com os quais formaram durante muito tempo uma unidade política, apesar da missão anglo-saxônica e da importância de suas relações com a Irlanda, no conjunto de sua civilização latina. Isto explica, por exemplo, sua pronúncia do latim. Um vocábulo como *cellarium* ultrapassou Reno já na época imperial, quando os latinos ainda o pronunciavam *kellarium*, e conservou seu *k* no velho alto alemão *kellari*, que deu *Keller*. Mas é com o monaquismo da época carolíngia que o vocábulo *cella* penetrou no domínio alemão, enquanto que os monges vindos do oeste o pronunciavam *tsella*; de onde a forma alemã *Zelle*. Do mesmo modo *cruce* se tornou *Kreuz*, *cedula* *Zettel* etc. Nas escolas, os alemães conservaram até hoje a pronúncia *tse* e *tsi* de *ce* e *ci* e ainda se diz, por exemplo, *Tsitsero* e *Tsesar*.

A semivogal *u* era, durante os primeiros séculos de nossa era, uma bilabial na língua dos romanos, assim como na língua dos germanos. Estes não tinham dificuldade em transformar o som inicial dos antigos vocábulos de empréstimo *vinum* e *vallum* que, no velho alto alemão, tem a forma de *win* e de *wall*. Mas, em consequência disso, a bilabial se tornou labiodental na Gália, e quando os padres cristãos diziam *versus*, os alemães entendiam *fersus*. O mesmo fenômeno é produzido, finalmente, na Inglaterra e na Irlanda. É por isto que *v* ainda tem o valor de *f* em alemão. Nos textos medievais es-

¹ Ver L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 88 e s.; B. Bischoff, *Das griechische Element in der abendländischen Bildung des Mittelalters*, *Byzantinische Zeitschrift*, XLIV, 1951, p. 27 e s.

critos na Alemanha, encontram-se, por vezes *vero* por *fero*, *victoris* por *fictoris*, *velle* por *felle*, *viet* por *fiet* etc.¹.

Freqüentemente, o latim dos séculos IX e X tem sido considerado uma língua artificial, desprovida de uma vida própria, mostrando-se como a literatura dessa época se satisfaz com a imitação e com a compilação. Entretanto, é bom lembrar que é nesta época que a poesia rítmica começou a desenvolver formas novas, que o emprego da rima se sistematizou e que nasceram as criações mais originais da Idade Média latina, os tropos e as seqüências. Para fazer compreender este desenvolvimento, devemos nos voltar alguns instantes à Antigüidade clássica.

Todo o mundo está de acordo sobre o fato de que o verso latino clássico repousa na oposição de duração entre as sílabas longas e breves. É um princípio natural na época clássica porque se entendia claramente a diferença entre essas sílabas. Cícero nos conta que, no teatro, todo o público vaiava o ator se ele pronunciasse uma sílaba sequer mais breve ou mais longa, acrescentando:

E, portanto, o povo nada conhecia sobre a métrica e sobre o ritmo do verso, nem entendia porque a pronúncia do ator estava errada; a própria natureza deu a seus ouvidos a faculdade de entender a longura ou a brevidade dos sons.

Já expusemos como, a partir do século III, a intensidade crescente do acento fez os latinos perderem a percepção do ritmo quantitativo. A antiga métrica já não encontrava base natural na língua falada e compreendemos que já não se podia contentar com uma versi-

¹ Ver P. Lehmann, *Erforschung des Mittelalters*, II, p. 269:verso 186; 273:326; 275:412; 278:522; 280:64 (cf. o aparato crítico).

ficação completamente artificial. Por isto, no lugar do verso métrico, criou-se o verso rítmico, onde já não é a quantidade das sílabas, mas o seu número e sua acentuação que têm um papel.

Uma análise detalhada da mais antiga poesia rítmica nos permite constatar que esta deriva diretamente da poesia métrica, da seguinte maneira: quando se recitava poesia clássica, esta já não se escandia como fazemos muito freqüentemente em nossas escolas, mas se davam aos vocábulos os acentos que tinham na prosa¹. Santo Ambrósio, que falava, provavelmente, com os mesmos acentos de intensidade que os italianos e os franceses de hoje, não pronunciava *Vení redemptor gentiúm* (˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘) mas *véni redemptor gentium*. Mesmo mais tarde, o verso sáfico *Én adést Caesár pius ét benígnus* não foi recitado (˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘), mas os versos foram lidos com os acentos ordinários dos vocábulos:

*En ádest Cáesar píus et benígnus
ārbe qui tóto rútilat corúscus,
ⁱtque prae cúñctis bonitáte póllet
Múnere Chrísti.*

O que se compreendia não era mais a antiga quantidade das sílabas, mas um ritmo fundado nos acentos. Imitando este novo ritmo, sem se preocupar com a quantidade, foram criadas estrofes ambrosianas como a seguinte:

*Óculi sómnum cápíant,
Cor sémpér ád te vígilet,
Déxtera túa prótegat
Fámulos quí te díligunt,*

¹ Ver em último lugar nosso artigo *La récitation du vers latin*, *Neuphilologische Mitteilungen*, LXVI, 1965, p. 496 e s. A escansão, isto é a acentuação dos pés métricos, foi inventada, segundo nosso ponto de vista, nas escolas do baixo-império, para que os professores pudessem fazer que os alunos entendessem a antiga métrica quantitativa.

ou estrofes sáficas desse tipo:

*Térra maríque víctor honoránde,
Cáesar Augúste Hludowíce, Chrísti
Dógmate clárus, décus aévi nóstri,
Spés quoque régni.*

Vemos imediatamente que os autores dessas estrofes zombavam da quantidade que tinham as sílabas em latim clássico. Vemos igualmente que ninguém podia escandir esses versos. Mesmo o mais ignorante era incapaz de acentuar *ocúli, dextéra, famúlos* ou *térra máriqué victor hónoránde*. Portanto, é insustentável a teoria segundo a qual os tempos fortes do verso clássico foram substituídos pelas sílabas acentuadas nos versos rítmicos, marcadas pelo acento tônico. Os novos poetas representaram a estrutura acentual que entenderam: os acentos ordinários do modelo quantitativo se encontraram novamente no mesmo lugar, na imitação rítmica¹.

Durante os quatro séculos que separam o aparecimento da poesia rítmica e a época carolíngia, foram imitados desta maneira os versos iâmbicos e trocaicos, o hexâmetro dactílico e alguns outros versos quantitativos. Algumas inovações, entretanto, devem ser notadas. Na Irlanda, região que se encontrava fora da tradição escolar antiga, distanciou-se rapidamente dos modelos clássicos, que não eram conhecidos. Ao invés de imitar a estrutura acentual, contentou-se em contar o número de sílabas. O anglo-saxão Etelbaldo, que era discípulo de Aldelmo e que compunha versos rítmicos a partir do ensino dos irlandeses, sublinha que o verso ambrosiano deve consistir de oito sílabas, mesmo que o vocábulo final seja paroxítono ou pro-

¹ Para os detalhes, ver minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*.

paroxítono. Na época carolíngia, este princípio de composição de versos rítmicos se expandiu também no continente¹.

Na Espanha e no sul da Gália, encontramos também um outro sistema. Na liturgia desses países, o canto responsorial parece ter tido um papel importante: um solista cantava um texto e a assembléia o respondia, recitando um refrão depois de cada parte. O texto e o refrão estavam em prosa, mas, em geral, possuíam um ritmo marcado que certamente se fazia sentir também na melodia. Isto porque se começava a empregar o refrão, e mesmo o texto que precede o refrão para criar novos versos. Em uma dessas *preces* da igreja visigótica, o cantor começou assim por uma oração em prosa: *Averte Domine // iram furoris tui*, ao qual a assembléia respondeu: *Et miseratus parce // populo tuo*. A primeira dessas linhas é feita de 6+7 sílabas com um proparoxítono (= pp) diante da cesura e um paroxítono (= p) no fim, o que exprimimos pela fórmula 6pp+7p, e a segunda de 7+5 sílabas com cadências finais paroxítonas, isto é, 7p+5p. Segundo o mesmo ritmo e a mesma melodia, formaram-se os versos de um canto do qual aqui está a primeira estrofe:

*Omnium precibus pium auditum praebe
Et quae rogamus, Sancte, cito concede.*

Neste caso, não se partiu de um verso clássico, mas de uma fórmula em prosa ou de uma melodia bem ritmada para compor uma poesia rítmica. Esse é um princípio novo de enorme importância². Na Espanha, serviu-se desse princípio sobretudo nas preces litúrgicas, quase sempre versificadas. Para a datação desses cantos, observe-se que um acróstico nos revela o nome de um dos poetas, *Suintharic*.

¹ Ver minha *Introduction*, p. 126.

² Tratamos desta questão em nossa *Introduction*, p. 148 e s.

Este poeta se confunde com o bispo desse nome que viveu por volta de 675.

Partindo desses princípios, os poetas da época carolíngia desenvolveram novas formas de poesia rítmica. Um dos inovadores foi Paulino de Aquiléia. Ele escreveu todos os seus hinos em versos rítmicos e criou vários novos versos que se distinguem pela perfeição da forma. Em torno dele reuniram-se outros poetas que se inspiravam no ensinamento do mestre e, assim, o norte da Itália se tornou, nesta época, um centro da versificação rítmica, como mostramos noutro lugar.¹ Falta-nos ainda tratar das origens da seqüência e do tropo². A história da seqüência é particularmente instrutiva. Na missa, já na igreja antiga, eram cantadas dois cantos intercalares entre a epístola e o evangelho, o gradual e o *alleluia*, o segundo dos quais se apresentava desta forma: o solista cantava primeiramente *alleluia* que o coro repetia, enriquecido de melismas, isto é, de figuras melódicas cantadas sobre uma só vogal (o *jubilus*); em seguida, o solista cantava o versículo e o coro repetia novamente o *alleluia* e o *jubilus*. O *jubilus* sobre a vogal *a* se chamava *sequentia*. Os cantores freqüentemente tinham muita dificuldade de se lembrarem dessas longas melodias sem palavras. No nordeste da França, por esta razão, antes do meio do século IX, encontrou-se um meio de facilitar o canto. Ajuntaram-se palavras aos melismas que vinham depois do *alleluia*, de tal modo que cada sílaba do texto correspondesse a um tom da melodia. Nesta nova forma de poesia, portanto, a melodia era o essencial, sendo o texto de importância secundária. Por conseguinte, nas mais antigas seqüências, não existia traço da versificação clássica nem da versifi-

¹ *La poésie latine rythmique du haut moyen âge*, p. 87 e ss.

² Cf. minha *Introduction*, p. 161 e s.

cação rítmica que tenha resultado dela. Pela forma, estas seqüências são comparáveis aos cânticos bíblicos que, do ponto de vista da poesia greco-latina, são escritos em prosa. Chamou-se a nova poesia *sequentia cum prosa*, ou mais brevemente *prosa*, termo que foi o mais corrente na França, ou ainda *sequentia*, fazendo passar este termo do domínio da música ao da literatura.

A seqüência ordinária é dividida em estrofes cujo traço característico é a repetição progressiva: cada estrofe é seguida de uma antístrofe cantada na mesma melodia, tanto que todos os pares de estrofes se diferem uns dos outros. Mas, no início e no fim não há repetição. As mais antigas seqüências começam pelo vocábulo *alleluia*, logo, somente aos vocalises executados na última vogal do vocábulo dava-se um texto. Todavia, o vocábulo *alleluia* foi logo substituído, sobretudo na Alemanha, por uma estrofe de introdução escrita especialmente para isto. Do mesmo modo, a estrofe final não tinha antístrofe. A estrutura musical e métrica de uma seqüência normal pode se realizar, portanto, pelo esquema seguinte: A BB CC DD EE ...Z. Explica-se a maior parte do tempo a repetição progressiva, supondo que dois coros executavam as seqüências: a estrofe era cantada pelos tenores e a antístrofe pelos sopranos, enquanto que a estrofe de introdução e a estrofe final eram cantadas pelos dois coros conjuntamente. De fato, lemos numa seqüência de origem alemã¹:

1. *Cantemus cuncti melodum nunc*
 Alleluia.

.....
 10a *Nunc vos, o socii,*
 Cantate laetantes
 Alleluia,

b *Et vos, pueruli,*
 Respondete semper
 Alleluia.

¹ *Analecta Hymnica*, LIII, 34,18.

"Cantemos agora todos juntos o canto melodioso, *alleluia*... Agora, companheiros, cantai, cheios de alegria, *alleluia*. E vós, meninos, respondi sempre, *alleluia*".

Entretanto, parece que em certas regiões seja um solista apenas que tenha executado a seqüência, enquanto que o coro cantava, simultaneamente, *alleluia* com longos vocalises. É assim que se explica o início da seqüência seguinte¹:

	<i>1 Alle- caeleste</i>	
	<i>Nec non et perenne -luia</i>	
<i>2a</i>	<i>Dic, paraphonista,</i>	<i>b Turba et canora,</i>
	<i>Cum mera symphonia,</i>	<i>Palinodias canta.</i>

"Canta, parafonista (= cantor), a palavra celeste e eterna, *alleluia*, com uma harmonia perfeita; e vós, harmonioso coro, cantai melodias repetidas". Aqui, parece que o coro e o solista entoaram juntos *Alle-*, depois eles se separam, o coro para executar as figuras melódicas sobre *-e-*, o solista para cantar os vocábulos *caeleste nec non et perenne*, nos quais a vogal *e* é harmonizada perfeitamente com os melismas do coro. Em seguida, eles se unem para cantarem juntos *-luia*, depois que o coro continuou pelos vocalises em *-a*, enquanto o solista cantou o texto da seqüência. Cada verso do texto termina pela vogal *a*, para que o canto do coro e o do solista se harmonizem tão bem quanto possível².

Na realidade, na época carolíngia há dois tipos de seqüências, um francês e um alemão. Na França, conservaram-se por muito tempo as características do tipo primitivo. Assim, o canto começa quase

¹ *Analecta Hymnica*, VII, 98,1.

² Ver J. Smits van Waesberghe, *Orgaan KNTV, Officieel maandblad van de Koninklijke Toonkunstenaars Vereeniging*, XII, 1957, p. 59 e s.; L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 252 e s.

sempre pelo vocábulo *alleluia* ou por uma estrofe cujas vogais são *a*, *e*, *u*, (*i*), *a* e os versos terminam por *a*. A sintaxe da frase pode permitir *enjambements* audaciosos, saltando da estrofe à antístrofe e até mesmo à estrofe seguinte. A estrutura rítmica dos versos correspondentes é freqüentemente diferente, embora o número de sílabas seja o mesmo. Encontramos todos esses traços característicos nas primeiras estrofes da seguinte seqüência¹:

I. Salve, exultans

2a	<i>Sancta párens a gratia</i>	b	<i>Cuius intácta viscera</i>
	<i>Divina</i>		<i>Sunt digna</i>
	<i>Elécta ante saecula</i>		<i>Férre regentem omnia.</i>
3a	<i>Haec ventura</i>	b	<i>Promunt ora</i>
	<i>Ut cana</i>		<i>Mariae</i>
	<i>Cecinit patrum lingua,</i>		<i>Fore iam properata.</i>
	<i>Mox angelica</i>		<i>Fit mox credula.</i>

A estrutura de uma seqüência desse tipo é compreendida facilmente, desde que se suponha que o solista executava o texto ao mesmo tempo em que o coro cantava o vocábulo *alleluia* com melismas sobre o *a*.

Na Alemanha, Notcker, o Gago, morto em 912, criou o modelo de um outro tipo. Ele começava as seqüências, em geral, por uma estrofe de introdução, libertando-se da rima. Além disso, compunha a estrofe e a antístrofe com um paralelismo perfeito tanto pelo ritmo quanto pelo pensamento. Comparemos, por exemplo, as estrofes seguintes²:

<i>Hic novam prolem</i>	<i>Angeli cives</i>
<i>Gratia parturit</i>	<i>Visitant hic suos</i>
<i>Fecunda spiritu sancto.</i>	<i>Et corpus sumitur Christi.</i>

¹ *Analecta Hymnica*, VII, 29.

² *Analecta Hymnica*, LIII, 247.

<i>Fugiunt universa</i>	<i>Pereunt peccatricis</i>
<i>Corpori nocua.</i>	<i>Animae crimina.</i>
<i>Hic vox laetitiae personat.</i>	<i>Hic pax et gaudia redundant.</i>

Aqui, não há enjambement; a estrofe e a antístrofe formam, cada uma, uma unidade sintática, em que a correspondência é destacada pela repetição de *hic* nos últimos versos. Considerando-se as regras de acentuação que Notker seguiu (*híc-novam, híc-suos, persónat*), a concordância rítmica é perfeita. O paralelismo do pensamento é também surpreendente; quando a estrofe afirma que os males do corpo se esvaem, a antístrofe responde que os pecados da alma desaparecem. É possível que esta técnica seja explicada por serem executadas, as seqüências notkerianas, por dois coros.

Os problemas apresentados pelas formas musicais e literárias dos tropos ainda são mais complicadas e a maior parte do trabalho científico ainda não foi feito. O tropo pode preceder ou seguir o texto litúrgico, mas é muito mais comum que esteja inserido nele. Também para os tropos, a melodia litúrgica é, muitas vezes, a base do texto. Um caso particularmente interessante é o dos tropos cujas palavras estão entremeadas ao texto litúrgico. Na Idade Média, o canto do ofertório do terceiro domingo do advento, por exemplo, terminava pelo versículo *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam et salutare tuum da nobis*. Na abadia São Marcial de Limoges, cantava-se a última sílaba com longos melismas e isto fez nascer o tropo seguinte que se encontra num tropário do início do século X¹:

Da nobi-s potenti
In caelis et terris
Imperanti
Virtute tui

¹ *Analecta Himnica*, XLIX, 605.

*Quod olim nostris
Refulsit in tenebr-is.*

Aqui, as assonâncias em *-i* derivam do esforço para harmonizar o texto litúrgico que cantava provavelmente um coro e o novo canto, executado por um solista.

Um outro tropo é um arranjo sobre a primeira sílaba de um texto litúrgico. O quarto domingo do advento, o primeiro versículo do ofertório era *Quo* (pronunciado *co*) *modo in me fiet hoc quae virum non cognosco. Spiritus Domini superveniet in te et virtus Altissimi obumbrabit tibi.* O coro cantava esses vocábulos, enfeitando a vogal *-o* do primeiro vocábulo com melismas, durante os quais parece que um solista executava o tropo seguinte¹:

*Co-ncrepare opimo
Studeto
Cantu Domino, hymno
Simul et Mariae, supero
Ab aethere quae viso
Archangelo
Et audito divino
Alloquio
Attonita protinus respondit illi:
Qu-omodo in me fiet hoc etc.*²

É muito interessante também o tropo do versículo aleluiático que se cantava em Limoges na missa por um santo confessor. O texto litúrgico era: *Alleluia, alleluia, Iustus germinabit sicut lilium et flo-*

¹ *Analecta Hymnica*, XLIX, 609.

² Uma outra interpretação da execução musical se encontra, por exemplo, em J. Chailley, *L'école musicale de Saint-Martial de Limoges*, Paris, 1960, p. 218 e s. Esse autor pensa que primeiramente se cantavam os vocalises e em seguida o tropo.

rebit in aeternum ante Dominum. O novo canto é inteiramente inserido no texto¹:

- 1 *Laetetur alma*
 Fidelium ecclesia,
 Per Christi corpus redempta
Felix permanet in saecula,
 Regnat in gloria *Perpetua,*

 Retinens caelica
In caelestibus praemia,
 Alleluia.
- 2 ***Iustu-s***
 Et probitate dign-us
 Germina
Pacis et vitae dona
 Heredi-abit
 Sicut liliu-m
 Et gloria rosar-um
- 3 ***Et flore*** *gratiae*
 Cum lampade
 Lucis perpetuae
 Fulgebit feliciter,
 Ditatus munere
 Iustitiae
 Virtutum meritis
 Flor-ebit in aeternum
- 4 ***Ante Dominu-m***
Qui Dominus est omnium,
Qui salvat omne saeculum,
Qui fert omnium subsidium
 Qui condolens nostrum
 Interitum

Pro nobis tribuit
Sui sanguinis preti-um.

Está visto que as rimas dependem sempre do texto litúrgico: na primeira estrofe, os versos terminam em *-a* para fazer assonância

¹ *Analecta Hymnica*, XLIX, 499. Tentou-se corrigir os dois primeiros versos em: *Alma laetetur Fidelium ecclesia* (*a-le-u-ia*), e supor que esses vocábulos eram executados por um solista, enquanto o coro cantava *alleluia*.

com a última sílaba de *alleluia*; na terceira estrofe em *-e* por causa de *flore* etc. O texto litúrgico oficial e o tropo devem ser cantados juntos, o primeiro por um coro e o outro por um solista. Parece-nos ser permitido admitir a hipótese de que o canto era diafônico, ou seja, que o solista se distancia da melodia do coro, cantando em quartas paralelas, para unir-se novamente, no fim das frases musicais, à melodia do coro. Seja como for, é uma forma de polifonia que já era conhecida no século IX¹.

Para o desenvolvimento da poesia medieval, a criação de seqüências e de tropos foi de uma importância fundamental. Ela permitiu aos poetas se liberarem inteiramente do rigor da forma dos versos antigos e lhes anunciou possibilidades novas de expressão. Eles podiam a partir de então construir seus versos e suas estrofes livremente a partir de uma melodia dada, ou compondo de acordo com a melodia, e isto com uma riqueza de variantes que contrasta fortemente com o pequeno número de formas que permitia a poesia antiga. Entre as seqüências da época carolíngia, já encontramos verdadeiras obras-primas da poesia medieval, tais como a seqüência do cisne, composta por um professor francês desconhecido, ou a seqüência de Raquel, de Notker, o Gago.

É necessário acrescentar algumas palavras sobre o desenvolvimento do emprego das rimas. Na prosa latina da época imperial, os escritores adoravam arrumar as frases em membros paralelos, enfeitados com finais homófonos. Até mesmo se pretendeu que o homeo-

¹ Cf., por exemplo, L. Elfvig, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 253 e s.; J. Chailley, *Histoire musicale du moyen âge*, Paris, 1950, p. 70 e s.; M. Schneider, *Geschichte der Mehrstimmigkeit*, II, Berlim, 1935, p. 61 e s. (sobre a diafonia e quartas).

teleuto era a figura retórica mais característica da prosa antiga¹. No início da Idade Média, um autor como Venâncio Fortunato se serve muito freqüentemente desse estilo. *Nubit ergo terreno principi / nec tamen separata caelesti / ac dum sibi accessisset saecularis potestas / magis quam permetteret dignitas / se plus inclinavit voluntas. / Subbita semper Deo / sectans monita sacerdotum / plus participata Christo / quam sociata coniugio*, escreve, por exemplo, de Santa Radegonda²; a simetria dos membros é, por vezes, perfeita, mas também se pode observar a assonância final dos vocábulos *Deo* e *sacerdotum*... Do mesmo modo, Eugênio de Toledo começa assim uma carta: *Vestrae pietatis oracula / favi dulcedine suaviora / ingenti me fateor perlegisse laetitia. / Unde etiam creatori Domino precum obtuli vota / propter vestrae facultatis augmenta. / Cuius enim anima / quamvis sit sapientiae privata / tantam in te domne non amet amoris industriam / cum ab arce culminis / qua sublimis emines et praecellis / ad amandum infirmos et exiles / ultronea benignitate descendis*³? Eugênio compôs, assim, toda sua carta em membros ornados de assonâncias monossilábicas, segundo as regras que ele segue em sua poesia e que acabamos de expor. Mas em Eugênio, a simetria é freqüentemente abandonada: ao acusativo *oracula suaviora* corresponde o ablativo *laetitia*, ao substantivo *culminis* o verbo *praecellis* etc., ou seja, as assonâncias ou rimas tornaram-se autônomas.

Na época carolíngia, os autores foram primeiramente mais reservados, mas a partir do século IX, podem ser encontrados exem-

¹ E. Norden, *Die antike Kunstprosa*, Leipzig, 1918, p. 760. Ver também K. Polheim, *Die lateinische Reimprosa*, Berlim, 1925.

² *Vita S. Radegundis*, 9, *MGH, Auct. ant.* IV:2, p. 39, 12 e s.

³ *MGH, Auct. ant.*, XIV, p. 286,20 e s.

plos de uma técnica de rima muito avançada. Godescalc d'Orbais tomou gosto pela rima dissilábica, como vemos na seguinte passagem¹:

Longe vehementius ardeo et stupeo vestrae beatitudinis animum / humilitatis excellentia generosum / caritatis eminentia gloriosum / benignitatis evidentia luminosum / et insuper pietatis magnificentia deliciosum. / Sed quid vobis rependam pro munere tam dulci / grato nimis ac suavi / nisi quod totus esse cupio dum vivo vester / si tamen dominus Jesus Christus redemptor noster / utriusque nostrum fore dignetur sequester.

Na poesia, o uso da assonância ou da rima se desenvolve de uma maneira semelhante². Na época clássica, seu emprego era acidental, ou melhor, o poeta se servia dela para produzir efeitos especiais. Mas, por volta do fim da Antigüidade, percebe-se uma tendência muito clara para se fazer assonância nos finais de palavras que se encontravam diante de uma cesura ou no fim do verso. É, sobretudo, Sedúlio quem busca estas repetições de sons em seus hexâmetros e em sua poesia lírica, assim como em sua prosa. Venâncio Fortunato, Eugênio de Toledo e outros poetas ainda vão mais longe, desenvolvendo em seus poemas a mesma técnica que em suas obras em prosa. Temos também muitos cantos rítmicos em que aparecem assonâncias ou rimas mais ou menos regulares. São os irlandeses, principalmente, e os seus discípulos que levaram esse processo tão longe³. Um pequeno recuo pode, no entanto, ser constatado no fim do século VIII. A primeira geração de poetas carolíngios, Alcuíno, Paulo Diácono, Teodulfo e outros que tomaram Virgílio e Prudêncio por modelos,

¹ MGH, PAC, III, p. 723,38 e s.

² Encontram-se informações bibliográficas em minha *Introduction*, p. 38 e s.

³ W. Meyer estudou as rimas utilizadas pelos irlandeses em *Gesammelte Abhandlungen zur mittellateinischen Rythmik*, III, p. 315 e s.; ver enfim H. Brinkmann, *Der Reim im Frühen Mittelalter*, *Britannica, Festschrift für Hermann M. Flasdieck*, Heidelberg, 1960, p. 62 e s.

mostraram-se menos favoráveis a este jogo de homofonia dos finais. Mas a evolução não podia mais ser retida. Já no século IX, um emprego da rima completamente regular aparece na poesia escrita em hexâmetros ou em dísticos elegíacos e em versos líricos quantitativos ou rítmicos. Eis, por exemplo, como Godescalc d'Orbais constrói seus hexâmetros¹:

<i>Septeno Augustas</i>	<i>decimo praeunte kalendas</i>
<i>Solis equi dulcem</i>	<i>efflarunt ubi naribus ignem</i>
<i>Fluctibus Oceani</i>	<i>capita atque iugas madefacti,</i>
<i>Assuetum ad cursum</i>	<i>properantes vertere currum...</i>

A cesura está sempre após a quinta sílaba, e a sílaba que precede a cesura rima sempre com o final do verso. Este é o tipo de hexâmetro que se chamará mais tarde de leonino. Pode-se observar que, no segundo verso, a última sílaba do vocábulo *dulcem* (que não conta, de acordo com as regras clássicas, por causa da elisão ou da sinalefa) forma uma rima com *ignem*, o que parece implicar que Godescalc recitou seus versos sem marcar a elisão ou a sinalefa.

Godescalc gostava igualmente de utilizar a rima em sua lírica quantitativa como o mostra esta estrofe sáfica²:

<i>Christe, rex regum</i>	<i>dominans in aevum,</i>
<i>Lumen aeternum,</i>	<i>patris atque verbum,</i>
<i>Qui regis cunctum</i>	<i>pietate mundum,</i>
	<i>Factor egentum.</i>

É, porém, em seus versos rítmicos que encontramos uma técnica bem desenvolvida. Tomemos, por exemplo, as duas primeiras estrofes de seu célebre canto *Ut quid iubes*¹:

¹ MGH, PAC, III, p. 733.

² MGH, PAC, III, p. 727.

*Ut quid iubes, pusiole,
Quare mandas, filiole,
Carmen dulce me cantare,
Cum sim longe exul valde
 intra mare?
O cur iubes canere?
Magis mihi, miserule,
Flere libet, puerule,
Plus plorare quam cantare
Carmen tale iubes quale,
 amor, care,
O cur iubes canere?*

Nessas estrofes, todos os vocábulos finais, mesmo diante de pausas, terminam em *-e*. Além disso, o primeiro e o segundo versos são ligados por rimas trissilábicas (*pusiolo - filiolo, miserule - puerule*), o terceiro e o quarto por rimas dissilábicas (*cantare - mare, cantare - care*). A segunda estrofe apresenta até rimas dissilábicas entre os vocábulos *plorare* e *cantare, tale* e *quale* dos versos 3 e 4. Evidentemente, Godescalc é obrigado a enfeitar muito seu latim tão cheio de rimas quanto possível e teve muitos imitadores. O emprego da rima dissilábica ou trissilábica se expandiu cada vez mais para se tornar, finalmente, um dos traços mais característicos da poesia latina medieval. Retomaremos isto, ao estudarmos a evolução do latim após o ano 1000.

¹ *MGH, PAC*, III, p. 731 e s. B. Bischoff encontrou algumas novas estrofes que ele publicou na *Festschrift für W. Bulst*, Heidelberg, 1960, p. 61 e s. A fórmula *ut quid* é usual no latim tardio; ver Hofmann-Szantyr, p. 460.

O latim medieval após o ano 1000

Durante a segunda metade da Idade Média, a igreja romana estendeu sua influência ao leste e ao norte da Europa. Assim, a Hungria, a Boêmia, a Polônia, o norte da Alemanha e os países escandinavos entraram no mundo da cultura latina. Em toda a Europa ocidental, portanto, o latim era a base da educação, seja qual for a língua nacional. Na Itália e na Suécia, na Irlanda e na Polônia, por toda a parte, os alunos se inclinavam, desde o primeiro ano escolar, sobre os mesmos autores latinos, profanos e religiosos. Como a base era comum, a nacionalidade não contava muito na *libera litteraru res publica*. Os italianos Lanfranco de Pávia e Santo Anselmo de Aosta se tornaram, um após o outro, abades do convento do Bico, na Normandia, e depois, arcebispos de Cantuária; o inglês João de Salisbúria ocupou a sede episcopal de Chartres, uma multidão de estudantes de todos os países afluía às universidades de Paris e de Bolonha. Os sábios do mundo inteiro falavam a mesma língua e uma unidade espiritual, apoiada em estudos comuns, começou a ligar o conjunto de todos os países ocidentais.

De outro lado, a diversidade das línguas subjacentes e das instituições políticas e sociais introduziram muitas diferenças locais, assim como temporais e individuais no latim deste período. É fácil

constatar, por exemplo, que o vocabulário varia de uma região para outra. Vocábulos da língua materna eram acolhidos sem cerimônia, sobretudo nas cartas e documentos semi-eruditos [os textos são de origem alemã]. Nos países não-românicos, o latim está, deste modo, cheio de vocábulos de origem estrangeira. Na Inglaterra, encontramos, por exemplo, *schopa* = "shop", *Daywerca* = "daywork", *laga* = "law", *stiremannus* = "steersman"; na Alemanha, *hansa* = "Hansa", associação comerciantes, *burchgravius* = Burggraf; na Polônia, *co-sakus* = "latro", *cmetho* = "colon". Nos países de línguas românicas, os escribas quebram a cabeça para restituir uma forma latina aos vocábulos da língua corrente. Assim para dar apenas alguns exemplos escolhidos ao acaso, o vocábulo latino *mansionile* veio a dar *mesnil* no antigo francês. Muitos escritores adivinharam a boa etimologia do vocábulo, mas outros empregavam formas semi-eruditas como *mesnillum*, *meisnillum*, *maisnile*, *masnile*, *mansile* etc. O adjetivo latino *medianus* evoluiu para *mezzano* na Itália, em *mejá* no sul da França. Daí, as formas *mezanus* e *meianus* nos documentos desses países. Na Catalunha, encontra-se um verbo *acuydare*, *aquindare*, *acontare*, *aquundare* etc. É o latim *accognitare* tornado *acuyndar*, *acuydar*, *acundar* na língua falada e latinizada deste modo temerário. Os sábios mostraram que o espanhol *manzano*, *mazano*, "macieira", deriva de *mattianum*. Tentou-se representar este vocábulo de origem obscura por *mançanum*, *maçanus* e outras formas. É curioso ver que, nos documentos, o latim da baixa Idade Média, aparecia freqüentemente sob uma forma mais estranha nos países românicos do que noutros países. Para os escribas românicos, a língua erudita ainda se encontrava muito próxima de seu falar cotidiano.

É necessário, entretanto, atentar-se para a migração de palavras: o que era corrente, por exemplo, em Paris, foi rapidamente im-

portado pelos estudantes de outras regiões. Encontramos, assim, frequentemente, os substantivos em *-agium* nas regiões não-românicas, embora, na maior parte dos casos, este sufixo provenha, sem dúvida, da França, onde o latim *-aticum* deu *-age* (*hominaticum* > antigo francês *hommage* > lat. medieval *hommagium*; cf. ainda *linguagium*, *passagium*, *villagium* etc.)¹.

Evidentemente, o sentido dos vocábulos varia também de uma região a outra. Emprega-se *consul* em Roma para designar um funcionário da administração pontifical, mas, nas cidades alemãs, para designar um membro do conselho municipal; *proconsul* pode significar "xerife" na Inglaterra, "burgomestre" na Alemanha; o valor de *miles* se estende do simples "soldado" a "senhor" e "cavaleiro"².

Para nós, é mais difícil de escolher as diferenças locais de pronúncia, problema que ainda não foi objeto de estudos sérios. Observando a técnica das rimas, pode-se, entretanto, fazer-se uma idéia da pronúncia escolar. É típico que na França os vocábulos *quondam* e *undam*, *responde* e *unde*, *abscondi* e *profundi* formem rimas perfeitas no século XII; isso prova que se pronunciava *ondam*, *onde* e *profondi* sob a influência do antigo francês *onde*, *ont* e *parfont*³. São muito freqüentes, sobretudo na França, as rimas do tipo *antiquus* - *inimicus*, *unquam* - *aduncam*, *precor* - *aequor*, ou *nescit* - *reiecit*, *fae-*

¹ Ver, ao lado dos léxicos mencionados na nota precedente, Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, Niort, 1883-87. *Novum Glossarium Mediae Latinitatis*, ed. F. Blatt, Copenhagen, 1957 e ss., J. F. Niermeyer, *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, Leyde, 1954 et ss., E. Habel, *Mittelateinisches Glossar*, 2ª ed., Paderborn, 1959.

² Para a língua da feudalidade, ver o livro útil de E. Rodón Binué, *El lenguaje tecnico del feudalismo en el siglo XI en Cataluña*, Barcelona, 1957.

³ Cf. Hugues d'Orléans, V, 13, X, 99, Adam de Saint-Victor, *Analecta Hymnica*, LV, 339, 22.

*ce- quiesce, facit - pascit, docens - noscens*¹: *qu* havia perdido seu apêndice labial², e diante de *e* e *i* não se fazia distinção entre *c* e *sc*. O *t* final que, depois de muito tempo, tendia a se enfraquecer, caiu no francês antigo por volta de 1200. Em consequência disso, os poetas rimaram *quicquid* e *reliquit*, *stravit* e *David*, cujas consoantes finais se confundiam no falar dos franceses, como o diz expressamente o gramático Pierre Hélie³. Para a pronúncia, não importava que no latim clássico as vogais acentuadas tenham sido longas ou breves, as consoantes duplas ou simples; cf., por exemplo, as rimas *ignitis - sagittis*, *extollunt- colunt*, *vitae - mitte*, *intercedat - reddat*⁴. A equivalência fônica de *magnityranni*, *signans - cachinnans* etc., mostra uma assimilação *gn>nn*; assim como os grupos *ps* e *ks* foram simplificados em *ss*: *ipsas - remissas*, *enixa - amissa*, *dixit - scripsit* e em Hugues d'Orléans, 15,41 e *ss.*, *velox - Pelops - celos*. Nenhuma dessas mudanças está completamente de acordo com a evolução fonética do francês. Não se espante por encontrar na França muitas rimas do tipo *benedicta - vita*, *peccatum - actum*, *sancti - creanti*, *tinctus - intus*, mas é possível que a pronúncia escolar tenha sido influenciada pelos italianos⁵. A aproximação de *matre* e *deitate*, *Christum* e *magistrum*,

¹ Ver K. Halvarson, *Bernardi Cluniacensis carmina de trinitate et de fide catholica* etc., p. 149.

² Cf. o verso de um tratado do século XIV que se encontra em Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 143: *Si clames 'quantum' poteris, dices male 'cantum'*.

³ Cf. Pierre Hélie em Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 144: *Sicut profertur d in hoc pronomine 'id', eodem modo pronunciatur t, cum dicimus 'legit', 'capit'.* Unde sunt quidam qui maxime nos reprehendunt, ut Hiberni. Volunt enim sic pronunciare t in 'legit' sicut in 'tibi', dicentes quod aliter nulla erit differentia inter d et t.

⁴ Esses exemplos são tirados de um texto de Bernardo de Cluny, *Analecta Hymnica*, L, 323:5,4, 11,48, 11,53, 12,34.

⁵ Esses exemplos se encontram em K. Halvarson, *op. cit.*, e em minha *Introduction*, p. 48. Ver também M. Bonioli, *La pronuncia del latino nelle scuole*, p. 120 e ss., e

ventri e *furenti* indica uma articulação muito fraca do *r* nesta posição. Mesmo no antigo francês *dames* pode rimar com *armes*, *presse* com *averse* etc.¹.

Por falta de pesquisas especiais, ainda não podemos esboçar uma história da pronúncia escolar do latim da Baixa Idade Média. Havia, sem dúvida, outros "dialetos" eruditos, além daquele que acabamos de lembrar, mas eles não parecem ter tido um papel importante. A influência da civilização francesa era preponderante naquela época. Após a invasão normanda, a Inglaterra se tornou uma província cultural francesa e, mais tarde, o meio escolar de Paris seduziu a elite intelectual e a juventude de toda a Europa. Provavelmente, os estudantes levaram, cada um a sua região, alguns detalhes da pronúncia francesa da língua erudita.

Na época carolíngia, as abadias eram os focos de civilização mais importantes, mas após o século X, quando uma nova estrutura da vida política, econômica e intelectual começa a se desenhar e a vida urbana retoma sua vitalidade de antigamente, antes, são as escolas episcopais que se colocam à frente do desenvolvimento. Na atmosfera mais livre e mais democrática dessas escolas, a atividade intelectual trouxeram consigo frutos que se impõem à nossa admiração.

O estudo do latim foi cada vez mais aprofundado; e os professores e seus alunos chegaram, por vezes, a assimilar perfeitamente todas as sutilezas da língua erudita. A perfeição lingüística é um dos traços mais típicos da literatura latina do século XII, por isto devemos nos deter alguns instantes para darmos uma análise dela.

Ch. Beaulieux, *Histoire de la prononciation du latin en France*, *Revue des études latines*, V, 1927, p. 78.

Cícero, Virgílio, Ovídio e outros autores clássicos sempre desfrutaram do favor dos professores. Por vezes, conseguiram imitar tão bem o seu estilo que é difícil distinguir o texto medieval de um texto antigo. É assim que Gerberto de Reims, morto em 1003 como papa, sob o nome de Silvestre II, e grande admirador de Cícero, escreve cartas num espírito humanista que anuncia o que três séculos mais tarde animará a correspondência de Petrarca. O poeta Hildeberto de Lavardin, morto em 1133, como arcebispo de Tours, compõe poesias em hexâmetros e em dísticos num tom virgiliano. Por outro lado, são tão inspiradas no estilo de Santo Agostinho ou de São Jerônimo, que os eruditos de nossos dias puderam enganar-se sobre a autenticidade das obras. Mas isto são exceções. Em geral, os traços medievais são palpáveis, apesar da elegância do estilo dos grandes autores. É que a imitação ainda não se tinha tornado um princípio estilístico, como mais tarde, durante a Renascença. Com efeito, ainda se sentia livre de criar um estilo pessoal e de adaptar a língua às necessidades do momento. O ensinamento gramatical dado nas escolas forneciam a base lingüística sobre a qual eram criadas novas construções. É no vocabulário, principalmente, que podemos seguir este desenvolvimento. Havia sido ensinado, por exemplo, que a poesia clássica preferia os adjetivos compostos do tipo *altisonus*, *altitonans*, *altivolans*. Sobre este modelo os poetas carolíngios já haviam criado, entre outros, *altiboans*, *alticrepus*, *altifluus*, *altiloquus* e continuaram por *alticanax*, *alticanorus*, *altifer*, *altipetrus*, *altisonorus*, *altitonus*, *altivolus* etc. Os compostos verbais *sanctificare*, *beatificare*, *glorificare* etc. estiveram em moda entre os cristãos do fim da Antigüidade². As

¹ Ver K. Halvarson, *op. cit.*, p. 150, e M. Bonioli, *op. cit.*, p. 97.

² Ver Chr. Mohrmann, *Études sur le latin des chrétiens*, I, p. 60.

composições eram muito práticas e, sobre seu modelo, forjaram-se, na Idade Média, verbos como *ratificare*, *publificare*, *exemplificare*, que foram muito produtivos nas línguas modernas¹. Os diminutivos formaram sempre um grupo favorecido.

*Munda cultelum, morsellum quere tenellum,
Sed per cancellum, post supra pone platellum,*

"Limpa a faca, procura um pequeno pedaço, mas com o garfo, depois, coloca-o em teu prato", escreve um professor, influenciado, ao que parece, pela língua francesa. Outras formações desse gênero são *fabrellus*, *tortella*, *pompula*, por *faber*, *torta* e *pompa*². Para fazer os alunos compreenderem a formação e o emprego dos verbos incoativos, um outro mestre-escola compôs os seguintes versos:

*Crescit, decrescit, in vita non requiescit,
Tandem vilescit, putrescit, quando senescit,
Vultu pallescit, cupidus fore non erubescit,
Infans marcescit tacite pariterque liquescit,*

"Ele crê, descrê, não descansa em sua vida; enfim, ele se envelhece, corrompe-se; quando envelhece, se enfraquece, não se cora por ser ávido; menino sem voz, descora-se e desmaia". Do mesmo modo, por exemplo, forjam-se *gaudescere*, *movescere*, *calvescere*, "tornar-se calvo", *stultescere* etc. Frequentemente os verbos perderam o sentido incoativo, assim como no provérbio:

*Dum Mars arescit et mensis Aprilis aquescit,
Maius humescit, frumenti copia crescit,*

¹ Ver os léxicos, além de outros exemplos em H. Walther, *Proverbia sententiaeque Latinitatis Medii Aevi*, 14453, 19695 b.

² H. Walther, *op. cit.*, 15598, 8624, 9375, 14908 a.

"Quando março é seco, abril chuvoso e maio úmido, a colheita é bela"¹.

Na época arcaica, para dar expressividade à frase, já se preferia acumular os vocábulos de mesma sonoridade. Ênio, por exemplo, escreve *Priamo vi vitam evitari*. Na Idade Média, esta figura etimológica foi largamente utilizada, com certa preferência pelo jogo com o prefixo verbal *de*. Assim, lemos em Alain de Lille *defloratus flos effloret*, onde *effloret* não significa "florir", como nos antigos, mas "perder sua flor", e, além disso, em Gautier de Châtillon *rosa derosatur, mundus demundatur, masculos demasculare, federa defedere*, nas *Carmina Burana titulum detitulare, virginem devirginare*, noutros, por exemplo, *canonicum decanonicare, depuerare pueros*².

Um traço característico do latim medieval é o emprego de nomes de pessoas para simbolizar certa qualidade. Assim, Salomão representa a sabedoria, Páris a beleza, Catão a moral, Cícero a eloquência, Crasso a avareza. Esses nomes, inclusive, foram declinados como adjetivos. Henri de Settimello escreve *codrior* (Codro é um poeta mendicante que aparece em Juvenal 3,203), *neronior, salomonior* *Salomone, platonior ipso* e outros autores gostavam igualmente dessas expressões³ (Hugues d'Orleans havia forjado o tipo *capto captivior, paupere pauperior*⁴). De nomes de pessoas têm sido tirados até

¹ H. Walther, *op. cit.*, 3734 a, 1760, 3798, 3909, 6597.

² Ver Migne, *Patr. Lat.*, CCX, col. 579, Wilmart na *Revue bénédictine*, XLIX, 1937, p. 140 e ss.; *Carmina Burana*, 4,3; 84,4,11; H. Walther, *op. cit.*, 2300, 5415.

³ Henri de Settimello, 1,163, 2,5, 3,3, 3,87; ver Manitius, *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, III, Munique, 1931, p. 939; além dos seguintes exemplos: Gautier de Châtillon na *Revue bénédictine*, XLIX, 1937, p. 332: 19,4; *Carmina Burana*, 19,5.

⁴ Primas, VI, 10 e ss.

verbos: *Helena* e *Tiresias* deram *helenare* e *tiresiare*, a partir de *Ab-salon*, *Nero*, *Gualterus*, *Venus*, *Satanas* criaram-se os verbos *absalonizare*, *neronizare*, *gualterizare*, *venerizare*, *satanizare*¹. Em geral, esses dois tipos de formação de verbos, em *-are* e em *-izare*, desfrutaram de uma popularidade enorme. Pode-se citar *presbiterare*, *pontificare*, "ordenar padre, sagrar bispo", *vitulare*, "comportar-se como um bezerro", *musare*, "pegar ratos", *gulare*, "comer excessivamente", *cervisiare*, "preparar cerveja", *podagrar*, "tornar alguém gotoso"², e, por outro lado, *sillabizare*, "ensinar a alguém ler", *stultizare*, *puerizare*, "ser tolo, ser pueril", e, do mesmo modo, *eremizare*, *monachizare*, *scholizare*, *harmonizare*, *modulizare* etc.³.

Os versos seguintes⁴ podem ilustrar os abusos a que se deixaram arrastar certos autores, no prazer de formar tais novos verbos:

Romulizanti regi
Congressus agonizans
Victorizat.

Martyrizandum corpus
Tradebat vivens homo
Pro Domino.

"Ele triunfa agonizante, quando encontra o rei arrogante. Ele, um homem vivo, entregava seu corpo ao martírio para a glória do Senhor".

Bem freqüentemente os poetas criaram novos vocábulos para obter rimas. Lemos, por exemplo, num canto anônimo¹:

¹ Henri de Settimello, 3,5, Albert de Stade, *Troilus*, III, 717, H. Walther, *Proverbia sententiaeque Latinitatis Medii Aevi*, 11466, Alai de Lille, *Contra amorem Veneris*, 137, Pierre d'Éboli, *Liber ad honorem augusti*, 102, H. Walther, *op. cit.*, 1042, 1745 a (ver M. Manitius, *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, III, p. 706 e 739).

² H. Walther, *op. cit.*, 15303, 3368, 6418, 1916, 8942, 9995.

³ H. Walther, *op. cit.*, 13332 a, 15591, *Analecta Hymnica*, VIII, 260,1; X, 238,4, 211,2, 198,1.

⁴ *Analecta Hymnica*, LIII, 213,8.

*Pange, lingua, gloriosa
vulnerum solemnina,
Mentis cedant nubilosa,
serena sint omnia,
Ut laudentur amoenosa
summi regis stigmata.*

*Pessumdata luctuosa
crucis ignominia,
Vivae carnis triumphosa
receptae laetitiae
Quina sibi speciosa
servavit monilia.*

Aqui, é fácil ver que os neologismos *amoenosus* e *triumphosus* são devidos às necessidades da rima.

Os autores deixaram-se embriagar por sua virtuosidade e tentaram jogos de palavras de toda sorte. Assim, Gautier de Châtillon joga com a dupla significação do vocábulo *mundus*, "mundo" e "limpo", nos versos:

*Quid desertum nisi mundus?
Mundus quidem sed immundus,
Quia munda respuit².*

No mesmo canto ele se diverte, juxtapondo *carus*, "querido", *carere*, "ser privado de alguma coisa", e *caries*, "corrupção":

*Tanto viro locuturi
Studeamus esse puri
Set et loqui sobrie,
Carum care venerari
Et ut simus caro cari
Careamus carie.*

O verso *Hec (= ira) radit, rodit ridetque pium sed et odit* encontra-se em Bernardo de Cluny³ que também fez figurar juntamente *Venus (= libido)*, *Epicurus (= voluptas)*, *venari*, "caçar", *vena*, "veia" e *venenum*, "veneno", nos seguintes versos:

¹ *Analecta Hymnica*, XXIII, 32,1-2.

² Gautier de Châtillon, *Moralisch-satirische Gedichte*, ed. K. Strecker, Heidelberg, 1929, I,6 e I,1.

³ Ver K. Halvarson, *Bernardi Cluniacensis carmina*, p. 105:275 e p. 111:496 e ss.

*Post ventrem saturum Venus est venans Epicurum.
Tunc Venus in venis equandaque vina venenis.*

Os trocadilhos dessa natureza são inumeráveis e levam, frequentemente, os traços do ensinamento escolar, como nos passos em que joga com a terminologia gramatical. A estrofe¹ seguinte exemplifica um jogo muito gostoso:

*Vocativos oculos,
Ablativos loculos
Gerunt mulieres.
Si dativus fueris
Quandocumque veneris
Genitivus eris.*

"Os olhos das mulheres nos seduzem, suas bolsas roubam nosso dinheiro. Se podes dar alguma coisa quando vieres, serás pai". Frequentemente se consegue inserir os paradigmas gramaticais nos versos. Assim, um poema satírico começa pelos versos *Magnus maior maximus, parvus, minor minimus*² e no epitáfio seguinte³, o poeta conseguiu fazer aparecer todos os casos do nome *Robertus*:

*Munere nature, virtutum dote refertus
Mortis obit iure florens etate Robertus
Cuius in hoc tumultu cinis ossaque sunt cooperti
Clerus cum populo fleat impia fata Roberti
A quo cuncta bona procedunt ordine certo
Eternam dona requiem, pie Christe, Roberto
Nunc quod nos miseri petimus, Deus alme pater, tum
Quod pius et misericors es, ne perde Robertum
Vidit et invidit mors digna mori, qui per te
Stabat que cecidit iuvenum spes tota, Roberte
Ergo tristitie voces resonant in aperto
Nam spes leticie moritur, moriente Roberto.*

¹ Os versos se encontram em P. Lehmann, *Die Parodie im Mittelalter*, 2ª ed., Stuttgart, 1963, p. 108.

² *Carmina Burana*, 35. Cf. F. Munari, *Il Piramus et Tisbe di Matteo di Vendôme*, *Studi italiani de filologia classica*, XXXI, 1959, p. 75.

³ P. Lehmann, *Erforschung des Mittelalters*, IV, p. 291.

As mesmas sete artes liberais aparecem, algumas vezes, como num poema de Alain de Lille, que quer pôr em evidência o milagre do nascimento virginal e que trata da geometria, entre outras coisas, deste modo¹:

*Artis suae in censura
geometra fallitur,
Dum immensus sub mensura
terrenorum sistitur.
In directum curvatura
circuli convertitur,
Sphaeram claudit quadratura
et sub ipsa clauditur.*

"O geômetra se engana em sua arte rigorosa, quando o imensurável se submete à medida das coisas terrestres. A curvatura do círculo é convertida em reta, a quadratura encerra a esfera e é encerrada pela mesma".

O livro de poemas de Serlon de Wilton nos dá uma idéia do método que os professores desenvolveram para ensinar a seus alunos as sutilezas da língua latina. Serlon era inglês, mas ensinava em Paris na metade do século XII, antes de sua "conversão". Para inculcar os detalhes de sua prosódia, compôs, entre outras coisas, um grande poema de mais de 100 *versus differentiales*, isto é, de versos leoninos, onde dois vocábulos rimados são homônimos, mas têm uma prosódia diferente, assim:

*Unam semper âmo, cuius non solvor ab hâmo.
Dicitur arbor âcer, vir fortis et improbus âcer.
Forma senilis ânus, pars quedam corporis ânus.*

Este procedimento foi tão bem aceito que se empregou o poema como material escolar, intercalando nele novos versos, construí-

¹ *Analecta Hymnica*, XX, 9. Cf. também Gil de Zamora, *ibidem*, XXXII, 192 e XX-XIII, 271.

dos a partir do mesmo método, na medida das necessidades do ensino¹. Noutro poema, Serlon conseguiu fazer rimar sempre dois monossílabos com um vocábulo dissilábico²:

*Cipri, timent dii te: tu fortior es Iove, Dite.
Que tua sors, que vis! Tibi res obnoxia quevis.
Nulla premit te lis; validis premis omnia telis...*

"Deusa de Chipre, os deuses te temem, tu és mais forte do que Júpiter ou Plutão. Como é importante tua função, como é grande o teu poder! Tudo se encontra sob tuas ordens. Nenhuma luta te inquieta, tu submetes tudo com tuas armas poderosas." O mesmo autor gosta de compor versos completos do tipo:

*Audi, gens omnis! Memorem, pectora, vultum
Voce, manu, lacrimis exprime, tunde, riga,*

em que devemos religar *merorem voce exprime, pectora manu tunde* e *vultum lacrimis riga*. Serlon escreve também uns acrósticos complicados como

*Pulcher pube Paris, Pirrus probitate probaris,
Actibus Alcides, armis animosus Atrides,...*

cujas primeiras letras compõem o nome de *Patricius*³.

Do meio escolar é que provêm também os *versus recurrentes*, por exemplo, *Ateragram Roma iem sidroc eulas et oma*, cujas letras devem ser lidas do fim para o começo: *amo te, salve cordis mei amor Margareta*, ou os *versus retrogradi*, de que apresentamos aqui um exemplo⁴:

¹ Ver J. Öberg, *Serlon de Wilton, Poèmes latins*, p. 79 e ss. e p. 134 e ss.

² J. Öberg, *op. cit.*, p. 96 e ss.

³ J. Öberg, *op. cit.*, p. 94:9-10 e p. 109.

⁴ H. Walther, *Proverbia sententiaeque Latinitatis Medii Aevi*, 1648 a e 11185.

*Hospitibus pius est nec vendit fercula, donat
Pocula gratis nec hic negat hospitium.*

Se lermos os vocábulos do fim para o começo, obteremos também um verso, mas de sentido contrário:

*Hospitium negat hic nec gratis pocula donat,
Fercula vendit nec est pius hospitibus.*

Também devia ficar cheio de si o professor que conseguisse compor os versos equívocos, de difícil classificação:

*Dilige luxuriam vitium cole destrue sancta
Iustitiam fuge sperne Deum Sathanam venerare*

para não falar de:

*I mus, gaude mus, ride mus nilque time mus,
Has caveas caveas, ne per eas pereas*¹.

O último verso lembra os trocadilhos do tipo *filia, sub tilia fila subtilia fila* ou *mala mali malo mala contulit omnia mundo*, "o queixo (*m̃ala,ae* f.) causou, pela maçã (*m̃alum,i* n.) do maligno, (*malus,a,um*) todos (*malum,i* n.) os males do mundo"². A fantasia dos professores e dos estudantes era ilimitada, neste particular, e se divertiam até mesmo com versos do tipo *les sua mi stultus calcaria viscitur obli*, onde os vocábulos *miles* e *obliviscitur* foram divididos, ou *al pi pen ca bas tot habet ni nas quot habet gras = pica tot habet albas pennas quot habet nigras*³.

Esses jogos de palavras nos parecem pueris e ridículos. Mas, não nos esqueçamos de que era por meio de exercícios escolares desta natureza que os grandes autores, cujo estilo admiramos, consegui-

¹ H. Walther, *op. cit.*, 5741 e 11331.

² H. Walther, *op. cit.*, 9495 e 14301.

³ H. Walther, *op. cit.*, 13672 e 749.

ram dominar o latim. A língua erudita se tornou um instrumento perfeito nas mãos de um São Pedro Damiano, de um Abelardo ou de um Salimbene de Adão.

Assim, o tesouro da cultura literária latina se manifesta na versificação. Por isto, após o ano 1000, o hexâmetro desenvolveu plenamente suas formas medievais. As rimas dissilábicas se generalizaram por toda parte pelo final do século XI e, nas escolas, todas as combinações possíveis eram estudadas cuidadosamente¹. O tipo mais freqüente era o hexâmetro leonino:

*In terra **summus** rex est hoc tempore **nummus**.*

Deste tipo se conheciam os *versus caudati*, cujos vocábulos do final dos versos formam rimas:

*Si quis huic mundo millenis militat **annis**,
Vix tandem fractis sibi dat stipendia **pannis**.*

Os versos *collaterales* ou *concatenati* apresentam o cruzamento ABAB:

*Noscere **defectus** delictorum **propriorum**
Plus habet **effectus** quam sidera nosse **polorum**,*

Os *cruciferi* (ou *crucifixi*) ABBA:

*Angelico **verbo** castus tuus intumet **alvus**,
Ut fieret **salvus** homo tentus ab hoste **superbo**.*

Unissoni ou *quadrigati* são dois hexâmetros com as rimas AAAA:

*Festa sonans **mando**, cum funere proelia **pando**,
Meque fugit, **quando** resono, cum fulmine **grando**.*

¹ Encontra-se uma análise detalhada da técnica em nossa *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 43, 66 e ss.

A cesura de todos esses versos é a quinta sílaba, mas há também outras estruturas do hexâmetro, como, por exemplo, uma combinação da terceira e da sétima sílaba: - ^ ^ ^ ^ - - / ^ ^ ^ ^ - - ^ ^ ^ ^ - - / ^ ^ ^ ^ - - ^ ^ ^ ^ - . Rimando-se os vocábulos diante dessas duas cesuras, são conseguidos os chamados versos *triniti salientes*:

*Stella maris quae sola paris sine coniuge prolem,
Iustitiae clarum specie super omnia solem.*

Buscando-se novos efeitos de rima, a antiga estrutura do hexâmetro foi desprezada, deixando, por exemplo, as cesuras se posicionarem entre o segundo e o terceiro, o quarto e o quinto pés do hexâmetro. Eis os primeiros versos de um poema de quase 3000 versos *tripartiti dactylici*, composto por Bernardo de Cluny:

*Hora novissima, tempora pessima sunt, vigilemus
Ecce minaciter imminet arbiter ille supremus:
Imminet, imminet, ut mala terminet, equa coronet,
Recta remuneret, anxia liberet, ethera donet.*

Se os hexâmetros são divididos em três partes iguais, fala-se de *adonici*:

*Dextera Christi, nos rapuisti de nece tristi,
Plasmata patris tollis ab atris leta barathris.*

Sendo possível toda sorte de combinações, os tipos mais complicados escapam aos sistemas escolares. Eis, por exemplo, alguns hexâmetros que apresentam quatro ou cinco rimas em cada verso, enlaçadas de uma maneira engenhosa:

*Tu requies, species, saties et manna saporis,
Nutrix, adiutrix, tutrix in agone laboris,
Tu libanus, platanus, clibanus per flamen amoris,
Balsamus et calamus, thalamus, spiramen odoris.*

Nos *versus serpentini* ou *decisi*, rima-se o último vocábulo de cada membro métrico com o primeiro do membro seguinte. Como

num poema em honra da Santa Virgem, que começa pelas seguintes palavras:

*Ave porta poli, noli te claudere mota,
Vota tibi grata data suscipe, dirige mentem
Entem sinceram, veram non terreat ater,
Mater virtutum etc.*

Na versificação lírica também, o desabrochamento das formas é visível desde o século XI. De poetas como Fromond de Tegernsee, Hermano de Reichenau, Alfano de Salerno, Ruperto de Liège, Dudon de Saint-Quentin mostram uma espantosa habilidade para imitar os versos mais difíceis de Horácio, de Prudêncio e de Boécio. Dudon inseriu em sua *Histoire des Normands* uns poemas escritos em versos glicônicos, asclepiadeus, falecianos, sáficos, adônicos e ferecrateanos, imita os modelos dados por Boécio - ^ ^ ^ - - ^ ^ ^ - - / ^ ^ ^ ^ - e - - - ^ ^ ^ - - // - ^ ^ ^ ^ - ^ ^ nos poemas que começam por:

*Rothomage tuus modo puer,
Marchio iure potens tibi datus...*

e

*Adducta, lector, nunc ratione,
Per conctos animum ordine sanctos
Propenso sensu porrige sollers...*

Ele compõe até mesmo novas estrofes como a seguinte, em que o primeiro verso é um adônico, o segundo um trimetro dactílico catalético, o terceiro um ferecrateano e o quarto um glicônico (- ^ ^ ^ - ^ ^ + - ^ ^ ^ - ^ ^ ^ - + - - - ^ ^ ^ - ^ ^ + - - - ^ ^ ^ - ^ ^ -):

*Doxa superna
Omnipotens columen,
Fomes sensificusque
Numen sidereum potens¹.*

¹ Ver nossa *Introduction*, p. 85 e Migne, *Lat.*, CXLI, col. 695, col 683 e col. 657.

Por volta do ano 1100, uma nova tendência pode ser constatada na versificação. Nos meios escolares franceses, a renovação do espírito humanista abriu os olhos dos poetas à beleza do verso clássico. Hildeberto de Lavardin, Marbode de Rennes e outros abandonam as rimas que haviam praticado com tanto sucesso para seguir mais de perto os modelos antigos. Um poeta como Gilon de Paris troca de estilo no meio de sua epopéia sobre a primeira cruzada com as palavras seguintes:

*Quod tamen incepti, sed non quo tramite coepi,
Aggrediar sensumque sequar, non verba sonora,
Nec patiar fines sibi respondere vicissim¹.*

No século XII, vários poetas preferiram o estilo clássico em seus poemas épicos, como, por exemplo, Gautier de Châtillon, em *Alexandreis*, e José Iscano, em *De bello Troiano*. Outros se servem ora da técnica clássica, ora da técnica medieval. Bernardo de Cluny diz que deseja satisfazer o gosto de todos, mas admite que o verso rimado carece de vigor²:

*Ne stupeas, lector, quia sepe Leonica sector:
Gratis grata sonis admisceo metra Leonis.
Nunc versus planos aro scilicet Ovidianos,
Nam querunt illos quidam, quidam magis istos.
Est aliud quare metra parco Leonis arare:
Versus enervat qui verba Leonica servat,
Nec succinctus erit qui dicta Leonica querit.
Ergo commixtos nunc illos, nunc sequor istos.*

Esperar-se-ia encontrar a mesma tendência clássica na poesia lírica. Mas aqui, a corrente tanto fluiu em sentido inverso, que a versificação clássica foi praticamente abandonada no século XII. Pode-

¹ Migne, *Patr. Lat.*, CLV, col. 985.

² Bernardo de Cluny, *De trinitate et de fide catholica*, 1063 e ss., ed. Halvarson, p. 38.

mos compreender também a razão disso. O hexâmetro rimado produzia um efeito estético discutível, como vimos acima, enquanto que o novo verso rítmico apresentava uma incomparável riqueza de formas que se adaptava muito melhor à necessidade dos poetas do que a versificação métrica, cujo caráter artificial estava demasiadamente manifesto.

É difícil apresentar em algumas páginas desenvolvimentos tão variados da versificação rítmica dessa época. Se começarmos pela seqüência, constataremos, a partir do ano 1000, uma tendência crescente para regularizar os versos e as estrofes dessa poesia¹. É por esta época que Wipon, morto em 1048, compôs sua célebre seqüência *Victimae paschali laudes* e que um autor anônimo compôs o poema *Laetabundus exultet fidelis chorus*, que apresentamos em nossa segunda parte. Nos dois poemas aparece claramente um esforço para a rima, embora os poetas não a tenham empregado sistematicamente. Os versos de cada estrofe são, assim, mais regulares do que nas seqüências da época precedente. A identidade dos versos é completa num poema atribuído pela tradição a Fulberto de Chartres (morto em 1028) e que se encontra entre as *Carmina Cantabrigiensia* num manuscrito do século XI. Eis aqui a primeira estrofe:

<i>Aurea personet lira</i>	<i>clara modulamina,</i>
<i>Simplex corda sit extensa</i>	<i>voce quindenaria;</i>
<i>Primum sonum mese reddat</i>	<i>lege ypodorica,</i>

"Que a lira de ouro entoe os cantos sonoros, a corda simples se estenda por quinze tons, a nota mediana produza o primeiro tom conforme a lei subdórica". Tal é a forma de todas as estrofes e antístrofes que, se tivéssemos apenas o texto, teria sido impossível decidir se

¹ Cf. nossa *Introduction*, p. 172 e ss.

se trata ou não de uma seqüência AA BB CC AB AA BB CC AB. Temos aqui o primeiro exemplo do novo estilo de seqüência que se torna cada vez mais freqüente no final do século XI. A forma preferida era a que encontramos no *Stabat mater*:

*Stabat mater dolorosa
Iuxta crucem lacrimosa,
Dum pendebat filius.*

Todas as estrofes foram compostas a partir desse esquema e só a melodia torna evidente que se trata de uma seqüência. Em Fulberto, o verso rítmico se compõe de 15 sílabas a partir da fórmula 8p + 7pp; aqui, a parte do verso diante da cesura é dobrada: 8p + 8p + 7pp. A-
dão de São Vítor (morto em 1192), que talvez seja o autor mais estimado de seqüências do novo estilo, utiliza freqüentemente a estrofe do *Stabat mater*, mas recorre também a outras formas empregadas nos hinos e cantos rítmicos. Assim, sua seqüência em honra de Santa Genoveva é composta de estrofes ambrosianas do tipo seguinte:

*Genovefae sollemnitās
Sollemne parit gaudium,
Cordis erumpat puritas
In laudis sacrificium.*

Portanto, pode-se dizer que a seqüência litúrgica, em geral, reaproximou-se do hino no que diz respeito à forma. O ritmo dos versos é rigorosamente medido e reaparece de vez em quando sob a mesma forma em todas as estrofes. A rima é dissilábica e dá aos versos a sonoridade que tanto se admira durante o último período da Idade Média.

Por outro lado, a versificação rítmica desenvolve à época de que nos ocupamos uma variedade considerável de formas novas e refinadas. Isto vem em grande parte da evolução da música em diversas vozes. Vimos que a melodia havia decidido parte da seqüência e

do tropo. Do mesmo modo, é da música que depende o texto do motete. No canto, são colocadas palavras sob as vocalises de melodias que acompanham o tenor litúrgico. Reconhecemos a técnica dos tropos no motete seguinte:¹

Doce- nos optime,
Vite fons, salus anime,
Mundo nos adime,
Rex unigenite,
Vena divite
cor imbue,
Os instrue,
Opus restitue
Manus strenue,
Vitam distribue,
Sint ut assidue
Due manus Lie,
Mens Marie,
Sint mutue
Plebi tue,
Perpetue
Vite spem tribue,
Que nos doce-bit.

Aqui, a voz baixa cantava o mote *docebit* do texto oficial, enquanto que a voz alta cantava o novo canto, cujas rimas em *-e* correspondem com a vogal do canto litúrgico. O motete é um *duplum*, cantado a duas vozes. Havia triplos e quádruplos também, nos quais se faziam cantar ao mesmo tempo três ou quatro textos diferentes em melodias diferentes. É uma técnica que pode parecer ao homem moderno um pouco estranha, sobretudo quando o motete deixa o domínio litúrgico e não se receia misturar textos profanos com sagrados. Adão de la Bassée, cônego de Lille (morto em 1286), compôs, por exemplo, um texto latino para ser cantado simultaneamente com um texto francês num triplo do qual ele diz: *Motetum de sancto spiritu*

¹ *Analecta Hymnica*, XXI, p. 198.

*super illud: "Et quant iou remir fon cors le gai', cuius tenuram tenet
'amor'.*

Eis o texto latino:¹

*O quam sollemnis legatio,
Qua tuum, Deus, filium
Unigenitum
Transmisisti, spiritum
Spirantem paraclitum,
Cuius radio
Pio nos cum filio
Visita
Lucis vita,
Mundum illuminans
Ac seminans
Vim amoris.*

Um outro canto politônico que tinha certo interesse para a verificação era o conduto.² Nessa composição, liberou-se da base litúrgica. O autor concebeu sua obra como uma unidade, compôs tanto a melodia quanto a letra. Todas as vozes cantam conjuntamente o mesmo texto, o que corresponde às idéias modernas. O conduto se compõe, freqüentemente, de várias estrofes, por vezes munidas de um refrão. É o caso, por exemplo, no pequeno canto a três vozes, de que damos aqui a primeira estrofe:³

*Veris ad imperia,
Eya,
Renascentur omnia,
Eya,
Amoris proemia,*

¹ *Analecta Hymnica*, XLVIII, nº 333. Cf. F. Gennrich, *bibliographie der ältesten franz. und lat. Motetten*, Darmstadt, 1957, p. 85 e ss.

² Para o desenvolvimento do termo *conductus*, veja-se J. Chailley, *Histoire musicale du moyen âge*, Paris, 1950, p. 325.

³ Ver F. Gennrich, *Formenlehre des mittelalterlichen Liedes*, Halle, 1932, p. 85 e ss., que dá também a música e mostra que o autor se inspirou num canto provençal.

Eya,
 Corda premunt saucia
 Querula melodia,
 Gratia
 Previa,
 Corda marcentia
 Media.
 Vite vernet flos
 Intra nos.

Os refrões, cantados por um coro ou pelo povo, formam uma parte característica dos rondós, de que também há exemplos latinos. O célebre chanceler da igreja parisiense, Filipe (morto em 1236), segundo a tradição, é o autor do canto seguinte, em que destacamos em itálico as partes do coro das do solista:¹

Novum ver oritur,
Letemur igitur,
 Iam flos egreditur,
Cesset tristitia,
 Floralia
 Gaudia
Dat Epiphania.

Hiems exstinguitur,
Letemur igitur,
 Estas reducitur,
Cesset tristitia,
 Floralia
 Gaudia
Dat Epiphania.

Meror excluditur,
Letemur igitur,
 Lusus revertitur,
Cesset tristitia,
 Floralia
 Gaudia
Dat Epiphania.

Estas observações já nos mostraram que na Baixa Idade Média, possuía-se um repertório de formas muito ricas; queremos neste

¹ *Analecta Hymnica*, XX, 102.

ponto destacar ainda alguns versos particularmente estimados pelos poetas dessa época. Num canto citado por Beda, o Venerável, e provavelmente composto já no final da Antiguidade, lemos o refrão *In tremendo die iudicii*, cujo ritmo pode ser descrito pela fórmula 4+6pp. A mesma forma retorna em outros refrões da Alta Idade Média e, pelo final do século XI, aparece como verso principal de um canto escrito pela ocasião da morte de Guilherme, o Conquistador, e cuja primeira estrofe é:¹

Flete vir,	lugete proceres,
Resolutus	est rex in cineres,
Rex editus	de magnis regibus
Rex Guillelmus	bello fortissimus.

É também pelos fins do século XI que aparecem um poema sobre o paraíso, atribuído a São Jubão, arcebispo de Lião em 1082, e, talvez, um tropo de São Marcial de Limoges que começa pelas palavras:²

Prima mundi	seducta subole
Turbati sunt	paradisicole
Fraude nota.	
Fraude nota	Adam condoluit,
Eve quoque	scelus inotuit,
Fit commota.	

No final do decassílabo utilizado nesses poemas, há sempre um vocábulo proparoxítono, mas diante da cesura a acentuação é facultativa. Este verso estava destinado a um grande sucesso no século XII e mais tarde, tanto na poesia latina quanto na românica. O céle-

¹ E. du Ménil, *Poésies populaires latines*, Paris, 1843, p. 294 e ss.; ver também minha *Introduction*, p. 153 e ss., e D'Arco Silvio Avalle, *Preistoria dell'endecasillabo*, Milão-Nápoles, 1963.

² Cf. minha *Introduction*, p. 152 e ss., e J. Chailley, *L'école musicale de Saint-Martial de Limoges*, Paris, 1960, p. 283. Segundo esse último, o manuscrito traz as leituras *Eva* e *monuit*, que modificamos para *Eve* e *innotuit*.

bre verso goliárdico tem uma origem semelhante. Nós o encontramos pela primeira vez num refrão, acrescentado a um hino de Marius Victorinus (século IV) *Miserere, Domine, miserere, Christe*. O refrão está dividido em dois hemistíquios, cada um com um ritmo bem marcado, mas com finais diferentes: 7pp+6p. Na Alta Idade Média, empregou-se esse verso como refrão, e um poeta moçárabe se serviu dele para compôr o canto *miserere, Domine, Miserere nobis*. Todavia, o emprego do verso é esporádico até o século XII, quando os poetas profanos dele se apoderaram. Parece que é ao gênio de Hugues d'Orléans que se deve a descoberta de todas as possibilidades desse verso. Ele criou os versos:

Filii burgensium, filii crumene,
Quos a scholis revocat cantus philomene,

após os quais, o verso goliárdico se tornou um dos mais freqüentes.¹ Os poetas satíricos preferem, principalmente, a estrofe que se compõe de três versos goliárdicos seguidos de um hexâmetro ou de um pentâmetro, quase sempre extraído de um autor clássico e rimando com os versos precedentes. Gautier de Châtillon, por exemplo, escreveu um poema conhecido que começa pela estrofe

Missus sum in vineam circa horam nonam,
Suam quisque nititur vendere personam.
Ergo quia cursitant omnes ad coronam,
Semper ego auditor tantum, numquamque reponam,

em que o quarto verso provém de venal (*Sat.* 1,1).²

Mas já é tempo de voltarmos à prosa, cujo desenvolvimento apresenta também alguns traços interessantes, inclusive quanto ao

¹ Ver nossa *Introduction*, p. 151 e ss.

² Gautier de Châtillon, *Moralisch-satirische Gedichte*, edição de K. Strecker, Heidelberg, 1929, p. 82.

ritmo. Sabe-se que a prosa clássica, os fins de frase são organizados de modo a formar combinações de sílabas longas e breves chamadas de cláusulas. Na época imperial, o sistema de cláusulas cada vez mais simplificado, até que, afinal, só se utilizaram estes três tipos:

1. ' _ ' // _ ' _ ' (por exemplo ducit ad-vitam)
2. ' _ ' // _ ' _ ' _ (por exemplo victa deserviat)
3. '~ ~ ~ // _ ' _ ' _ (por exemplo litteris indicare).

A vantagem desta simplificação era muito grande. Mesmo os autores do período da decadência, que já não dominavam as sutilezas da prosódia latina, podiam de certo modo dispor as palavras finais com base nos acentos. Também acontece que os acentos desempenham o papel principal, tornando a quantidade uma sutileza acessória. Enfim, o sistema quantitativo caiu em total desuso, permanecendo apenas os três tipos acentuais que mais tarde se chamaram *cursus*:

1. '~ ~ // ~ ~ ~ = *cursus planus*
2. '~ ~ // ~ ~ ~ ~ = *cursus tardus*
3. '~ ~ ~ // ~ ~ ~ ~ = *cursus velox*

No início da Idade Média, mesmo esses tipos acentuais eram pouco utilizados. Autores como Beda, o Venerável, ou Alcuíno, não se preocupavam mais com as cláusulas, enquanto outros como Paulo Diácono, Paulino de Aquiléia, Walfrido Strabon e Anastácio, o Bibliotecário, somente mostram certa tendência mais ou menos marcada, terminando as frases por um *cursus* rítmico. Isso prova, portanto, que a antiga tradição escolar ainda não estava completamente apagada e que as regras da prosa rítmica eram sempre ensinadas em algumas escolas.¹ No século XI, esta tendência foi transformada num uso regular em São Pedro Damiano e Alberico do Monte Cassino. Na célebre abadia italiana, o estudo da prosa rítmica foi particularmente

¹ Cf. G. Lindholm, *Studien zum mittellateinischen Prosarhythmus*, p. 7 e ss.

cultivada. É de lá que o monge João Caetano foi chamado a Roma em 1088 para reformar o estilo latino da chancelaria papal; ele voltou mais tarde sobre o trono de São Pedro sob o nome de Gelásio II.

Esse uso do *cursus* rítmico nas cartas dos papas suscitou um estudo assíduo desse meio de adornar a prosa. Em Roma, o chanceler papal Alberto de Morra, antigo monge do Monte Cassino, compôs uma *Forma dictandi* que publicou em 1187, após sua elevação ao trono pontifício. Em Bolonha, em Paris, em Orléans etc., outros *dictatores* de que possuímos várias *Summae* ensinaram e explicaram as regras da prosa rítmica. Os mestres italianos, em geral, recomendaram as três formas do *cursus* que acabamos de mencionar. Segundo suas regras, o *cursus planus* se compõe, por exemplo, dos vocábulos como *audíri compéllunt*, *confidénter audébo*, *violári non-pótest*, *operántur in-bónum*; o *cursus tardus*, de vocábulos como *tímet impéria*, *óvis ad-víctimam*; o *cursus velox* de *gáudia perveníre*, *sufficiant ad-volátum*, *ágere nimis dúre*, *dábitur regnum Déi*, *sápias per-te múltum*. Nos três últimos exemplos, encontramos a estrutura '~~~ // '~~ // '~~; o que quer dizer que se admitem duas cesuras na mesma cláusula, estrutura desconhecida em épocas precedentes. Os mestres franceses se distanciaram ainda mais dos modelos antigos. Eles consideraram como legítima a cláusula sem cesura, ou seja, aquela que consiste num só vocábulo. De acordo com eles, o vocábulo *dámpnationem*, por exemplo, forma um *cursus planus*. Além do mais, eles acrescentaram aos três tipos estáveis um quarto que chamaram *cursus trispondaicus*, em que há três sílabas inacentuadas entre duas sílabas acentuadas. É o tipo que encontramos numa cláusula como *dóna sentiámus*, cuja estrutura é '~~ // ~~'~~. No *cursus trispondaicus*, um só vocábulo é suficiente para constituir uma cláusula regular, ci-

tando-se, entre outros exemplos, a palavra *cómpositíone*.¹ É difícil de resolver, de uma maneira definitiva, os problemas que o exame das cláusulas num texto medieval põe em evidência. Primeiro, é preciso determinar onde se encontram as pausas do discurso segundo a intenção do autor. Depois, a acentuação de certos grupos de vocábulos ainda pouco conhecida. Sabemos que, no latim falado da Antigüidade, os pronomes relativos, as preposições, as conjunções e algumas formas do verbo *esse* não possuíam acento e que outros vocábulos, como os pronomes pessoais e possessivos, podiam ser acentuados ou não, dependendo do contexto. No latim medieval, a acentuação parece ter sido quase sempre a mesma, mas, nesta língua escolar, as regras da pronúncia dependiam muito do ensino, cujos detalhes nos escapam. Entretanto, quando o professor italiano dá como exemplo de *cursus planus* os vocábulos *bonum no potest* e *operantur in bonum*, é evidente que ele acentuou *non-pótest* e *in-bónum*, apesar da quantidade da sílaba acentuada. Por outro lado, um *cursus velox* como *rapias per te multum* mostra que o professor disse *pér-te*, tratando os dois monossílabos como um só vocábulo, acentuado segundo as regras ordinárias. Os *dictatores* observaram este fenômeno, que chamaram de *consillabicatio*, sem nos dar, infelizmente, sua definição precisa.² É necessário encarar os problemas de método e analisar os textos com muita circunspecção, antes de traçar os quadros estatísticos necessários para o exame do ritmo na prosa. Um estudo recente³ nos mostra que, na Baixa Idade Média, os autores se serviram largamente de cláusulas regulares e que as exceções são devidas quase

¹ Ver G. Lindholm, *op. cit.*, p. 16 e ss.

² G. Lindholm, *op. cit.*, p. 74 e ss.

³ G. Lindholm, *op. cit.*, p. 187 e ss.

sempre a condições particulares. Assim encontramos em Pedro da Vinha, que viveu pelos meados do século XIII, a seguinte divisão: *cursus planus* 24,9%, *cursus tardus* 2,5%, *cursus velox* 68,9%, *cursus trispondaicus* 2,5%, outros tipos 1,2%. As cifras são vizinhas das de Cola de Rienzo, um século mais tarde: *cursus planus* 10,7%, *tardus* 1,6%, *velox* 84,2%, *trispondaicus* 1,9%, outros tipos 1,6%. É claro que esses dois autores preferiram os *cursus velox*, que admitiram o *cursus planus*, mas tentaram evitar os outros tipos. Dante, cujo estilo latino ainda é efetivamente medieval, serve-se também, frequentemente, do *cursus tardus*. Em sua obra, os números correspondentes são: *cursus planus* 31,8%, *tardus* 21,1%, *velox* 45,3%, *trispondaicus* 0,9%, outros tipos 0,9%. Os três tipos que a escola italiana recomendou constituem conjuntamente, em Pedro da Vinha, 96,3% de todas as cláusulas, em Cola de Rienzo, 96,5% e em Dante, 98,2%. Em Petrarca e Bocácio, esses números descem a 74,0% e 68,7%, atingindo, em Gasparino Barzizza e Enéa Sílvio, no início do século XV, 48,0% e 52,5%. Isto quer dizer que os dois últimos, representantes típicos da Renascença plena, abandonaram o sistema medieval, despreocupando-se completamente com o ritmo final. Entretanto, é interessante observar que Enéa Sílvio, tornado papa, cede à antiga tradição que ainda era viva na chancelaria papal. Ali, o emprego do *cursus* foi conservado até Leão X (papa de 1513 a 1521) que fixou em sua corte como secretário, entre outros, o célebre humanista Pietro Bembo. Este, cujo latim se distingue por sua elegância ciceroniana, livrou definitivamente a chancelaria romana dos últimos traços do estilo da Idade Média.

O estudo do *cursus* rítmico nos faz ultrapassar os limites da Idade Média. Mas, antes de terminar nossa exposição sumária, é ne-

cessário acrescentar algumas palavras sobre o desenvolvimento do latim durante os últimos séculos desta época.

Constatamos que são, sobretudo, as escolas episcopais que deram aos letrados dos séculos XI e XII a preparação lingüística minuciosa que permitiu o progresso brilhante da literatura latina deste período. Mas, a partir do século XIII, a situação mudou-se rapidamente. Nas universidades que substituíram, em número sempre crescente, as escolas episcopais, a dialética superou a gramática, os fatos atraíram o interesse dos estudantes muito mais que a forma elegante, abandonaram-se os autores clássicos para se entregarem ao estudo da Teologia, do Direito, da Medicina, da Filosofia e das ciências. Os próprios gramáticos mudaram de método. Eles já não se ocupavam mais em buscar o uso correto nos modelos antigos, mas tentavam resolver os problemas lingüísticos por meio de sua própria especulação. A finalidade da gramática deixou de ser o de facilitar o estudo das obras-primas da literatura latina, mas sim o servir de introdução ao estudo da Lógica. Disso resultou que o latim escolástico perdeu o contato com as belas letras e se tornou cada vez mais técnico.

A novidade que apresenta o latim, desde a fundação das universidades e da dominação da escolástica, aparece principalmente no vocabulário. A nova especulação tinha necessidade de uma nova terminologia para exprimir com precisão científica suas análises e seus raciocínios. Numerosos neologismos escolásticos tiveram uma fortuna durável, por exemplo, os termos abstratos *prioritas* e *superioritas* derivados de *prior* e *superior*, os verbos do tipo *organizare* e *specificare*, com os substantivos correspondentes *organizatio* e *specificatio*, uma grande quantidade de substantivos em *-alitas* derivados de adjetivos em *-alis*, como *actualitas*, *causalitas*, *formalitas*, in-

dividualitas, potencialitas, proportionalitas, realitas, spiritualitas, substantivos em -ista como *artista, iurista, decretista, occamista, thomista, scotista, platonista, latinista, humanista*.¹ Ainda dizemos *disputare pro et contra* ou *a priori, a posteriori*, expressões empregadas no ensino da dialética; uma compilação de sermões ainda é chamada em alemão *Postille*, do latim *postilla*, abreviação das palavras *post illa verba*, pelas quais se começavam nessa época a explicação de um texto. Outras inovações da escolástica foram mais efêmeras ou mudaram de sentido, como, por exemplo, *quodlibetum*, debate geral em que os auditores podiam propor qualquer problema, *quodlibet*, à análise dos professores, ou as formalizações pouco fantasistas do tipo *haecitas, ipseitas, talitas, quiditas, perseitas, velleitas, anitas* (resposta à questão *an sit aliquid*) etc. A vitória do aristotelismo introduziu um novo afluxo de helenismos. Santo Tomás de Aquino, por exemplo, introduziu vocábulos como *epicheia, eubolia, synderesis, theandrica*, expressões subjacentes de Aristóteles que explicam o emprego de vocábulos latinos como *habitus, accidens, forma, materia, intellectus agens* etc. Até mesmo do árabe se tomaram muitos vocábulos, alguns dos quais ainda têm uma descendência viva: *algebra, algorismus, cifra, alchimia, chimia, elixir, camphora* etc.

Mas estas são, sobretudo, a simplicidade da sintaxe e a monotonia do estilo que caracterizam o latim escolástico. Acrescentem-se novos argumentos por um *item*, um *amplius* ou um *praeterea*, repetidos ao infinito. A Lógica exigia uma precisão impecável das expressões latinas, mas não uma variação segundo as regras da retórica. Defendeu-se o emprego de imagens que animavam o estilo: a auste-

¹ Ver G. Billanovich, *Rivista di cultura classica e medioevale*, VII, 1965, p. 143 e ss.

ridade do pensamento exigia uma absoluta aridez estilística. Tomava-se do antigo francês o artigo *ly* para designar uma citação, para evitar toda possibilidade de equívoco. Assim se exprime Santo Tomás, falando do Filho, em seu tratado de Santíssima Trindade: *Melius est quod dicatur 'semper natus', ut ly 'semper' designet permanentiam aeternitatis et ly 'natus' perfectionem geniti*.¹

O latim da escolástica é uma criação admirável. A língua que durante séculos havia sido cultivada pelos poetas e oradores, tinha plasticidade suficiente para ser remodelada a partir de exigências do novo movimento e se tornar um instrumento admirável ao serviço do pensamento dos lógicos e metafísicos. Mas estes, que haviam acostumado seus ouvidos à música da eloquência ciceroniana, achavam desagradável esse latim. Sua reação também foi violenta. Desde o século XIV, os amigos das letras se empenharam numa luta implacável contra o latim técnico da cultura dialética. Em seu entusiasmo pela beleza da literatura clássica, eles rejeitaram tanto a língua da escolástica como tudo que havia sido criado após a Antigüidade. Para Petrarca e seus partidários, somente os antigos produziram o modelo de uma eloquência latina. Depois de sua época, o estilo latino se degenerou durante um período de barbaria inaudita que era necessário abandonar o mais rápido possível para extrair a civilização romana de seu longo exílio.

¹ *Summa theologiae*, I a, q. 42, a. 3, ad 4um. Para o latim da escolástica, ver F. Blatt, *Fra Cicero til Copernicus*, Copenhagen, 1940, p. 127 e ss., M.-D. Chenu, *Introduction à l'étude de saint Thomas d'Aquin*, Montreal, 1950, p. 84 e ss., M. Hubert, *Quelques aspects du latin philosophique aux XII^e et XIII^e siècles*, *Revue des études latines*, XXVII, 1949, p. 211 e ss., idem, *Notes de latin médiéval*, *ibidem*, XXX, 1952, p. 307 e ss., A. M. Landgraf, *Dogmengeschichte der Frühscholastik*, Ratisbona, 1952, p. 20 e ss., L. Schutz, *Thomas-Lexicon*, Paderborn, 1895, R. J. Deferrari, I. Barry et J. J. McGuinness, *A Lexicon of St. Thomas*, Washington, 1949-1953.

Não podemos seguir aqui o jogo complicado cujo resultado foi o retorno das belas letras e a vitória das idéias da Renascença. O estudo aprofundado das fontes antigas estimulou o desenvolvimento intelectual e libertou as forças dinâmicas do humanismo de suas prisões. Mas, para o latim, o sucesso da Renascença foi desastroso. Os gênios da literatura renunciaram logo a se exprimirem numa língua em que a imitação era o princípio supremo e na qual o normativismo rigoroso quase não dava liberdade de expressão. Os sábios seguiram mais tarde o seu exemplo, quando descobriram as limitações do uso da língua escolar. Após a Renascença, o latim deixou de se desenvolver e sua história deixou de apresentar interesse do ponto de vista lingüístico, tornando-se o que se costuma chamar de língua morta.

Aí está uma imagem que facilmente se presta a equívocos. Frequentemente se tem discutido a questão de saber se o latim da Idade Média é uma língua morta, viva ou semiviva; discussão realmente pouco frutífera, pois a língua não é um organismo que nasce, cresce, se envelhece e morre, mas um meio de comunicação entre os homens, que pode funcionar bem ou mal.

Se examinarmos o latim medieval desse ponto de vista, poderemos imediatamente constatar os limites sociais de seu emprego. Desde o momento, variável segundo a região, em que o latim deixou de ser compreendido por todo o povo, seu uso passou a ser limitado a uma camada exclusiva da população. O latim já não era uma língua materna, mas uma língua escolar, cujos segredos eram inacessíveis à maior parte da sociedade. Por outro lado, o latim medieval já não conhece limites políticos. No império romano, o latim tinha sido uma língua nacional, cuja difusão ia junto com o da administração romana. Na Idade Média, seu sucesso vem do fato de ser ele a língua do

cristianismo ocidental. Foi a língua erudita não somente na antiga România, mas também na Irlanda, na Inglaterra, na Alemanha, na Hungria, na Polônia, nas regiões escandinavas. Em todas essas regiões, os sábios se serviram do latim, oralmente e por escrito, no ensino, nas diversas funções da vida política e administrativa, e nos conventos e igrejas. Nesses círculos, a vida da língua erudita não foi artificial. O latim seguiu o desenvolvimento da civilização, incorporando os vocábulos necessários para exprimir as novas idéias e adotando uma estrutura mais simples. Essa atitude do latim medieval, de se transformar a partir das necessidades dos homens, mostra-se sobretudo em dois domínios: na lírica e na escolástica. Na mesma época em que se construíam as grandes catedrais, quando Leonino, Pérotin e outros mestres criavam a música polifônica, os autores compuseram poemas latinos que, pela riqueza de sua forma e de sua sonoridade, fazem época na literatura ocidental. A revolução lingüística da escolástica foi tão imponente, embora tenha sido orientada noutra direção, para a precisão lógica e exatidão monótona que exigia o ensino das universidades. Tanto num caso quanto noutro, o latim medieval mostrou sua capacidade de servir de meio de expressão, artística ou técnica segundo as necessidades.

O estudo da língua latina da Idade Média ainda se encontra em seus primeiros passos. Depois da Renascença, é a literatura antiga que se fez objeto preferido das investigações dos sábios. Ora, essa literatura já é resultado de uma atividade crítica: ao fim da Antigüidade, somente as obras julgadas dignas de serem preservadas e que representavam algum interesse da época foram transcritas do papiro para o pergaminho. A literatura da Idade Média nunca foi depurada. Sua extensão é enorme, a maior parte dela foi estudada de maneira superficial, bastantes domínios ainda permanecem desconhecidos, a

produção artística está freqüentemente submergida pela maré das obras sem interesse. É uma tarefa urgente e frutífera que se comece o estudo de uma matéria tão pouco explorada. Mas é necessário, primeiramente, preparar os instrumentos indispensáveis, sem os quais toda a tentativa de penetrar nesse domínio é destinada ao fracasso.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

A maior parte dos textos citados encontra-se nas seguintes grandes coleções:

Analecta Hymnica = C. Blume, G. M. Deves, H. Bannister, *Analecta hymnica medii aevi*, I-LV, Leipzig, 1886-1922 (citamos os números dos poemas).

Corpus Christianorum, I-. Turnhout, 1953- DIEHL, E. *Inscriptiones Latinae Christianae veteres*, I-III. Berlim, 1924-1930.

MIGNE. *Patr. Lat.* = *Patrologiae cursus completus. Series Latina*.
MGH = *Monumenta Germaniae Historica, Auct. ant.* = *Auctores antiquissimi*.

Dipl. karolin., I = *Die Urkunden der Karolinger*, I.

Epist. = *Epistolae*.

Leg. sect. = *Legum sectiones*.

Mer. = *Scriptores rerum Merovingicarum*.

PAC = *Poetae aevi Carolini*.

Script. = *Scriptores*.

THUROT, Ch. *Notices et extraits de divers manuscrits latins pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales au moyen âge*. Paris, 1869.

WALTHER, H. *Proverbia sententiaeque Latinitatis medii aevi*. Goettingue, 1963-

Para os outros textos citados serão encontradas indicações bibliográficas suficientes nas notas de pé de página.

O léxico do latim medieval tem sido objeto de numerosos estudos. Citaremos os títulos dos dicionários mais importantes nas notas das páginas 68 e 69, quando estaremos tratando do "latim medieval após o ano 1000". Os manuais e tratados que mencionaremos mais freqüentemente são os seguintes:

BASTARDAS PARERA, J. *El latín medieval hispánico*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 251-290.

———. *Particularidades sintácticas del latín medieval*. Barcelona, 1953.

BECKMANN, G. A. *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs im Spätlatein und im Französischen*. Tubingue, 1963.

BONIOLI, M. *La pronuncia del latino nelle scuole dell'Antichità al Rinascimento*, I. Turim, 1962.

BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*. 5ª ed. Paris, 1967.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *El latín de la península ibérica, Rasgos lingüísticos*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 153-197.

———. *El latín de la liturgia hispánica, Estudios sobre la liturgia mozárabe*. Madri, 1965, p. 55-87.

ELFVING, L. *Étude lexicographique sur les séquences limousines*. Estocolmo, 1962.

FICKERMANN, N. *Thietmar von Merseburg in der lateinischen Sprach-tradition, Jahrbuch für die Geschichte Mittel- und Ostdeutschlands*, VI, 1957, p. 21-76.

HALVARSON, K. *Bernardi Cluniacensis Carmina De trinitate et de fide catholica, De castitate servanda, In libros regum, De octo vitiis*. Estocolmo, 1963.

HOFMANN-SZANTYR = HOFMANN, J. B. *Lateinische Syntax und Stilistik*. 2ª ed. por A. Szantyr. Munique, 1965.

LEHMANN, P. *Erforschung des Mittelalters*, I-IV. Stuttgart, 1959-1962.

LINDHOLM, G. *Studien zum mittellateinischen Prosarhythmus*. Estocolmo, 1963.

LÖFSTEDT, B. *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*. Upsala, 1961.

———. *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*. Upsala, 1965.

LÖFSTEDT, E. *Late Latin*, Oslo, 1959.

———. *Syntactica*, I-II, Lund, 1933-1942.

———. *Vermischte Studien zur lateinischen sprachkunde und Syntax*, Lund, 1936.

MEYER, W. *Gesammelte Abhandlungen zur mittellateinischen Rhythmik*, I-III. Berlin, 1905, 1936.

MOHRMANN, Chr. *Études sur le latin des chrétiens*, I-III. Roma, 1958-1965.

NORBERG, D. *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*. Upsala, 1943.

———. *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*. Upsala, 1944.

———. *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*. Estocolmo, 1958.

———. *La poésie latine rythmique du haut moyen âge*. Estocolmo, 1954.

ÖBERG, J. *Serlon de Wilton, Poèmes latins*, Estocolmo, 1965.

RICHE, P. *Éducation et culture dans l'Occident barbare, VI^e- VIII^e siècles*. 2^a ed. Paris, 1967.

THORSBERG, B. *Études sur l'hymnologie mozarabe*. Estocolmo, 1962. VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au latin vulgaire*. 2^a ed. Paris, 1967.

WESTERBERGH, U. *Chronicon Salernitanum, A Critical Edition with Studies on Literary and Historical Sources and on Language*. Estocolmo, 1956.